



EM CAMPINA GRANDE

Salão do Artesanato termina, hoje, registrando recorde nos negócios

Expectativa é de que vendas atinjam a marca dos R\$ 2 milhões, praticamente o dobro do ano passado. **Página 3**

Foto: Fabiana Veloso



Faturamento está superando todas as previsões da organização. Na terça-feira, as vendas já haviam alcançado R\$ 1,6 milhão



Ilustração: Tônio

Rota Cultural Caminhos do Frio vai começar pela cidade de Areia

A 18ª edição do evento turístico começa amanhã, e prefeitura espera receber pelo menos 20 mil visitantes durante o período. Ao todo, a Rota contempla 10 municípios no inverno deste ano.

Página 8

Foto: Roberto Guedes



Férias de julho ameaçam o orçamento das famílias

Despesas extras com passeios e alimentação durante o período elevam os gastos familiares.

Página 17

Fé e bandeiras sociais marcam Arquidiocese

Entidade está prestes a completar 130 anos. Conheça sua história e transformações pelas quais passou.

Página 25

■ A expressão popular “a cobra vai fumar” significa que algo está para acontecer... Sua origem vem de uma afirmação irônica na II Guerra Mundial”.

Rui Leitão

Página 2

■ “Vou escrever sobre a biblioteca pobre de contemporaneidade, cheia de poetas mortos e de livros amarelados e feios”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

Pesquisa revela o hábito de fingir produtividade no trabalho

Mais de 80% dos profissionais simulam ocupação para parecerem mais produtivos e evitarem demissões.

Página 18

Foto: Edson Matos



Memórias

Poeta diz que Clodovil “salvou” Correio das Artes

Sérgio de Castro Pinto lembra que prêmio nacional e elogios de colunista social na TV evitaram fechamento do suplemento.

Páginas 14 e 15

Quatro décadas focado na “cura” de brinquedos

Francisco Cavalcanti mantém “hospital” especializado na arte de consertar brinquedos.

Página 6

Foto: Ortilo Antônio



ARTESANATO

Vendas no Salão podem alcançar os R\$ 2 milhões

Evento que termina, hoje, em Campina Grande, superou expectativa inicial

Giovannia Brito
gibritosilva@hotmail.com

O Salão do Artesanato de Campina Grande chega ao fim hoje, com a expectativa de recorde de vendas de todas as feiras já realizadas na cidade. A 36ª edição poderá alcançar os R\$ 2 milhões. Até a última terça-feira, R\$ 1,6 milhão já haviam sido movimentados com a venda de peças artesanais, alimentos, bebidas e outros produtos como cordéis.

Os números atestam o seu desempenho acima das projeções feitas e já o colocam como o melhor de todos. No ano passado o evento teve pouco mais de R\$ 1 milhão em negócios.

Até a última terça, quando a coordenação realizou a parcial dos negócios, 49.677 peças tinham sido comercializadas. Também foi constatada uma média diária superior a R\$ 81 mil em vendas.

A 36ª edição é considerada de êxito e a garantia de negócios para os próximos meses, visto a quantidade de peças já encomendadas aos artesãos. Para a gestora do Programa do Artesanato na Pa-

raíba, Marielza Rodrigues, alguns aspectos e condições contribuíram para que o Salão alcançasse saldo recorde em comercialização na Rinha da Borborema. “Além do local do evento, escolhido cuidadosamente pelo governador João Azevêdo, atribuímos o sucesso a mais dois fatores fundamentais: a programação folclórica da praça de alimentação, que está altamente atrativa, com nomes muito populares da cultura de Campina Grande e região, tendo, pela primeira vez na história dos salões, apresentação das quadrilhas juninas, e a divulgação em massa da feira, não somente feita pelas assessorias de comunicação do Governo e do Sebrae, mas efetivamente com participação de mídia espontânea de maneira muito forte e do boca-a-boca nas redes sociais. Tivemos *outdoors* em Campina e João Pessoa, *busdoors*, *spot* para rádio, VT em televisão e redes sociais etc.”, explanou.

Um dos casos de sucesso dentro da 36ª edição são os produtos em couro de caprino, comercializados por

Peças

Até a última terça-feira, já haviam sido comercializadas no Salão do Artesanato 49.677 peças. O volume diário de vendas é de, em média, R\$ 81 mil

artesãos da cidade de Cabaceiras, no Cariri paraibano, integrantes da Cooperativa Arteza. Desde a abertura, foram vendidos cerca de mil peças entre sandálias, cintos, bolsas, chapéus, mochilas, chaveiros, porta celular e outros. Os comerciantes comemoram as vendas. Ao todo, cinco pessoas foram inscritas e estão diariamente no Salão, representando os 23 cooperados. As vendas foram tão positivas que eles necessitaram

ir várias vezes à cidade para pegar novos produtos. “Nos- sos itens têm qualidade e história, então fica mais fácil vender. Estamos muito felizes pelos resultados alcançados em Campina Grande”, afirmou o artesão e diretor administrativo e financeiro da Arteza, Lucas Castro.

O Salão é considerado uma grande vitrine para eles, que estão presentes e representando cerca de 300 pessoas que trabalham direta e indiretamente na cooperativa. “Este ano, também tivemos a sorte de ficar um estande com maior visibilidade, o que deu para trabalhar os nossos produtos de forma mais adequada com os visitantes”, frisou.

Conforme explicou, alguns itens têm se sobressaído melhor nas vendas. “Como trabalhamos com uma variedade muito grande de peças, acabamos por vender um pouco de tudo, porém, como os cintos, que têm uma saída muito boa, assim como as carteiras femininas e masculinas, e sandálias, até porque são produtos mais baratos, então giram mais”.



Produtos de couro caprino estão entre os mais procurados na 36ª edição do evento, que deve ser encerrada com recorde de vendas em CG



Fotos: Fabiana Veloso

Doces, queijos e cachaça atraem compradores

Outra tipologia que alcançou vendas expressivas foi o crochê, visto que é o produto com o maior número de artesãos inscritos no edital e também pela diversidade de peças que esse ofício oferece, desde o vestuário até peças de mesa posta e decoração.

Aos que apreciam a gastronomia nordestina, o Salão 2023 teve um atrativo a mais aos que passaram pela praça de alimentação. Nos balcões e prateleiras dos estandes se destacavam os do-

ces, cocadas, bolos, biscoitos, queijos, geleias, queijos de leite de vaca e de cabra, salames, mel, cachaça e tantos outros que chamavam a atenção dos visitantes tanto pelo aroma como pela apresentação de cada produto, cuidadosamente embalados, com o intuito de agregar valor.

“Sem dúvida alguma estou participando da melhor edição do Salão. A movimentação está intensa desde a abertura, e isso fez com

que tivesse muitas vendas do nosso doce. Além disso, trouxemos uma variedade maior e cada pessoa que passa por aqui, chamamos para provar e ver como são bons”, disse a doceira Ana Lígia Silva.

O Salão contou com cerca de 500 expositores de várias tipologias e fez uma homenagem à Feira Central de Campina Grande, com o tema “Tudo Vira Arte na Feira de Campina”, enchendo o espaço de cor e energia. “O Salão é fruto de um trabalho realizado o ano

inteiro junto aos artesãos, que, nesta época, ganham uma visibilidade ímpar para obter renda extra e oportunidade de negócios futuros. Reunimos num só lugar opções para todos os gostos e bolsos que satisfazem visitantes e artesãos”, disse Marielza.

Este ano, a estrutura foi montada em uma área da Avenida Brasília, no bairro do Catolé, por onde passam milhares de pessoas todos os dias, entrando e saindo de Campina Grande.

Alimentos são arrecadados para ação social

O evento, além de grande vitrine para os artesãos, ainda cumpre um papel social arrecadando alimentos para famílias carentes. A entrada no evento é gratuita, porém, as pessoas podem contribuir ao acessar

o Salão, doando um quilo de alimento não perecível.

Até a última terça-feira, já haviam sido doados mais de 1,6 mil quilos de alimentos, segundo o presidente da Fundação Padre Zé, Egídio de Carvalho.

“Esses alimentos serão distribuídos com as instituições que cuidam das pessoas mais fragilizadas da nossa sociedade na cidade de Campina Grande. É um gesto importante e fundamental para milhares

de pessoas que hoje vivem grandes dificuldades para se alimentar”, informou.

Os visitantes podem contribuir entregando na entrada do evento um quilo de alimento não perecível.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

HUGO MOTTA SOBRE ROMERO: “PRECISA SE RESOLVER NO GRUPO POLÍTICO DO QUAL FAZ PARTE”



Foto: Agência Câmara de Notícias

Semana passa e mês se encerra, mas o nome do deputado federal Romero Rodrigues (Podemos) não sai do radar do Republicanos. Reiteradamente e de forma pública, o partido escancara o desejo de ter o parlamentar filiado às suas fileiras para disputar a Prefeitura de Campina Grande contra Bruno Cunha Lima, que está no PSD, mas, isolado na legenda, tende a migrar ou para o União Brasil ou para o MDB. Pelo Republicanos, quem tem tratado sobre o convite a Romero para ingressar no partido é o presidente da ALPB, Adriano Galdino, e o deputado Murilo Galdino. O presidente da legenda na Paraíba, deputado federal Hugo Motta (foto), tem se postado de modo mais, digamos, equidistante sobre a questão. Mas, recentemente, fez menção ao fato, de algum modo cobrando uma definição de Romero. “Primeiro, ele precisa se resolver no grupo político do qual faz parte. O nosso partido, através do presidente Adriano Galdino, tem conversado constantemente com Romero, porque eles já têm uma relação de muito tempo”, disse, destacando que “esse é um processo que vem sendo construído naturalmente”.

“ELE ATROPELA E TRATORA”

Nilvan Ferreira, que se coloca como como pré-candidato a prefeito de João Pessoa, afirma que o presidente estadual do PL, Wellington Roberto, “atropela, tratora para criar cizânia”. Ele contesta a decisão da cúpula partidária de apoiar a pré-candidatura do ex-ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, em detrimento da sua.

“NÃO É LIDERANÇA EM JP”

Para Nilvan Ferreira, Wellington Roberto quer eliminar a candidatura dele e a do deputado Wallber Virgulino, em Cabedelo, porque teme perder o comando do PL. “Ele acha que isso é um ameaça ao poder dele, quando não é. Mas ele não é liderança em João Pessoa e não tem como se sobrepor às lideranças daqui”, afirmou.

“PARA NEGOCIAR O PARTIDO”

“Se o candidato dele não empinar, ele [Wellington Roberto] fica livre para negociar o partido no segundo turno [em João Pessoa], essa é a estratégia dele”, disse Nilvan numa emissora de TV. No que diz respeito a Cabedelo, onde a direção estadual do PL decidiu apoiar o processo de sucessão conduzido pelo prefeito Vitor Hugo, ele afirma que “negociaram o PL em Cabedelo, sem conversar com as lideranças, isso é um desrespeito”.

NOVAS FILIAÇÕES AO REPUBLICANOS

Após o adiamento do evento de novas filiações ao Republicanos, em Campina Grande – estava marcado para o dia 30 passado –, o deputado Hugo Motta informou que ele será realizado na primeira quinzena deste mês. E confirmou que Romero Rodrigues estará presente. O dia ainda será definido pelo diretório municipal.

PSB DEVERÁ APOIAR KARLA

O PSB não lançará candidatura própria no município do Conde, na eleição do próximo ano, afirma Tibério Limeira, que preside o diretório do partido em João Pessoa. “No Conde, há uma perspectiva grande de apoio à reeleição da prefeita Karla Pimentel, do Solidariedade, que tem a liderança do deputado Eduardo Carneiro”.

“APOIO INTEGRAL DO PARTIDO”, DIZ TIBÉRIO SOBRE RICARDO BARBOSA

Tibério Limeira se posicionou sobre o processo eleitoral em Cabedelo para 2024, ressaltando que o PSB tem seu pré-candidato a prefeito, o ex-deputado Ricardo Barbosa. “Ele conta com o apoio integral do partido, do governador João Azevêdo. Vamos trabalhar forte para elegê-lo prefeito, para que a cidade tenha um outro perfil de gestão”, disse. Barbosa preside a Companhia Docas na cidade portuária.

Fotos: Marcos Russo



Pollyana Dutra

secretária do Desenvolvimento Humano da PB

“O Governo da PB lançou uma rede de segurança alimentar”

Secretária destaca que o Estado irá criar programa de acesso às cisternas de placa e à água potável

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Ex-prefeita, ex-deputada estadual e atual secretária da pasta de Desenvolvimento Humano na Paraíba, Pollyana Dutra acumula experiência consolidada na vida pública e política, mas não esquece dos percalços e obstáculos que foram necessários atravessar. Desde a falta de um sobrenome que lhe garantisse status, até a violência política de gênero, Pollyana Dutra assumiu os desafios que lhe foram impostos, tanto no campo político, quanto pessoal. Nessa entrevista ao Jornal A União, Pollyana Dutra fala sobre sua trajetória na vida pública, os ataques diretos e violentos que sofreu e como ela usou essas situações como combustível e os desafios de gerir uma das pastas mais complexas e sensíveis da Paraíba.

Entrevista

■ Em 2008 a senhora disputou a Prefeitura de Pombal concorrendo com o grupo político do seu marido (falecido em 2007). É possível medir os impactos desse processo do ponto de vista político e de gênero, uma vez que a política, especialmente, aqui na Paraíba, ainda é um espaço ocupado por poucas mulheres?

É possível falar da medição do grau de violência que você recebe, que é difícil de quantificar, mas é fácil de falar. Minha participação nas eleições de 2008 foi fruto de um apelo popular. Não tenho padrinhos, nem sobrenome político e sou do Sertão, onde existe a ideia de que a mulher é do privado e o homem é do público. A força braçal era do homem, de que a mulher tinha que casar cedo e procriar.

Mas eu sempre fui muito rebelde. Tinha a certeza de que o Sertão era uma região promissora e entendi que aquele era um caminho que estava abrindo para outras mulheres do Sertão. Então, eu ganhei como pessoa e como política. Não recebi influência de nenhuma classe política. Essa influência veio do povo, do campo progressista, do chão da fábrica, dos assentamentos, dos trabalhadores rurais, das mulheres do Bolsa Família... Quando povo se determina a algo, isso é muito forte.

Assumi a prefeitura (de Pombal) muito jovem, sem padrinho e foi muito desafiador, mas, existe um sentimento de solidariedade entre nós mulheres de querer fazer o certo.

■ Em 2018, a senhora se elegeu deputada estadual. Como avalia a experiência na Assembleia Legislativa?

Primeiro, preciso dizer do quanto foi difícil chegar até lá. Enquanto prefeita, desenvolvemos um consórcio regional para discutir temas comuns e isso criou uma identidade com a região. Na medida em que organizávamos a rede de alta complexidade da saúde, dialogávamos com toda uma região, que entendeu que precisava de uma representação na Assembleia Legislativa. Então, eu coloquei meu nome na disputa numa campanha regionalizada, a partir do sentimento de um povo que queria uma representação na Casa de Epitácio Pessoa. Assumindo o mandato, passei por todo tipo de violência que se possa imaginar. Chegar lá do Sertão, sem lenço e sem documento, numa



Qualquer programa só terá êxito se proporcionar a autonomia financeira das pessoas

Pollyana Dutra

casa em que todas as 36 cadeiras têm “dono”, você passa a sofrer todo tipo de preconceito e misoginia. Porém, não me vitimizei. Era como se isso fosse mais combustível para avançar. Então, eu cheguei na Assembleia e assumi a presidência da Comissão de Constituição e Justiça, que é a principal comissão da ALPB; no biênio seguinte, fui presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias. Ambas são comissões importantes para a Casa, mas, são também importantes para a população. Fui a deputada da base do governo com maior produção parlamentar com projetos que dialogavam com o Sertão, as mulheres, os arranjos produtivos, o povo da vida real, que produz e quer ser ouvido.

O parlamento tem essa capacidade de você documentar aquilo que se quer, mas é só no executivo que você coloca em prática.

■ Em 2019, a senhora participou da

Conferência Brasileira de Mudança do Clima. O tema da sua mesa foi “Mulheres na Vanguarda da Transição Energética” e debateu o crescimento do fenômeno conhecido como pobreza energética e seus impactos para a vida das mulheres. Como incentivar o desenvolvimento do setor energético e, ao mesmo tempo, garantir que as mulheres não sejam penalizadas pelos impactos ambientais e econômicos?

Vou responder essa pergunta com uma citação do economista Celso Furtado, natural de Pombal, que estudou o desenvolvimento regional e a contribuição do Nordeste para o país. Ele falava que o crescimento econômico tem que vir com o desenvolvimento humano.

Os mapas de sol e de vento estão no Semiárido nordestino. Se pensarmos que onde tem energia, água e terra, tem desenvolvimento... O sol que expulsou é o mesmo que atrai e hoje produz energia, e virou um insumo para essa cadeia produtiva. Então, é possível equacionar isso, e a chegada das energias renováveis precisam dialogar com os biomas da Caatinga.

■ Em julho do ano passado, o projeto de sua autoria se tornou lei e as mulheres paraibanas conquistaram o direito de utilizar o DIU sem a necessidade da autorização do marido ou companheiro. Como se deu essa iniciativa?

Imagine que no século 21, com a presença e participação das mulheres nos espaços públicos e privados, ainda ter que lidar com o fato de que seu corpo e sua fertilidade ainda devem passar pela permissão de um homem. Eu sou mulher, assumo muitas pautas das mulheres e essa era uma especial. O tempo para ter filho, ou não ter, quem deve definir somos nós. Não podemos terceirizar isso para os homens. É uma pequenez muito grande para este século e deixamos essa contribuição para as mulheres: o corpo é delas. São elas que definem qual será o melhor momento para ter, ou não, filhos.

■ Durante o processo eleitoral de 2022, se tornaram públicas algumas situações de violência política com diversas candidatas, não só aqui na Paraíba. Como a senhora avalia a questão da violência política de gênero?

Essa violência sempre esteve presente. A diferença é que antes não falávamos disso. Eu estava naquele lugar de disputa, mas ocupando uma chapa contra dois homens brancos, um da capital e outro de Campina Grande, e sofri muita violência de gênero e política. Sofri muita misoginia, o coronelismo... era um leque de violências. Eu sofri, mas não me vitimizei, mas sofri uma série de impedimentos.

Numa determinada cidade, eu tentei subir no carro de som e o prefeito me segurou e apertou meu braço com muita força. Ele me questionou sobre quem havia autorizado minha presença ali e respondi que o carro estava sendo pago pelo fundo eleitoral das mulheres e eu era a candidata majoritária desse grupo ao Senado. Só à noite, quando eu tirei a camisa,

reparei que meu braço estava com a marca das mão dele, e sempre que conto essa história me emociono porque foi uma pancada muito forte de violência. Mas, essa foi apenas uma. Por muitas vezes não consegui subir nos palanques, ou quando subia, não me deixavam falar.

As mulheres paraibanas não souberam disso porque não quis atrapalhar a campanha me vitimizando. Certamente, um dia a Paraíba vai ouvir de mim tudo o que passei nessa trajetória, mas foi bem libertador: soltei as amarras, fui pra cima, lutei e ecoei a importância de se ter uma mulher que se importasse com a nossa vida.

Foi muito sofrimento, mas foi muito aprendizado. Disputei por igual para mostrar à Paraíba que as mulheres podem estar em qualquer lugar e entendi que um ataque que uma mulher recebe ao disputar um cargo público não é só a ela, mas é também um ataque à própria democracia.

■ Prefeita, deputada estadual e agora secretária de Estado. Como essas experiências se agregam no processo de uma pasta tão complexa e sensível?

Passei por esses espaços me enchendo de conhecimento e informação com a consciência de que é sempre possível trocar experiências e aprender mais. Trago um pouco da minha vivência na ponta. Fui secretária de Assistência Social em Pombal, depois fui prefeita e deputada. Agora estou numa secretaria executiva que possui um alinhamento com todas as instâncias e com missões diferentes a cada dia.

Também percebo que a cada dia é possível fazer mais e fortalecer ainda mais a democracia, já que a área social é uma área de entrega e o maior entendimento que temos aqui desta cadeira, é saber que a principal missão dos programas sociais é emancipar e dar autonomias às pessoas.

■ O Brasil passou por período de cortes profundos nas principais políticas sociais e de inclusão. É possível apontar os caminhos para uma recuperação?

Reconstruir é sempre mais difícil porque você precisa colar os cacos, mas já conseguimos ver sinais de reconstrução na área social, que foi uma das mais afetadas pelo governo Bolsonaro. Vários Cras (Centro de Referência de Assistência Social) foram fechados. Os Creas (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) foram desfinanciados e foi muito difícil fortalecer uma democracia quando não havia proteção social.

Logo nos primeiros momentos do novo governo do presidente Lula, é traçado o orçamento dando a importância devida ao campo social. Traz de volta o Bolsa Família e condiciona à frequência escolar, Cartão de Vacinação e a família a participar da rede de proteção social. Lança programas e projetos de inclusão econômica para o país. Na última semana, o Governo Federal lançou aqui na Paraíba o Programa Apre-

nder e Empreender com o objetivo de planejar e desenvolver ações que incentivem a inserção dos brasileiros e das brasileiras que mais precisam no mercado de trabalho. Numa outra ação do mesmo programa, os microempreendedores terão acesso a um fundo financeiro e um plano de trabalho para fomentar pequenos negócios.

■ Em entrevista ao Jornal A União no início do ano, a senhora apontou que as primeiras medidas, enquanto secretária de Desenvolvimento Humano, seriam o combate à fome, à pobreza, à exclusão social. Como está o andamento desse trabalho após quatro meses à frente da pasta?

A fome se combate com alimento de qualidade e baixo custo. O governador lançou na Paraíba uma grande rede de segurança alimentar e nutricional: Tá na Mesa, Restaurante Popular e o Prato Cheio.

A pobreza se combate não só com alimento, mas com acesso a políticas públicas, porque é multifatorial. Vamos lançar o programa Minha Casa, Minha Vida para a população de baixa renda, além de dialogar sobre o acesso a cisternas e água potável. Entendemos que a pessoa pode ser pobre porque não tem uma casa para morar e gasta todo seu salário com aluguel; às vezes, se é pobre porque não possui uma qualificação profissional e não consegue acessar o mercado de trabalho. Estamos lançando uma série de políticas públicas para o mercado de trabalho, fazendo um link entre a política pública com aquilo que está afetado no mercado de trabalho.

É importante dizer que qualquer programa social só terá êxito se proporcionar a autonomia financeira das pessoas. Isso é combater a pobreza e quebrar ciclos. É o emprego que te permite uma melhor qualidade de vida. É um filho que não repete um ciclo de pobreza. Nossa meta continua sendo a mesma: enfrentar a fome, a pobreza e a exclusão social

■ Essa semana a senhora, ao lado do governador João Azevêdo, recebeu o ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, Wellington Dias. Como está o diálogo com o Governo Federal e como isso impacta a Paraíba?

O mais importante dessa retomada da democracia no país foi o restabelecimento dos diálogos. O Governo da Paraíba tem tido esse protagonismo e com um relacionamento muito próximo com o Governo Federal e isso dá abertura para um relacionamento com toda rede ministerial. Essa relação qualifica a política e tem sido muito oportuno esse envolvimento da Paraíba com o Governo Federal. Em breve, o governador João Azevêdo irá lançar um pacote de projetos específicos para a primeira infância (de zero a seis anos). Não há como neutralizar a fome e não se indignar com a pobreza, especialmente, na infância, quando isso acarreta sequelas para a vida inteira

FEIRAS LIVRES

Tradição e variedade em um só lugar

Espaços têm de tudo um pouco e, apesar da praticidade dos supermercados, são os preferidos de muitas pessoas

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

“É dia de feira, quarta-feira, sexta-feira, não importa a feira. É dia de fei-ra, quem quiser pode chegar”. O trecho da música “Feira”, da banda O Rappa, traduz bem o que são as fei-ras livres. Todo dia, diversos produ-tos são oferecidos para quem quiser, e tem de tudo um pouco. Da goma da tapioca ao milho verde, da bana-na à graviola, do bolo de macaxeira ao coentro verdinho, do inhame ao mo-rango, das ervas medicinais ao tem-pero caseiro, do pano de prato ao fei-ção verde, tem até carne fresca e ervas medicinais. Talvez por isso, esse lu-gar tão tradicional e rico em varieda-de não saía de moda e seja o preferido de muitos clientes, mesmo com a pra-ticidade dos supermercados.

Uma das feiras mais tradicionais é a do bairro de Jaguaribe. O espaço funciona somente nas quartas-fei-ras durante todo o dia e a atividade só termina por volta das 21h. A dona de casa Elizângela de Fátima Mon-teiro é cliente antiga e garante que a feira livre é muito melhor do que o supermercado. “As mercadorias são mais em conta, frutas, legumes, ver-duras. Podemos escolher os melho-res. Aqui, mesmo no final da tarde, dá para comprar produtos bons e ainda mais baratos”, justifica.

A aposentada Cleonice Fernandes de Vasconcelos concorda que a feira livre é a melhor opção, tanto que se desloca do bairro de Tambauzinho para aproveitar as promoções na Fei-ra de Jaguaribe. “Tudo aqui é mais ba-rato e não tem tanta gente como no supermercado que, inclusive, é lon-ge da minha casa e caro. Eu gosto de vir pela manhã, mas sei que à tarde o preço sempre cai”, comenta.

A personal trainer Tamires Costa Alves dá atenção especial à alimen-tação e diz que prefere a feira livre pela variedade, praticidade e preço. “Os produtos também são mais fres-cos e em maior quantidade. Gosto de vir pela manhã porque venho com a minha mãe. No final da tarde, é mui-to mais movimentado”, diz.

Com mais de 40 anos de atuação na Feira de Jaguaribe, o aposentado Antônio Pedro da Silva está entre os que trabalham há mais tempo no lo-cal. “Estou entre os mais antigos por-que muitos chegaram junto comigo, na mesma época. Quando meu pai fa-leceu, eu assumi o comércio”, lembra.

Ele conta que a Feira de Jaguari-be nem sempre foi ali. Já funcionou onde hoje é o Centro Administrati-vo do Estado e também passou um tempo numa rua próxima ao local atual. “O movimento aqui é grande. A maioria das pessoas prefere a feira porque tem mais variedade”, destaca o vendedor que trabalha com queijo, carne de sol, charque, rapadura. “À noite, na hora da xepa, a procura é muito boa. O pessoal sai do trabalho e pega um preço ainda melhor. A fei-ra é sempre uma boa opção”, garan-te ele, que formou as três filhas com o trabalho na feira.

Há 20 anos trabalhando na Feira de Jaguaribe, o comerciante Rosecláu-dio Rodrigues dos Santos também confirma que os clientes preferem a feira. “Feira livre é uma tradição, mui-to melhor porque aqui as mercado-rias são fresquinhas, do dia”, observa.

A feira tem 389 comerciantes cada-strados e, para quem percorreu to-dos os bancos, nada melhor do que, no final das compras fazer um lanche. Tapioca com café é uma das opções mais procuradas. “Chegamos a ven-der cerca de 70 a 80 quilos de goma e também o coco ralado”, diz a comer-ciante Sonielly de Lima Ferreira.



Fotos: Roberto Quevedes

Nas feiras livres de João Pessoa, a diversidade de produtos é grande. No Mercado Central, os consumidores encontram frutas e cereais

Mercado Central tem até uma floricultura

O Mercado Central de João Pes-soa tem um pouco de tudo. Além das frutas e verduras fresquinhas, coco ralado e goma de tapioca, ce-reais e carnes, o espaço tem o dife-rencial de possuir uma floricultura. O box fica logo na entrada e é uma boa opção para quem quer presen-tear com delicadeza. O cliente pode escolher ainda acessórios para in-crementar o buquê de flores. Entre eles, há canecas, ursinhos, cartões.

O proprietário Aricélio Silva Pontes afirma que sempre há quem compre flores, mas o maior movi-mento é nas datas comemorativas como Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia dos Namorados, Dia da Mulher, Dia de Iemanjá, Natal e Ano Novo. Num passeio pelo Mercado Central, é possível encontrar pio-neiros, como é o caso do aposentado Josué Gomes, que tem 78 anos. “Estou aqui desde os 4 anos de idade quando vinha com meu pai. Ficava brincando por aí e aprendi o ofício. Todos os dias estou aqui. Hoje eu sou o mais antigo comerciante do mercado. Na verdade, comecei com meu pai ainda no Mercado Velho, que funcionava no prédio onde era o Cinema Municipal”, conta.

José Freire da Cruz, de 85 anos, também está entre os mais antigos. Há 41 anos no Mercado Central, ele divide o trabalho com um dos filhos no box onde comercializa tempe-ros, ervas medicinais, vassouras, panos de prato. “A feira aqui é boa porque tem de tudo. Você vai esco-lhendo. Eu sou fã da feira livre, pro-duto fresquinho, o preço é melhor e tem muita coisa para escolher. Es-tou satisfeito de trabalhar aqui e a

feira vai resistindo”, afirma.

A secretária Rosa Araújo estava no mercado em busca de uma vas-soura com cabo longo para limpar teto, mas acabou comprando tam-bém o que não estava na lista. “Eu gosto da feira livre porque tem mais produtos naturais, as coisas não são congeladas. Além disso, os preços são melhores. Nem ia comprar erva-doce, mas está tão cheirosa que vou levar. Para mim, feira livre sempre é a melhor opção”, ressalta.

Mercado da Torre

O Mercado da Torre, com cerca de 300 comerciantes cadastrados, tem a mesma variedade dos demais, mas cada mercado tem seu diferen-cial. Por lá, por exemplo, tem um box onde a farmacêutica Lucinha de Fátima Fonseca trabalha há 32 anos. Ela vende rações, acessórios, medi-camentos veterinários. “Fui a pio-neira aqui a trabalhar com esses pro-dutos. Graças a Deus, tenho clientes todos os dias”, declara.

Há mais de 50 anos no Merca-do da Torre, a aposentada Terezi-nha Clemente Dias, de 86 anos, é a mais antiga no local. Ela comerciali-za cereais e alguns itens da cesta bá-sica. “Temos fregueses certos”, con-tou ela, que trabalha das 6h às 14h.

Apesar de ter uma grande va-riedade de produtos, o grande des-taque do Mercado da Torre é a pra-ça da alimentação. Carlos Alberto do Nascimento, há 25 anos por lá, destacou que os turistas estão pro-curando bastante o espaço. “Temos muita coisa a oferecer, comidas tra-dicionais do Nordeste como bode, rabada, churrasco, no almoço. No



José Freire da Cruz, 85 anos, é um dos pioneiros do Mercado Central

café da manhã, macaxeira, inha-me, batata doce, cuscuz com rabada, bode, galinha, tem comida de milho, tapioca. É por isso que todo mun-do vem”, afirma. Pelo seu estabele-cimento passam, por dia, em torno de 250 clientes.

Sócio de um dos restaurantes no Mercado da Torre, Josinaldo Tava-res garante que o movimento é mui-to bom. O café da manhã começa a ser servido cedinho, às 5h, e vai até as 9h30. Inhame, mocotó, picado de bode e arroz são alguns dos pratos que fazem parte da primeira refei-ção do dia. Às 10h, inicia o almo-ço, que é servido até as 14h. Por lá, a média é de 300 clientes por dia en-tre café e almoço. Ele ressalta que, além da variedade, o preço acessí-vel é um grande atrativo, principal-mente para quem trabalha próximo. “É uma comida boa, nova e feita com carinho”, ressalta.

Aos 76 anos, a aposentada Irene Feitosa está há 55 trabalhando no local. Ela conta que, ao longo desse tempo, muita coisa mudou. “Anti-gamente, eram barraquinhas de tá-bua. Hoje, temos um conforto maior e pretendo ficar enquanto puder. Eu acho que as pessoas preferem fazer compras no mercado e nas feiras porque os produtos são novos”, diz ela, que comercializa feijão verde já descascado.

Para os clientes, o espaço é mui-to agradável, em especial, a pra-ça da alimentação. “O Mercado da Torre é completo. Nos intervalos do trabalho, venho para cá e almoço. É um local muito bom para bater um papo e tem uma comida excelente”, diz o motorista de aplicativo Ade-mar Martins. “O preço é acessível e

o atendimento é como se fosse uma família. Se tornou um aconchego”, emenda o comerciário Lindemberg Silva, que trabalha próximo ao local.

Importância das feiras livres

“A procura pelas feiras livres hoje acredito que esteja vinculada a preços mais acessíveis e mais opção para escolha, principalmente no quesito hortifrutí. A gente acompanha permissionários de mercados públicos que atuam no segmento há mais de 30 anos. Isso é um recorte de como esses espaços são característi-cos da nossa cultura e como se rein-ventaram com o tempo, oferecendo mais preço e qualidade”, afirma o secretário de Desenvolvimento Ur-bano de João Pessoa (Sedurb), Fábio Carneiro.

O importante é escolher bem

Muitos consumidores preferem comprar frutas, verduras, legumes, raízes nas feiras livres. Segundo eles, são produtos frescos e, por isso, mais saudáveis, diferente dos supermer-cados onde alguns itens, como car-nes, são congelados e acabam fi-cando velhos. Por um lado eles têm razão, mas há ressalvas. Conforme a nutricionista Heloísa Helena Espínola, mesmo comprando produ-tos na feira, a recomendação é que seja observado o estado de conser-vação, se estão, de fato, frescos, se estão amassados, deteriorados. Por outro lado, ela afirma que chegar no final da feira é se arriscar a en-contrar alimentos um pouco estragados, já que os melhores foram es-colhidos ao longo do dia e ficam aqueles que, na maioria das vezes, não estão tão bons.



Praça da alimentação, com comidas típicas, é destaque no Mercado da Torre

DEDICAÇÃO

A arte de consertar brinquedos

Hospital fundado há mais de 40 anos resiste ao tempo restaurando os melhores amigos das crianças

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

De seus 63 anos, Francisco Cavalcanti de Farias, tem dedicado os últimos 41 à arte de brincar. Não que ele tenha passado as últimas décadas brincando, muito pelo contrário, passou esse tempo trabalhando como doutor de um tipo diferente de paciente. Com técnicas específicas, ele tem direcionado seu cuidado ao tratamento de pacientes inanimados que ganham vida através da disposição de seus tutores: os brinquedos.

Com foco no conserto e restauração dos melhores amigos das crianças, sobretudo os eletrônicos, Francisco fundou, em Jaguaribe, o Hospital de Brinquedos, um espaço onde carrinhos, bonecas, enfeites festivos e outros acessórios eletrônicos ganham vida novamente. “Muitas vezes um brinquedo fica abandonado, porque está com algum defeito ou porque estragou por falta de uso. Este último caso acontece muito com enfeites natalinos, por exemplo. É aí que eles vêm para cá. Brinquedo é e sempre foi caro... nem todo mundo está disposto a se desfazer quando apresenta alguma falha”, explica o dono do hospital.

Em 1982, quando Francisco começou, o mundo era outro e os brinquedos também. Naquela época, era comum que as pessoas buscassem pelo conserto de seus itens, porque adquirir um novo do mesmo modelo era oneroso. É por isso que, para ele, o Hospital de Brinquedos é, de certa forma, sinônimo de resistência: “hoje as pessoas preferem, por inúmeros motivos, trocar a consertar”.

O fundador do hospital explica que, antigamente, os produtos eram desenvolvidos para durar “uma vida toda” e, como hoje a lógica de consumo é diferente, tem se tornado cada dia mais difícil encontrar não apenas pessoas que consertem eletrônicos diversos, mas também peças específicas para sanar cada demanda. “O foco dos consertos sempre esteve nos brinquedos eletrônicos. E, quando comecei, reparava tudo o que chegava aqui. Hoje isso já não é mais possível, porque muitas peças não estão disponíveis para venda individual”, conta ao explicar que, mesmo assim, se esforça para não deixar nenhum “paciente” ir embora “doente”; quando não há peças, Francisco Cavalcanti tenta, com uma ou outra “gambiarra”, trazer os brinquedos à vida mais uma vez.

Sozinhas, no entanto, as “gambiaras” não bastaram para reverter o pensamento contemporâneo de que o melhor mesmo é comprar brinquedos novos e, aos poucos, os pacientes do hospital foram diminuindo bastante. Restaram os clientes fiéis, que sabem o valor sentimental de um brinquedo de toda a vida; os colecionadores, que não confiam seus brinquedos a qualquer pessoa; e aqueles cujo conserto de brinquedos foi passado como tradição, de pai para filho.

Fotos: Oritlio Antônio



Francisco Cavalcanti conserta brinquedos há 41 anos. Hoje, carros elétricos são maioria

Tradição que foi passada de pai para filhos

■ A esposa de Francisco Cavalcanti também se dedica à restauração dos corpos de bonecas do tipo bebezão

No Hospital de Brinquedos, não são apenas os clientes que transmitem, de pai para filho, a tradição do conserto. Assim como Francisco, seus filhos também têm o dom do restauro e, quando têm um tempo livre com o pai, tratam logo de se enfiar no ateliê para realizarem delicados “procedimentos cirúrgicos” nas fiações de seus “pacientes”. “Para trabalhar com brinquedos, a gente tem que gostar de brinquedos. É uma relação de prazer, sa-

tisfação e amor por este universo”, diz o dono do hospital, que, passado o tempo da pandemia, tem se tornado um “estacionamento” para conserto de carros elétricos infantis que circulam por pontos estratégicos de João Pessoa, como na Lagoa e na orla de Cabo Branco.

Além do prazer de ver os filhos parcialmente envolvidos com seu ofício, Francisco também vê a esposa se dedicar ao restauro dos corpos de bonecas do tipo bebezão. É

que, como parte destes brinquedos é confeccionada em espuma e revestida de tecido não tecido (TNT), é muito fácil ver bonecas sem postura, com os membros de plástico caídos.

Trabalho detalhado
“Minha esposa faz um trabalho muito detalhado. Ela costura um novo corpinho nas bonecas, desta vez mais firme e em tecido de verdade. Assim, elas duram mais e o trabalho fica mais

bonito, porque tudo é feito com muito cuidado, manualmente”, conta ao revelar que, embora não restaure brinquedos, tem o cuidado de devolver essas “pacientes” limpas para seus donos. Em algumas ocasiões, quando as bonecas estão muito manchadas de caneta, Francisco chega a utilizar um produto especial, cujo nome ele não revela a ninguém, para remover apenas as manchas, não prejudicando a pintura original do brinquedo.

Colecionadora é cliente especial e restauradora

Nas mais de quatro décadas em que tem se dedicado ao universo dos brinquedos, Francisco encontrou muitas pessoas cuja filosofia de vida esbarrava na ideia de que “para lidar com brinquedos é preciso gostar deste universo”. Como tem o costume de guardar partes potencialmente úteis de alguns “pacientes desenganados” para utilizar em outros que ainda precisem de algum tipo de “transplante”, Francisco ganhou uma cliente especial no último ano: Jane Mara Moraes, colecionadora e restauradora de bonecas antigas, que eventualmente aciona o “colega-doutor” em busca de olhos para suas bonecas.

Colecionadora desde março do ano passado, Jane nutriu, durante toda a vida, profunda paixão por bonecas do tipo Amiguinha, um modelo pensado para simular que a criança está com uma amiga real, lançado no Brasil em 1960 pela Estrela. Como, quando criança, sua família não tinha condições financeiras para viabilizar este sonho, a senhora, de 58 anos, decidiu realizá-lo após encontrar um anúncio de Amiguinha na plataforma de comércio eletrônico OLX.

Dali em diante, ao contrário do que imaginava a fotógrafa aposentada, a vontade de ter Amiguinhas só cres-

ceu e, hoje, já existem 12 bonecas enfileiradas na sala de seu apartamento. “Era um sonho. Me sinto feliz por ter realizado e, hoje, estou satisfeita”, relata ao afirmar que, por ora, não tem a intenção de expandir a curiosa coleção, onde todas as bonecas têm nome, personalidade e um valor sentimental inestimável para aquela que se considera “mãe” destes brinquedos.

Com a compra de bonecas antigas e a recepção de itens parcialmente avariados, Jane se viu diante de um desafio: devolver a estas bonecas o brilho dos tempos áureos. Foi assim que a senhora, que por muitos anos trabalhou também como cabeleireira de humanos, se tornou cabeleireira de um público incomum e passou a implantar cabelo em bonecas. “É como se você estivesse dando uma segunda chance para a boneca. Quando restauro, ofereço vida a este sonho. E, de certa forma, desenvolvo um vínculo com cada uma delas. É por isso que cada uma delas tem uma personalidade específica. Conforme vou restaurando, imagino uma história para elas”, conta.

Além de empunhar furador e agulha para implantar nas bonecas fios de fibra vegetal orgânica muito semelhantes ao cabelo humano, Jane também aprendeu

a refazer maquiagem, corpo e coloração das Amiguinhas, tudo com o objetivo de deixá-las o mais fiel possível ao que eram quando saíram da caixa, no século passado. “O tempo não perdoa nada”, diz Jane que, em João Pessoa, é a única a restaurar bonecas e, junto de outro colecionador de Campina Grande, é uma das poucas colecionadoras de Amiguinhas na Paraíba.

Cuidados especiais
Na coleção de Jane, constam bonecas fabricadas entre 1960 e 2000. Todas tomam sol semanalmente. E embora, para alguns, possa soar estranho, o cuidado é necessário. “Faço isso para evitar que elas desenvolvam fungo nos

olhos. A maresia e até mesmo a umidade do ar-condicionado propiciam muito o desenvolvimento de fungos nelas. Nos humanos, os olhos são a janela da alma; nas bonecas, são o que dá brilho ao brinquedo. Uma boneca sem brilho nos olhos não gera o mesmo encanto em quem está olhando. Os olhos dão o valor às bonecas”, conta.

Cada Amiguinha pesa em torno de quatro quilos, o equivalente a um bebê de dois meses. E, ainda que seu peso seja o de um bebê, seu tamanho é o mesmo de uma criança de três anos, que calça 24.

“Todas têm o próprio guarda-roupas e evito que elas compartilhem roupi-

nhas, já que, quando as restauro imagino, também, personalidades diferentes para cada uma. Restaurar essas bonecas é, também, uma forma de ocupar a mente”, afirma enquanto mostra um tecido com estampa alusiva aos festejos juninos, utilizado em uma competição de bonecas de um grupo do Facebook. “No fim, minhas amiguinhas são uma salvação para mim. São minhas companheiras, assim como foram amigas de alguma criança décadas atrás e da mesma forma que os mais variados brinquedos são, atualmente, uma companhia para as crianças de hoje em dia. Não há nada no mundo que pague a alegria de se ter o brinquedo sonhado”.



A coleção tem bonecas dos anos de 1960 a 2000, com destaque para Amiguinhas

CUIDADO

Quando a dor é reumatológica

Doenças caracterizadas pelo profundo incômodo podem afetar de forma intensa desde criança até jovens e idosos

Nalim Tavares
Especial para A União

Começou com a coluna levemente rígida pela manhã, logo ao acordar. Depois, a flexibilidade das articulações foi diminuindo, os dedos incharam e Luciana Leite começou a se preocupar com a própria saúde. Aos 26 anos, ela recebeu o diagnóstico de artrite reumatóide — uma doença inflamatória crônica que pode afetar várias articulações.

Essa descoberta aconteceu há 21 anos e, hoje, Luciana conta que ainda se lembra da estranheza que sentiu ao ser diagnosticada. “Eu fui pega de surpresa, porque, tão nova assim, quem espera?”, ela questiona. “A gente está acostumado a ver pessoas mais velhas recebendo esse diagnóstico, reclamando de dores nas juntas. E eu, na minha juventude, não teria nem pensado em procurar um médico se não fosse o inchaço e a vermelhidão. A dor era horrível de sentir, e, ainda assim, eu teria pensado que era um mau jeito, antes de pensar em artrite reumatóide.”

Para Luciana, o ocorrido serviu de alerta. “Percebi que nem sempre podia dar o meu jeitinho quando o assunto era saúde. Eu vejo muita gente negligenciando a ida ao médico. Eu mesma fazia isso, me automedicava para a dor, e, hoje, sabendo que o que me ajuda é a fisioterapia e os anti-inflamatórios, percebo que eu precisava do médico para ter o diagnóstico e o tratamento certos.” Artrite reumatóide é uma doença que ainda não tem cura, mas, com o devido acompanhamento de um profissional de saúde, os processos inflamatórios podem ser reduzidos.

O médico responsável por acompanhar doenças do tipo é o reumatologista, que trata do sistema musculoesquelético — ligado aos ossos e articulações — e do tecido conjuntivo — que, entre outras funções, preenche os espaços entre os diferentes tecidos e estruturas. Segundo Alessandra Braz, professora de reumatologia e médica do

Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW), as doenças reumatológicas mais comuns no HULW são artrose, fibromialgia, osteoporose, o lúpus eritematoso sistêmico (LES), e a artrite reumatóide.

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), as doenças reumáticas são estigmatizadas como problemas que surgem na terceira idade. Entretanto, muitas doenças do tipo surgem por volta dos 35, 40 anos. Com isso em mente, o Dia Nacional de Luta do Paciente Reumático, que acontece anualmente em 30 de outubro, foi instituído, a fim de alertar sobre a importância do diagnóstico precoce e o impacto do tratamento adequado na qualidade de vida do paciente.

Aos 21 anos, Janaína Barbosa foi diagnosticada com LES. Mas, segundo ela, o acompanhamento médico começou muito antes disso, em decorrência do cuidado materno. “Tanto o meu avô quanto os três filhos dele, inclusive meu pai, têm lúpus. Por isso, minha mãe sempre se preocupou e me ensinou o quão importante era fazer esse acompanhamento, deixando meus médicos cientes do histórico familiar e solicitando o FAN (Fator Antinuclear), um exame realizado a partir da coleta de sangue, após suspeita de doenças autoimunes) periodicamente.”

Hoje, Janaína tem 46 anos, e é mãe de um menino chamado Heitor, que tem apenas três anos. De acordo com ela, “o acompanhamento médico foi fundamental nesse processo de engravidar, gestar e dar luz ao meu filho. A gravidez de uma mulher diagnosticada com LES é arriscada, então, desde que meu esposo e eu começamos a planejar uma criança, meus médicos foram informados e um novo acompanhamento começou para prevenir possíveis complicações.”

Janaína conta que, ao decidir ampliar a família, ela e o esposo agendaram uma consulta conjunta com a reumatologista, que já a acompanhava, e uma obstetra, escolhida por ser especialista em gravidez de alto risco. “Du-

Fotos: Pexels



A automedicação é um dos desafios para identificar a origem correta das dores intensas

rante nossa conversa, elas foram muito claras sobre tudo. A necessidade de controlar a doença antes de tentar engravidar, a possibilidade de abortos espontâneos prematuros, dores nas articulações, queda de cabelo... elas nos deixaram ciente de tudo, e o pré-natal foi bastante rigoroso.” Segundo Janaína, a clareza com que as informações lhe foram transmitidas e o rigor das consultas médicas ajudou a aliviar os receios que

surgiam durante a gestação. “Eu realmente senti muitas dores, e também tive algumas erupções na pele relacionadas ao LES. Mas as médicas tinham me deixado ciente de que tudo isso poderia acontecer, então, apesar de não ter sido fácil, saber que aquilo, de certa forma, era esperado me ajudou a ficar calma para continuar com a gravidez.”

Depois do nascimento, o Heitor também foi acompanhado por um período de seis

meses. Bebês de mães com LES podem nascer com lúpus neonatal — caracterizado por manchas temporárias na pele, que desaparecem até o sexto mês de vida — mas isso não é um indicativo de que a criança desenvolverá a doença propriamente dita. Heitor, no entanto, não apresentou nenhuma marca relacionada ao LES, e Janaína diz que todo o cuidado rigoroso valeu a pena.

“Ao longo da minha vida,

contei com pessoas que me ajudaram a cuidar do lúpus para que eu pudesse viver com qualidade. É estranho ouvir falar de pessoas tão jovens sendo diagnosticadas com doenças reumáticas, mas acontece, e é necessário que o acesso aos cuidados esteja disponível o quanto antes”, fala Janaína. “Se não fosse toda a atenção e tratamento, eu não sei como eu viveria, nem como o Heitor teria nascido”, finaliza.

Diagnósticos são complexos e específicos para as patologias

De acordo com a Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB), doenças reumatológicas não são enfermidades de notificação compulsória, o que significa que os casos são subnotificados no sistema.

Segundo Alessandra

Braz, do Hospital Universitário Lauro Wanderley, 120 casos são registrados por mês no hospital, tanto para lúpus quanto para artrite reumatóide, que são duas das doenças reumáticas identificadas mais comumente.

A reumatologista conta que, apesar do número de casos equiparado ao de lúpus no hospital universitário, de uma forma geral, a artrose é a doença reumatológica diagnosticada com maior frequência. A fibromialgia

— uma síndrome dolorosa difusa que vem associada à dificuldade de dormir e memorizar, a instabilidade emocional, dificuldade para realizar exercícios e fadiga, entre outros sintomas — também está entre as mais frequentes

no diagnóstico reumatológico.

Alessandra explica que o diagnóstico é realizado tomando como base as características de cada patologia. Aos dados clínicos, somam-se exames complementares e laboratoriais. “Quem diagnostica, acompanha e trata doenças reumatológicas é o reumatologista. Mas, a depender da situação clínica do paciente, se for uma doença que afeta o pulmão, por exemplo, o pneumologista é chamado e contribui de forma muito importante. Se for uma doença que afeta o coração, o cardiologista é chamado. Se for uma doença que já afetou a articulação, muitas vezes é encaminhado para o ortopedista.” A depender do tipo da doença e condição física do paciente, o trabalho conjunto entre profissionais da saúde é muito

importante. “O tratamento é feito, na maioria das vezes, associando tratamento medicamentoso e não-medicamentoso, como nutrição e orientação de atividade física”, explica a reumatologista.

Alessandra esclarece: “as doenças como lúpus eritematoso sistêmico e fibromialgia são mais comuns em mulheres jovens. Casos de osteoporose são mais comuns em pessoas com idade a partir dos 60 anos, mas isso não quer dizer que não pode acontecer antes.” A reumatologista enfatiza que “é bom chamar a atenção da população, porque tanto criança quanto idoso pode apresentar qualquer tipo de doença reumatológica. Se a pessoa tem dores nas articulações, se as articulações costumam ficar inchadas, essa pessoa precisa procurar um reumatologista.”



Casos de osteoporose são mais comuns em pessoas com idades acima dos 60 anos

■ **Especialistas reforçam que as doenças de origens reumatológicas podem afetar as pessoas, independentemente da idade**

ROTA CULTURAL

Areia deve receber 30 mil visitantes no Caminhos do Frio

Cidade cravada na Serra da Borborema reúne 20 engenhos, além de patrimônios históricos e culturais

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Guardiã de engenhos, de atrativos naturais, do primeiro teatro construído na Paraíba - o Minerva (1859), da casa onde nasceu o escritor Pedro Américo, Areia é um município paraibano que reúne, em um mesmo lugar, testemunhos históricos, elementos naturais diferenciados e, ao mesmo tempo, novidades trazidas pelo tempo, pois possui *food park* e meios de hospedagens com modernas instalações. Também é conhecida pela produção da cachaça, algumas ganhadoras de prêmios internacionais.

Situada em local elevado do Brejo paraibano, a cidade registra temperaturas amenas no inverno, e esse ano será a primeira cidade a ser visitada na 18ª edição da Rota Cultural Caminhos do Frio, que começa amanhã.

Ao todo, a Rota Cultural contempla 10 municípios. Segundo a prefeita de Areia, Sílvia César Farias da Cunha Lima, a programação está repleta de atrações. “Preparamos uma programação vasta, cultural. Acredito que vai agradar a todos. Teremos oficinas de música, gastronômica, de drinques e de cordel, que é o tema do Caminhos do Frio esse ano. Ainda vamos ter rotas culturais, além do envolvimento da rede municipal de ensino, com a apre-

sentação do nosso coral municipal, que foi formado na minha gestão”, disse Sílvia.

Segundo ela, as pessoas que visitarem Areia ainda terão a oportunidade de apreciar a apresentação da secular Filarmônica Abdon Felinto Milanez, bem como de outras filarmônicas convidadas. “A programação ainda conta com trilhas ecológicas de flores, cachoeiras, engenhos, além das nossas atrações do final de semana, ocasião em que vamos prestigiar a prata da casa e trazer também artistas renomados, condizentes com o clima do frio e da rota cultural”, acrescentou a prefeita.

Expectativa de público

O secretário de Cultura e Turismo do município, Rinaldo Bandeira da Silva, afirmou que a expectativa é que Areia receba entre 20 e 30 mil pessoas na semana de visitação destinada ao município pelo Caminhos do Frio, que começa amanhã e vai até o dia 9.

A maioria do público que costuma comparecer ao evento, cerca de 70%, vem de municípios paraibanos, e o perfil dos visitantes é constituído por famílias completas. “Pois o ambiente de aconchego, frio e atmosfera cultural atraem esse público”, disse Rinaldo.

Além de conferir a programação da Rota Cultural, o visitante ainda terá chance para aproveitar os pontos tu-

■ Economia é marcada pela agricultura e o turismo. Derivados da cana-de-açúcar como mel, rapadura e cachaça são marca do local

rísticos da cidade. O artesanato, por exemplo, é um dos diferenciais dos areienses. Mas, o que não falta no lugar é opção de passeio. “Além da programação, temos nosso centro histórico que é tombado pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), com casario histórico bem visitado, que fica próximo da Praça Pedro Américo, que é o coração da cidade”.

O secretário de Cultura e Turismo declarou ainda que durante a semana de visitação incluída no Caminhos do Frio, toda a parte de apresentação cultural será realizada na Praça Pedro Américo, tendo como cenário os casarões históricos. Na parte histórico-cultural, vale lembrar do Museu Casa de Pedro Américo e do Museu Regional de Areia.

Outro destaque da cidade, citada por ele, são os enge-

nhos, fabricantes de cachaças conhecidas nacional e internacionalmente. Um deles é o Engenho Triunfo, produtor da cachaça Triunfo, e que se configura como um importante complexo turístico da região.

Na propriedade, as pessoas podem conhecer a Fábrica de Chocolate, as etapas da produção da cachaça, comprar plantas, passear de pedalinho no lago e optar pela prática de tirolesa. Quem gosta de ficar mais próximo da natureza, também pode participar das rotas das cachoeiras, das flores, além das rotas dos engenhos. “Temos todos esses atrativos, além do Caminhos do Frio”, enfatizou o secretário.

De acordo com ele, a ideia é fazer com que o visitante “viva Areia” - com a sua temperatura amena, que chega aos 12º C no inverno, interaja com o povo acolhedor, reple-

Programação

8ª Edição da Rota Cultural Caminhos do Frio

1. **Areia** - 3 a 9 de julho
2. **Pilões** - 10 a 16 de julho
3. **Matinhas** - 17 a 23 de julho
4. **Solânea** - 24 a 30 de julho
5. **Serraria** - 31 de julho a 6 de agosto
6. **Borborema** - 7 a 13 de agosto
7. **Remígio** - 14 a 20 de agosto
8. **Bananeiras** - 21 a 27 de agosto
9. **Alagoa Grande** - 28 de agosto a 3 de setembro
10. **Alagoa Nova** - 4 a 10 de setembro

to de histórias para contar, e conheça a história da cidade. “Areia reside dentro de sua história e cultura. O clima ameno convida todo mundo

a visitá-la e viver Areia, porque só numa rápida passagem não se consegue captar toda força, potencial e mística que ela tem”.



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição é uma edificação que retrata o século 19

Fotos: Evandro Pereira

Rota Cultural chega a 18 anos de fomento do turismo no Brejo

A Rota Cultural Caminhos do Frio comemora os 18 anos de criação, trazendo, para o roteiro de visitas, a inclusão do município da Borborema. A nova integrante da Rota Cultural sediou, no fim de junho, a festa de lançamento da programação 2023 do evento.

A cada edição, o Caminhos do Frio adota um tema cultural e esse ano irá homenagear a literatura de cordel. “O Caminhos do Frio completa 18 anos, e com isso queremos inovar na celebração da literatura de cordel. Todos os anos, nós homenageamos um artista da área musical e esse ano estamos valorizando mais a literatura brasileira. Serão quase 70 dias de programação consecutivos. Esse ano, inovamos, colocando Borborema, que é a nossa caçula”, declarou Jaime Souza, presidente do Fórum de Turismo do Brejo Paraibano, instituição organizadora do Caminhos do Frio.

A equipe do Fórum esteve em Borborema no final de junho fazendo o lançamento da programação para dar ênfase à cidade que está chegan-

do na Rota Cultural. Segundo Jaime Souza, o evento que abrange 10 cidades do Brejo tem o propósito de promover não só o turismo, ou a cultura popular da região, mas promover também o desenvolvimento da economia local.

“Em 2022, criamos uma meta, prevendo que até 100 famílias seriam atingidas com novos empreendimentos do Caminhos do Frio e do Raízes do Brejo, de julho a dezembro, já que somos dois produtos. E esse ano queremos dobrar, porque o Sebrae está entrando fortemente com capacitações, com consultorias durante as rotas, bem como cursos e oficinas. Porque esse também é nosso propósito, profissionalizar o turismo. E a Rota Cultural é uma estratégia dessa”, frisou Jaime.

História

A cidade de Areia, antiga Vila Real do Brejo d’Areia, surgiu em meados do século 17 e teve origem a partir de um ponto de parada para tropeiros. O lugar era estratégico para o descanso desses trabalhadores e, por muito tempo, o Brejo d’Areia esteve subor-

dinado à Vila de Monte-Mor (Mamanguape). Em 1815 foi desmembrada e, em 1846, elevada à condição de cidade.

Ao longo do tempo, o povo areiense deixou marcas na história brasileira. No século 19, afluíram sua postura revolucionária e aderiu ao movimento libertador de Pernambuco (1817). Ainda contribuiu com a luta da Confederação do Equador (1824). Em 1873, a população também participou ativamente da Revolta do Quebra-Quilos.

Ainda destacou-se nas campanhas abolicionistas que realizou na época da escravidão. Um dado importante é que Areia foi a segunda cidade do país e a primeira da Paraíba a libertar seus escravos, dez dias antes da proclamação da Lei Áurea.

A economia é baseada na agricultura, sobretudo, nos derivados da cana-de-açúcar como a cachaça, a rapadura e o mel. O município conta com mais de 20 engenhos.

Situada no topo da Serra da Borborema, a mais de 600 metros de altitude, o município possui tempera amena ao longo do ano, mas no inver-



Areia possui casario histórico e rico, além do clima ameno na maior parte dos meses

no os termômetros caem para menos de 15º C, sendo chamada de “Suíça paraibana”.

Destakes culturais

Areia, que reúne uma população de 22.633 habitantes - segundo os Primeiros Resultados de População e Demográficos do Censo Demográ-

fico 2022, é a terra natal de célebres figuras do país.

Entre elas podem ser citadas o pintor Pedro Américo e o escritor e político José Américo de Almeida. A cidade musical possui ainda uma banda centenária (1845): a Filarmônica Abdon Felinto Milanez.

Na arquitetura histórica e cultural se destacam o Teatro Minerva (1859), primeiro teatro da Paraíba; a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (construída pelos escravos, provavelmente, no século 17); e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (século 19).

Voz da cultura nordestina restituída

Em agosto, selo editorial do Rio de Janeiro lança uma coletânea com seis textos de importantes peças teatrais de Lourdes Ramalho



Foto: Arquivo A União

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Um apanhado de importantes peças emblemáticas que levam a assinatura de Maria de Lourdes Nunes Ramalho está sendo reunido em coletânea com a qual o selo editorial Besouros Abstêmios, sediado no Rio de Janeiro, está marcando sua estreia no mercado nacional. Em *Lourdes Ramalho – Peças reunidas* (426 páginas, R\$ 67), o leitor encontrará os textos dos espetáculos *A feira*, *A eleição*, *As velhas*, *Festa do Rosário*, *Fogo-Fátuo* e *Guiomar – Sem rir, sem chorar*. A edição se encontra disponível em pré-venda no site da editora (www.besourosabstemios.org.br), cuja previsão de entrega é a partir do dia 3 de agosto.

A coletânea contendo os textos das peças de Lourdes Ramalho é uma das cinco obras que a Besouros Abstêmios pretende lançar até o final deste ano. “O nosso selo editorial não tem fins lucrativos e foi criado pela Associação de Escritores Literatura Livre, a qual surgiu inspirada por um paraibano, o cineasta André da Costa Pinto, com quem nos encontramos na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em novembro do ano passado, no Rio de Janeiro, quando sugeriu que, a exemplo de outras categorias, os escritores poderiam se organizar e se estruturar numa entidade”, explicou o presidente da associação, o escritor fluminense Leonardo Valente. “André da Costa Pinto também serviu de ponte para publicarmos Lourdes Ramalho, projeto que sugeri ao conselho editorial, formado por oito autores. Quando foi aprovado, passei a cuidar da edição da coletânea. Ela foi escolhida para ser a primeira publicação do selo porque é uma das mais importantes escritoras e dramaturgas brasileiras, mas ainda desconhecida do grande público”, disse ele.

A escritora e dramaturga potiguar, radicada na Paraíba, morreu na cidade de Campina Grande, em 2019, aos 99 anos de idade. “Lourdes Ramalho fez sucesso na Europa, mas, no Brasil, ela tem sido vítima de apagamento, porque ela enfrentou a ditadura militar, ao abordar em suas peças, principalmente nos anos 1970, temas como misoginia, racismo e meio ambiente. Ela foi vítima até do etarismo, porque começou a escrever suas peças na faixa dos 50 anos de idade, mas desafiou a ditadura e a sociedade. Ela fez sucesso na Europa, para onde foi levada por sua peça mais famosa, que é *As Velhas*, encenada na Espanha e em Portugal pelo diretor espanhol Mocho Rodríguez”, observou Valente.

O editor do livro explicou que a seleção das peças para a edição levou em con-

sideração alguns critérios, a exemplo dos seis textos estarem entre os mais famosos e premiados da dramaturgia e pela importância e qualidade da obra. “Na preparação do livro, encontramos pouco material digitalizado de Lourdes Ramalho e, por isso, tivemos que digitalizar mais materiais. “A nossa proposta, com essa coletânea, é restituir a voz de Lourdes Ramalho no cenário cultural brasileiro. É uma escritora brilhante, que tratou de temas políticos e comportamentais e utilizou expressões muito regionais, numa linguagem oral característica dos anos 1970, e que é de difícil compreensão, mesmo para quem vive atualmente no Nordeste. Ela era conhecedora da língua portuguesa e dominava a linguagem oral do povo, reproduzindo-a com maestria. Isso é uma das grandes marcas da sua obra, além das temáticas. Por isso, o livro tem notas explicativas e, no final, um capítulo para apresentar aos leitores quem é Lourdes Ramalho, que rompeu barreiras, deixou um enorme legado, que deve ser amplamente reconhecido pelas novas gerações e ocupar, merecidamente, o seu lugar. Isso é fundamental”, ressaltou ele.

O selo editorial Besouros Abstêmios também planeja para o fim do ano uma chamada de originais para publicação em 2024, destinará pelo menos 15% das tiragens de todos os seus títulos para projetos sociais de inclusão pela leitura e para bibliotecas públicas e comunitárias, entre as quais comunidades do Rio de Janeiro, e para um projeto de leitura em um presídio feminino de Porto Alegre (RS), dentro do objetivo de estimular a produção literária no país e valorizar autores e suas obras para a formação de novos leitores.

Leonardo Valente admitiu estar ciente das dificuldades de ingressar no mercado. “Não é uma trabalho fácil, pois é de longo prazo, mas vamos atuar em via dupla, a inserção social e a comercial. Não temos receio. Não vamos ter sobras. Se algum livro não for vendido, o autor não deixará de ser lido, porque as obras irão para projetos sociais, onde terão muitos leitores”.

Valorização do regional

Na coletânea, o leitor terá contato com histórias protagonizadas por personagens fortes, inesquecíveis e que ganharam os palcos, a exemplo da sertaneja Filó, esma-

gada com sua família pela crueldade da cidade grande, representada pela Feira de Campina Grande, na peça *A feira*; a professora Guiomar, convocada por um juiz a dar explicações no tribunal sobre sua conduta moral e como suas crenças políticas em *Guiomar – Sem rir, sem chorar*, que são textos combinando o lúdico e a ironia a uma realidade dura e precisa não apenas do Nordeste, mas de todo o Brasil.

Escritora e editora que conheceu Lourdes Ramalho, a potiguar Ezilda Melo, que está radicada na Paraíba, considerou muito feliz a iniciativa do Besouros Abstêmios. “A grande preciosidade de Lourdes Ramalho é valorizar o que é nordestino, regional, o que a faz se aproximar de Ariano Suassuna, ambos porta-vozes da cultura eminentemente nordestina. Um ano depois que ela morreu, lancei o livro *Escritoras Sertanejas em Verso e Prosa*, no qual, entre 87 escritoras, pude considerar que ela foi a primeira escritora sertaneja a publicar”, afirmou a autora, que também é historiadora.

Ezilda também ressaltou as temáticas tratadas por Lourdes Ramalho em suas obras, que ainda permanecem atuais. “A peça *Festa do Rosário* aborda o preconceito racial e essa festa é muito emblemática em Santa Luzia e Caicó. Já *A feira* retrata atividades praticadas pela comunidade numa feira. Essa peça foi inspirada na Feira da Prata, em Campina Grande, e nas feiras do interior, que são os traços mais característicos de uma cultura. No interior não se vai a shopping, então, a feira é valorizada como o lugar de encontro e de efervescência, onde há música, cordel e as pessoas vão para comercializar produtos”.

“Lourdes Ramalho tinha uma forma muito pessoal de analisar os problemas de uma época. Na peça *A eleição*, alguns aspectos abordados são o apadrinhamento, as falcatrias, troca de votos, pão e circo, ou seja, temas ainda atuais. E *As velhas* trata de problemas ligados ao fato da aproximação do fim da vida, bem como as dificuldades trazidas com a velhice”, comentou Ezilda Melo.

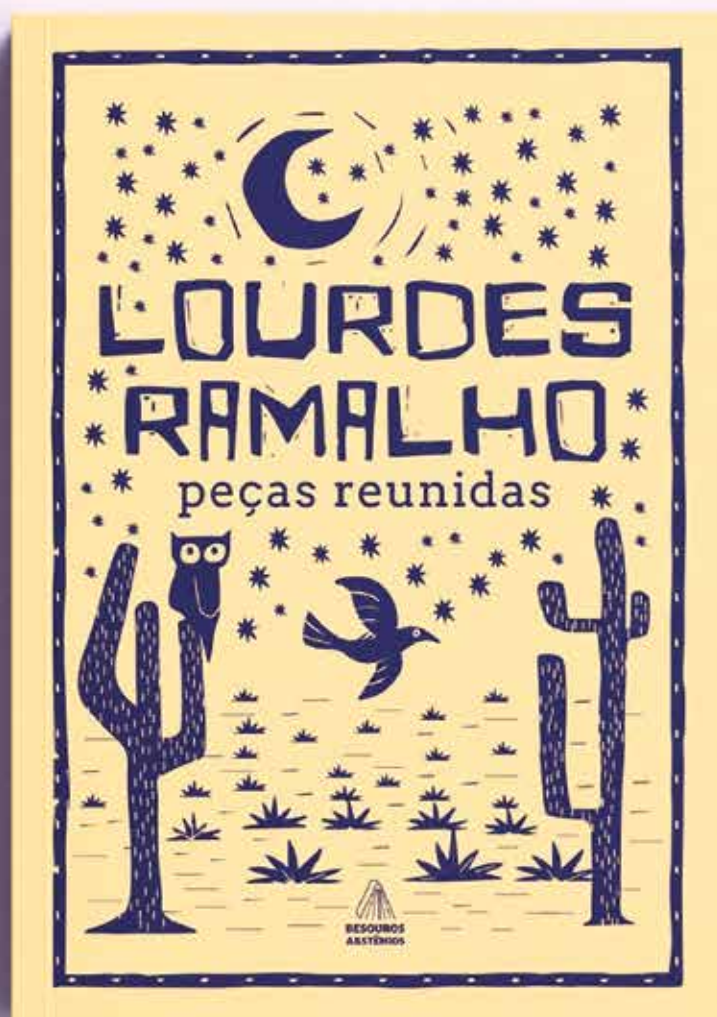
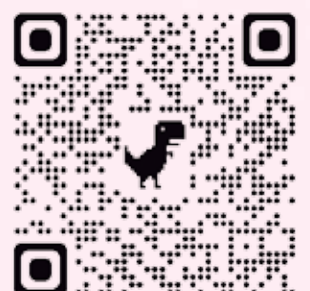


Imagem: Besouros Abstêmios/Divulgação

Obra traz os textos dos espetáculos ‘A feira’, ‘A eleição’, ‘As velhas’, ‘Festa do Rosário’, ‘Fogo-Fátuo’ e ‘Guiomar – Sem rir, sem chorar’



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Editora Besouros Abstêmios

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Privatização da guerra

Os exércitos privados não são nenhuma novidade, mercenários existem há milênios. No entanto, o capitalismo criou um cenário novo com a privatização e a terceirização de atividades militares que ameaçam o monopólio do uso da violência dos Estados Nacionais.

A lógica neoliberal atingiu os principais exércitos do mundo. O número de soldados contrados pelos Estados Unidos, em 2007, para atuar na “guerra contra o terror”, era de 196 mil soldados, superior aos 160 mil das tropas regulares. Isso se explica pela captura do orçamento público pelas empresas privadas.

O lobby da indústria armamentista estadunidense é amplamente conhecido. Ele envolve o financiamento de campanhas eleitorais, em troca de investimentos públicos no setor, o incentivo a guerras como forma de aumento do lucro, a leniência com a venda de armas etc.

Na última semana, o mundo assistiu a uma sublevação do Grupo Wagner, exército de mercenários russos, que prometia destituir o ministro da defesa russo e prender seus comandantes militares.

Por um momento, pareceu que estava em curso uma tentativa de golpe

de Estado. As tropas mercenárias invadiram a cidade de Rostov do Don, sem dar um único tiro. Como não houve resistência do exército russo, a sensação era que tinha ocorrido uma quebra na cadeia de comando e que, com efeito, Putin estava enfraquecido.

Poucas horas depois, as tropas do Grupo Wagner recuaram. O líder dos mercenários Yevgeny Prigozhin teria sido dissuadido pelo presidente bielorrusso Aleksandr Lukashenko, que costurou um acordo para o fim do levante e abriu as portas do país para receber os revoltosos. Muito se especula sobre os acontecimentos.

Houve mesmo uma tentativa fracassada de golpe de Estado ou o que vimos foi uma encenação, uma *false flag*, para permitir a Putin eliminar alguns de seus inimigos?

O que acontecerá no futuro com Yevgeny Prigozhin e o Grupo Wagner responderá essas questões. Uma traição dessa natureza, se realmente ocorreu, não deve ser perdoada por Putin. O Kremlin precisa definir o uso de tropas mercenárias.

Até então elas vinham sendo úteis para incursões militares delicadas, nas quais o Estado russo precisava manter posições militares, sem o uso de tropas oficiais. Outro fator importante é que o

uso das tropas mercenárias tem efeitos morais sobre a opinião pública, na medida em que as mortes de guerra dos soldados regulares diminuem.

Maquiavel, no século 16, já tinha observado os perigos da adoção de exércitos de mercenários. Sua recomendação aos príncipes era que possuísem força militar própria e regular. Há sempre o risco, dizia, de que os mercenários se rebelem, façam chantagem, golpes de Estado. Acredito que, nesse caso, que Putin seja um leitor atento de Maquiavel.

Lobby

**Indústria de armas dos
EUA financia campanhas
eleitorais em troca de
investimentos públicos
no setor e incentivo a
guerras para aumento
do lucro**

Estética e Existência

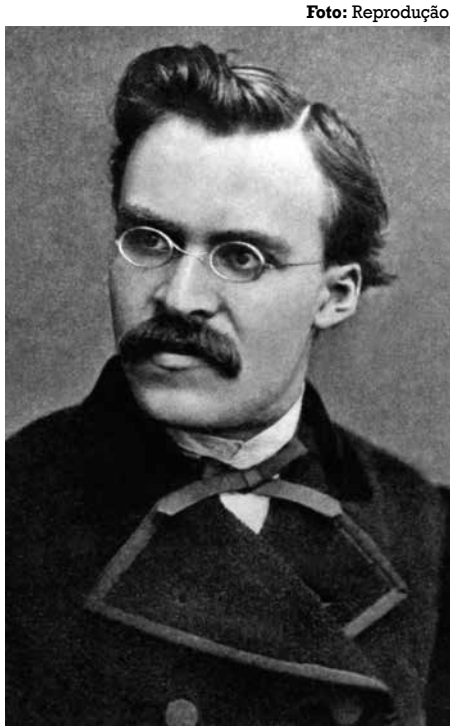
Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética da arte e ciência

A *Gaia Ciência* (em alemão: *Die fröhliche Wissenschaft*), publicada em 1882, apresenta um conhecimento estético presente em toda apreensão humana do mundo que une arte e ciência de forma a integrar o teórico e a experiência ética. Foi escrita pelo filósofo, filólogo, poeta e compositor alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). Para esse gênio, a arte é uma prática inspirada de um sentido ético que impulsiona o ser humano tornar a própria existência uma obra de arte e suportável por ser um fenômeno estético. Considerando isso, a estética da ética exige o desenvolvimento de novas atitudes que são experienciadas pelo ato poético.

A expressão “Gaia Ciência” é uma referência à poesia europeia, que ocorreu durante o século 12. Surgiu do provençal, a língua usada pelos trovadores da literatura medieval, em que “*gayascienza*” corresponde à habilidade técnica e ao espírito livre necessários para a escrita poética. Os cinco capítulos que compõem *A Gaia Ciência* são subdivididos em 383 aforismos, nos quais Nietzsche expõe seus conceitos no que se refere à arte, moral, história, política, conhecimento, religião, mulheres, guerras, ilusão e verdade. Nesse livro que aparecem, pela primeira vez, suas teorias sobre o “eterno retorno”. Conceito criado pelos estoicos gregos e considerado por Nietzsche como a expressão principal que gravita toda afirmação da existência.

O sistema nietzschiano, na defesa dos aspectos estéticos da ciência e da ética, apresenta o conhecimento empírico, metafísico e natural possuindo uma mesma origem, com a finalidade de auxiliar o homem na apreensão e na convivência harmoniosa consigo mesmo e com a natureza. Entretanto, a manifestação da natureza, no processo da evolução, dotou no ser humano um mecanismo cognitivo que perpetuam os “erros úteis do passado”, são falhas que se tornaram arquivos de memória. Esse é o aspecto limitador do conhecimento humano. Nietzsche afirma que o conhecimento desses limites é uma boa consciência e é uma característica estrutural da ciência. Isso é o resultado de uma paixão estética presente no homem, que se desenvolve expli-



Filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900)

citamente nas obras de arte, em cada sensação que se experimenta.

A ciência na *Gaia Ciência* não tem como objetivo apenas destruir as crenças metafísicas, revelando a arte que há nelas, mas também utilizar, com boa consciência, as novas possibilidades que se abrem com esse reconhecimento. Nietzsche, no aforismo 58, afirma: “Somente enquanto criadores podemos destruir! – Mas não esqueçamos que também isto: basta criar novos nomes, avaliações e probabilidades para, a longo prazo, criar novas coisas” (2001, p. 96). O reconhecimento dessa tendência e do aspecto criador do conhecimento é uma potência realizadora de novas utopias. Mas só com o auxílio da arte é que a ciência pode ser tornar alegre. No aforismo 107, intitulado *Nossa derradeira gratidão com a arte*, firma que: “Se não tivéssemos aprovado as artes e inventado essa espécie de culto ao não verdadeiro, a percepção da inverdade e da mendacidade geral, que agora nos é dada pela ciência – da ilusão e o do erro como condições da existência cognoscente e sensível –, seria intolerável para nós. A retidão teria como consequência a náusea e o suicídio. Mas agora nossa retidão tem uma força contrária, que nos ajuda a evitar consequências tais: a arte, como boa vontade de aparência (...). Como fenômeno estético a existência

ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos tal fenômeno (Nietzsche, 2001, p. 132-133).

A arte na *Gaia Ciência* tem, além do aspecto estético, um aspecto prático-moral. Com a arte, a ciência se torna alegre porque vê na ilusão artística, ao mesmo tempo, a raiz do conhecimento humano e a sua redenção. A destruição de uma realidade metafísica serve de incentivo para criar novas criações que tenham valor para a existência. O aspecto estético e o aspecto prático do conhecimento serão de fundamental importância para a constituição de uma nova imagem da cientificidade: a de uma ciência que reconhece o caráter criador de suas construções teóricas e não desconsidera as suas consequências práticas. A *Gaia Ciência* se apresenta como o cultivo de habilidades intelectuais, morais e artísticas, muitas vezes contraditórias entre si, quando isoladas. Mas quando se juntam, o ser humano se torna livre e não mais envergonhar-se de si mesmo. Dessa forma, produz a prática científica: a arte e sabedoria de vida se tornam a própria estética da existência.

Concluo com o poema *Todo Risco*, do poeta, fotógrafo e jornalista baiano Damário Dacruz (1953-2010): *A possibilidade de arriscar é o que nos faz homens. / Voo perfeito no espaço que criamos. / Ninguém decide sobre os passos que evitamos. / Certeza de que não somos pássaros e que voamos. / Tristeza de que não vamos por medo dos caminhos.*

Sinta-se convidado à audição do 425º Domingo Sinfônico, deste dia 2, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei algumas peças e a vida do compositor e regente tcheco Gustav Mahler (1860-1911). Ele conviveu com a loucura do sofrimento. Suas composições apresentam temas alegres simultaneamente com os trágicos e expressam o amor à existência, bem como as teses de que a criação artística torna o homem livre para suportar os conflitos. Mahler foi influenciado pelo niilismo forte do filósofo Friedrich Nietzsche.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Procurando um tema

Ok. Talvez a ideia de embarcar num submarino e ir visitar o cativeiro do Titanic não tenha sido das mais brilhantes, mas esse tema já se esgotou.

Nem sempre temos grandes ideias. Às vezes temos ideias modestas, às vezes acertamos na mosca ou morremos na praia. Outras vezes temos ideias muito pouco iluminadas, daquelas fraquinhas, que atribuímos a preguiça de ir para o computador escrever a coluna.

Li um texto de Nelson Barros sobre a bondade que pega, que envolve vários personagens, com destaque para o menino bonito, Álvaro. Aí pensei: vou escrever sobre Nelson, que acho bacanas os seus textos, mas também acho que ele não vai dar a mínima... Fica a ideia para o verão de 1942.

Aliás, ao excesso de trabalho (o excesso de trabalho é o *new influencer*, pois, se não trabalhamos demais, não somos *fixes*), ao tempo, que anda tão esquisito, ao fato de não dar nada ou nada é de graça, igual às séries batidas da Netflix.

Outros dias ainda temos ideias que, só pelo fato de nos terem impedido de as pormos em prática, quase nos devolvem a fé na humanidade, em Jesus Cristinho, no Buda, no Elvis, no chocolate *diet*, no Alá ou nos livros de Simone B e até nos totós da democracia. Eu acho linda a cachorrinha de Janja da Silva, mas nunca vi mais cafona que a mamis.

Outra ideia sem nexo é a solução de problemas, partilha de heranças, irmãos intrigados porque a mãe não libera a grana antes de morrer, além das justas manifestações pacíficas sobre o orgasmo ou, se está dentro, deixa.

Pensei em escrever sobre as pessoas que fumam sem parar, nos gozos tortos da nicotina, na dieta da moda, no mestrado que eu não fiz, na declinação da única latina ou na latrina da sala preta do antigo DAC da UFPB, nos anos 1980.

Mas a boa ideia não era dessas boas, sabe? Era só uma ideia. E o problema foi, parece-me que todos concordarão, o azedume da plateia alucinada nas noites sertanejas do Parque do Povo, além da descrença e a desilusão e da moçada que ainda pinga nos olhos o colírio de Raul Seixas.

Pensei em escrever sobre Bananeiras, mas João Donato me ligou e achou melhor na voz de Bebel Gilberto: “Bananeira não sei, Bananeira sei lá”. Deixa pra lá.

Quer saber? Vou escrever sobre nosso pé de Oliveira, que já passou dos 100 anos, mas onde está o Silva? Tanta gente que acorda tarde, ao meio-dia e já não gosta de nada que o Brasil possa oferecer – são neombecis demais.

Ô de casa, meu pé de Oliveira, namorado da laranja lima, lima do pé (que ainda é minha, de mais ninguém). Tem gente sobrando na Praça da Pedra, diz que assim que puder, vai arranjar um trampo e sair deste quintal, mudar-se para o jardim de Épa Babá e eu lá, no meu pé de coco, pra saber se o coco é oco.

Vou escrever sobre a biblioteca pobre de contemporaneidade, cheia de poetas mortos e de livros amarelados e feios.

A vida já não quer saber de mortos, porque outro dia ouvi alguém dizer que íamos todos morrer e que o sol ia morrer e que depois não havia mais nada, nada, nada, nada. Cuidado, ideia fixa é doideira.

Kapetadas

1 - Eu acho cansativo demais a pessoa ficar o tempo todo mostrando o quanto é culta, sofisticada etc. Às vezes, a vida pede uma brusinha curta pra poder mostrar o umbigo;

2 - Quer ser meu amigo? Então, não seja delinquente, não seja carente, não durma na rua. Lute;

3- O som na caixa está no miolo do texto.



Cantor, compositor e arranjador acreano João Donato

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O cinema clássico já não é aceito como deve

Motivado por um filme nacional e seu diretor – também um elenco de atores paraibanos de primeira linha –, frequentei pela última vez uma sala de cinema em João Pessoa. Não que elas hoje não existam, mesmo em *malls*, mas pela falta de sua “personalidade clássica”. Pelo menos para mim. Cinema em shopping center não tem mais aquele mesmo fascínio, e que nos envolvia a todos, formalmente. Sua clientela atual (confirmado está) não utiliza mais do ritual de “se ir ao cinema”; mas de ir ao shopping. Assistir a um filme será um motivo a mais de quem frequenta esses centros comerciais. Cinema já não é o objetivo principal. Hoje, mais ainda, com essa coisa da “compra-casada” do ingresso + pipoca + refrigerante, sei lá mais o quê?...

Tal situação nos leva a pensar o seguinte: Será que o cinema perdeu o seu glamour, a sua magia? Sinceramente, acredito que não! Apenas o olhar das pessoas mudou sobre a *moving art* nascida do sonho, do entretenimento.

Na semana passada, aqui mesmo nessa “domingueira” de A União, falava sobre a importância do cinema como a arte de todas as artes. Recentemente, em colóquio com o pai do netinho Arthur Luna (meu “cinemista”), Diego Luna Palitot – advogado dos bons e assistente jurídico da Defensoria Pública do Estado –, ponderamos a questão de “se ir ao cinema”. Conversa vai, conversa vem... Também, sobre uma das espe-



Foto: Reprodução

Ator paraibano Ravi Ramos Lacerda em cena de 'Abril Despedaçado' (2001)

cialidades advocatícias dele, que é a dos conflitos interpessoais de famílias. Foi quando me lembrei de um filme nacional que me fez retornar a uma sala de cinema de shopping, como disse antes, pela última vez: *Abril Despedaçado*. Obra que reassisti esta semana, em plataforma de *streaming*, pelo YouTube.

Algumas razões, confesso, me motivaram a ir assistir a um filme em sala de shopping, isso, havia algum tempo longe delas. Primeiro, por ser um filme de Walter Salles (*Central do Brasil*), diretor de mais uma obra na abordagem das questões de conflitos de terras no Nordeste brasileiro, filme premiado dentro e fora do país. Mais ainda, porque do seu elenco vários paraibanos tiveram vez. Além do diretor de fotografia Walter Carvalho, pelo menos cinco ou seis atores participaram de

Abril Despedaçado – José Dumont, Everaldo Pontes (irmão da atriz Zézita Matos), Luiz Carlos Vasconcelos, Soia Lira e Ravi Lacerda, que faz um garoto levado pelos traumas familiares.

É um filme interessante, que realmente humaniza cada personagem. A participação do ator Everaldo Pontes, interpretando um cego fazendeiro, é especial. A cena em que ele faz analogia ao tempo do velho relógio na parede, ao sentenciar o filho (Rodrigo Santoro) de seu opositor e também fazendeiro da região (José Dumont), é realmente sintomática.

Sinceramente, *Abril Despedaçado* é um filme que indicaria a assistirem, mesmo que não seja em sessão verdadeira de cinema; mas, domesticamente pela internet. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse: www.alexssantos.com.br.



APC define pauta para o 2º semestre

A Academia Paraibana de Cinema, reunida na semana passada, no Cine Mirabeau, no Bessa, em João Pessoa, discutiu e aprovou sua programação para o segundo semestre deste ano, resultando na seguinte pauta: 1) A presidente da APC, Zézita Matos, continuará mantendo contato com outras instituições culturais da Paraíba, ligadas ao cinema e ao teatro; 2) Será agendado, ainda este ano, um encontro entre a presidência da APC e o Sindicato dos Artistas Técnicos em Espetáculos de Diversões Públicas (Sated-PB) e o Sicav, que é interestadual, visando parcerias; 3) A celebração do Dia Mundial do Cinema (28 de dezembro) será no Cine Mirabeau, com uma programação especial de troca de comando da APC e a exibição de lançamento de um audiovisual recém-produzido na Paraíba.

Em cartaz

ESTREIAS

INDIANA JONES E A RELÍQUIA DO DESTINO (Indiana Jones and the Dial of Destiny. EUA. Dir.: James Mangold. Aventura. 14 anos). Indiana Jones (Harrison Ford), famoso arqueólogo, professor e aventureiro está para se aposentar, mas antes sem embarca em mais uma missão inesperada: ele luta para se encaixar em um mundo que parece tê-lo superado. Desta vez, acompanhado de sua afilhada, Helena Shaw (Phoebe Waller-Bridge), o arqueólogo corre contra o tempo para recuperar o item que pode mudar o curso da história. **CENTERPLEX MAG 3:** 17h45 (dub.) - 21h (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 4** (leg.): 18h30 - 21h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE** (dub.): 14h30 - 17h45 - 21h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP** (leg.): 15h30 - 18h45 - 22h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** 13h30 (dub.) - 16h45 (leg.) - 20h (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub.): 12h15 (sáb. e dom.) - 15h30 - 18h45 - 22h; **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 19h30; **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 17h10 - 20h; **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub.): 14h50 - 17h40 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 14h50 - 17h40 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 19h30; **CINE SERCLA PARTAGE 5:** 17h10 (dub.) - 20h (leg.).

RUBY MARINHO: MONSTRO ADOLESCENTE (Ruby Gillman, Teenage Kraken. EUA. Dir.: Kirk DeMico. Animação. Livre). Ruby é uma estudante doce e desajeitada do ensino médio que descobre ser descendente direta das guerreiras kraken. Destinada a herdar o trono de sua avó, Ruby deve usar seus novos poderes para proteger aqueles que ela mais ama. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (dub.): 13h45 - 16h - 18h15; **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 13h (qui. e sex.) - 15h15 - 17h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 13h15 (exceto seg. e ter.) - 15h15 (exceto seg. e ter.) - 17h45 (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 15h20; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 14h; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 14h; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 15h20.

CONTINUAÇÃO

ELEMENTOS (Elemental. EUA. Dir.: Peter Sohn. Animação. Livre). Em uma cidade onde os habitantes de fogo, água, terra e ar convivem, uma jovem

mulher flamejante e um rapaz que vive seguindo o fluxo descobrem algo surpreendente, porém elementar: o quanto eles têm em comum. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4** (dub.): 13h20 - 15h50; **CINÉPOLIS MANAÍRA 5** (dub.): 14h15 - 16h50 - 19h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 6** (dub., 3D): 12h30 (sáb. e dom.) - 14h50 - 17h15 - 19h45; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub.): 14h - 16h45 - 19h30; **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 15h45 - 17h50; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 15h45 - 17h50.

THE FLASH (EUA. Dir.: Andy Muschietti. Fantasia. 12 anos). Depois dos eventos de *Liga da Justiça*, Flash/Barry Allen (Ezra Miller) decide viajar no tempo para evitar o assassinato de sua mãe, pelo qual seu pai foi injustamente condenado à cadeia. O que ele não imaginava seria que sua atitude teria consequências catastróficas para o universo. Ao voltar no tempo, Allen se vê em um efeito borboleta e começa a viajar entre mundos diferentes do seu. Para voltar para seu plano original, Flash contará com a ajuda de versões de heróis que já conheceu, incluindo versões do Batman que já são conhecidas (Michael Keaton e Ben Affleck), para evitar mais quebras entre universos e voltar ao normal. **CINÉPOLIS MANAÍRA 6** (leg.): 22h10; **CINÉPOLIS MANAÍRA 7** (dub.): 14h - 17h - 20h15; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 15h - 18h15 - 21h30; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 17h35 - 20h15; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 17h35 - 20h15.

HOMEM-ARANHA ATRAVÉS DO ARANHA-VERSO (Spider-Man: Across The Spider-Verse. EUA. Dir.: Joaquim dos Santos, Justin K. Thompson e Kemp Powers. Animação. Livre). Depois de se reunir com Gwen Stacy, Homem-Aranha é pego através do Multiverso, onde ele encontra uma equipe de Pessoas-Aranha encarregada de proteger sua própria existência. **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 12h45 (sáb. e dom.) - 15h45 - 18h40 - 21h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 20h (exceto seg. e ter.); **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 20h; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 20h.

A PEQUENA SEREIA (The Little Mermaid. EUA. Dir.: Rob Marshall. Fantasia. Livre). Ariel (Halle Bailey) é uma jovem sereia com sede de aventura. Desseando descobrir mais sobre o mundo além do mar, Ariel visita a superfície e se apaixona pelo

arrojado Príncipe Eric (Jonah Hauer-King), ao salvá-lo de um naufrágio. Mas para se aproximar do humano, ela pede ajuda à bruxa do mar, Úrsula (Melissa McCarthy), e aceita ceder sua voz para que a feiticeira lhe dê pernas. Assim, ela entra em conflito com os valores de sua família. **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (dub.): 13h15 - 16h15 - 19h15 - 22h15; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 15h; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 15h.

SEDE ASSASSINA (To Catch A Killer. EUA. Dir.: Damián Szifron. Suspense. 16 anos). Eleanor (Shailene Woodley) é uma jovem investigadora que luta contra os demônios do seu passado, quando é chamada à cena de um crime brutal cometido por um assassino em massa. **CINÉPOLIS MANAÍRA 8** (dub.): 19h45.

TRANSFORMERS – O DESPERTAR DAS FERAS (Transformers: Rise Of The Beasts. EUA. Dir.: Steven Caple Jr. Ficção Científica. 12 anos). Noah (Anthony Ramos), um jovem astuto do Brooklyn, e Elena (Dominique Fishback), uma ambiciosa e talentosa pesquisadora de artefatos, são arrastados para o conflito enquanto Optimus Prime e os Autobots enfrentam o terrível novo inimigo empenhado em sua destruição chamado Scourge. **CINE SERCLA TAMBIA 2** (dub.): 17h10; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 17h10.

VELOZES E FURIOSOS 10 (Fast X. EUA. Dir.: Louis Leterrier. Ação. 12 anos). Dom Toretto (Vin Diesel) e sua família devem lidar com o adversário mais letal que já enfrentaram. Alimentada pela vingança, uma ameaça terrível emerge das sombras do passado na forma de Dante (Jason Momoa), para destruir o mundo de Dom, tudo e todos que ele mais ama. **CINE SERCLA TAMBIA 1** (dub.): 19h.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Astenio e o soneto

Há quem diga que o soneto é a prova de fogo do poeta, assim como o desenho o seria para o pintor. Forma clássica, já estabelecida na história literária, caracteriza-se, sobretudo, pelo poder de síntese.

Assunto, motivação e temática devem se submeter ao rigor e à disciplina de seus 14 versos, não importa se isométricos, livres, brancos ou rimados. O que conta mesmo é a sugestão poética, ideada e desenvolvida, no retângulo exigente e exato de toda a sua composição formal.

Ciente disto, o médico e acadêmico Astenio Cesar Fernandes, em *Avirati* (João Pessoa: Editora Ideia, 2022), procura exercitar-se na prática desse modelo, para meditar sobre a tópica universal do amor e descrever muito dos sentimentos que derivam de sua experiência singular.

Avirati, vocábulo sânscrito, está relacionado à sensualidade e a erotismo, já sinalizando, portanto, para a substância capital das motivações de sua expressão lírica. As epígrafes de Julio Cortázar e de Octavio Paz, associadas aos sonetos de Shakespeare e de Ivan Junqueira que precedem a coletânea, tendem a reforçar o sentido e a direção dessa temática única, explorada, a seu turno, em diversas camadas e múltiplas irradiações.

O sonho, o medo, a ilusão, o gozo, a saudade, a esperança, a felicidade, o encanto, a mulher, o tempo, a solidão, entre outros motivos, se deixam apalpar pela grade métrica dos decassílabos, tocados principalmente pela cadência musical de seus movimentos rítmicos. Diria mesmo que é, no estrato fônico, onde reside o melhor de seus efeitos estéticos, a comprovar, decerto, que a poesia consiste, em especial, na possibilidade da palavra com música.

Chamam-me a atenção, ainda, o acervo morfológico, a seleção dos vocábulos, o atrito melódico que resulta de suas conexões dentro dos versos. Já no soneto 1, *Essa mulher*, no qual ecoa, indistigável, a voz de Vinicius de Moraes, o fenômeno se mostra a partir dos quatro primeiros versos, senão vejamos:

*Essa mulher, que se entrega inteira,
Como rio que as margens beija e enlaça,
É périplo de posse passageira:
Feito as águas de rio, pulsa e passa.*

E no soneto 20, *Estação*, a técnica da repetição vocabular reforça o andamento musical do poema, como se pode verificar nestes versos:

*Vejo que o tempo se perdeu no tempo,
Consumindo alegrias do passado,
Num compasso binário, tempo e hora.
Mas ele, inexorável, a destempo,
Aponta ao pecador o seu pecado:
Não vê, a tempo, o tempo ir-se embora.*

Se referi a presença de Vinicius de Moraes, certamente uma das leituras de Astenio Cesar Fernandes a enriquecer sua biblioteca subjetiva, também sinto, nesse ou naquele soneto, traços de Camões, de Florbela Espanca, de Olavo Bilac e, curiosamente, de Augusto dos Anjos, sem o travo amargo do pessimismo e do étimo científico e filosófico, tão característico do poeta de Tamarindo.

Registro o fato, ainda alicerçado pela riqueza melopéica peculiar à versificação do autor de Avitari e, por outro lado, para situá-lo em merecido lugar dentro da tradição dos sonetistas paraibanos que souberam e sabem honrar a beleza e o valor da língua portuguesa. Por exemplo: um Silvino Olavo, um Raul Machado, um Mauro Luna, um Raimundo Asfora, um Ronaldo Cunha Lima, um Jomar Moraes Souto.

Astenio Cesar Fernandes é médico oftalmologista e, como tantos que enveredaram pela medicina, manifesta certo apego e certa paixão pelo universo das letras, cultivando, nessa seara, não só a dicção poética, mas também os caminhos da oratória e da prosa acadêmica, autor que é, de inúmeros discursos sobre assuntos diversos e vários estudos em sua área de especialização. O livro ora publicado me parece um legítimo testemunho.

Colunista colaborador

LITERATURA

UBE promove homenagem a autores

Amanhã, na capital paraibana, instituição entregará comendas a escritores e ao ‘Correio das Artes’

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Amanhã (dia 3), a União Brasileira de Escritores – seção Paraíba (UBE-PB) realizará, a partir das 19h, uma sessão em sua sede, localizada na cidade de João Pessoa, para homenagear os escritores Hildeberto Barbosa Filho, Milton Marques Júnior e Maria Valéria Rezende, com a entrega da comenda Afonso Pereira. Outra homenagem será feita para o *Correio das Artes*, suplemento do Jornal *A União*, que receberá a comenda Joacil de Brito Pereira.

O objetivo do evento, que vai ser transmitido pelo perfil no Instagram da entidade (@ube.paraiba), é demonstrar o reconhecimento desses autores e da publicação literária e cultural no cenário da literatura brasileira. Na ocasião, vão ser empossados dois novos associados da instituição, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), Jean Patrício da Silva, e o presidente da Academia Paraibana de Letras Jurídicas (APLJ), Eitel Santiago de Brito Pereira. A cerimônia é uma parceria entre a UBE-PB e a Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), órgão da Prefeitura Municipal.

O presidente da UBE-PB, professor Luiz Augusto Paiva, informou que são os associados que entregarão as medalhas e diplomas para os homenageados, abrindo a programação do evento na sede da instituição, localizada na Avenida Rio Grande do Sul, 1411, no Bairro dos Estados, na capital. “Quem seleciona os nomes que vão receber tributo, a cada ano, por parte da entidade, são os próprios associados. O objetivo é reconhecer a contribuição que os escolhidos têm dado à cultura na Paraíba. Tais escolhas acontecem independentemente de gênero literário e sexo. Essa homenagem costuma ser realizada no final de cada ano, mas, desta vez, antecipamos para o mês de julho porque estamos promovendo em parceria com a Funjope. Durante esse evento também homenagearemos o poeta e trovador Sebastião Aires Queiroz, com uma placa alusiva ao reconhecimento do seu trabalho”, explicou ele.

Para Paiva, a escolha do *Correio das Artes* para a comenda já deveria ter acontecido antes, por conta da sua longevidade. “O *Correio das Artes* só publica texto de qualidade e, quando um escritor consegue publicar nessa revista, ele sente como se tivesse passado no vestibular para escritor”, comentou o presidente da UBE-PB. Ele lembrou que outras instituições já foram agraciadas com a comenda Joacil de Brito Pereira, a exemplo da Livraria do Luiz, da Editora Ideia e sa Usina Cultural Energisa, por causa da atuação



Edição deste mês do ‘Correio das Artes’: suplemento literário do Jornal ‘A União’ receberá a comenda Joacil de Brito Pereira pela sua contribuição à cultura na Paraíba

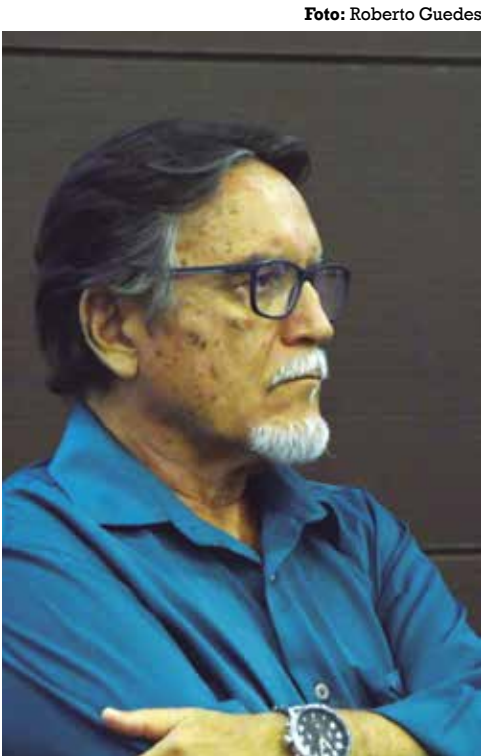
rava mesmo, mas recebo da melhor maneira possível. Sou professor e, através dessa atividade, espero que os alunos possam assimilar os ensinamentos para transformação da sociedade. Minha profissão é de professor, que comecei a pensar em ser quando tinha 11 anos de idade, na então Escola Industrial, hoje IFPB, em João Pessoa, durante aula da professora de francês, Alaíde Chianca. Meu primeiro emprego formal foi na Aliança Francesa e a questão de ser escritor surgiu como por acréscimo, como efeito colateral bom da minha profissão, da qual sou aposentado, mas ainda dou aulas. Escrevo em função da minha atividade, mas não faço distinção”, afirmou ele.

Próximos projetos

Hildeberto Barbosa antecipou que vem trabalhando na produção de um novo livro, cujo título é *Pensamentos Provisórios*, que pretende lançar no próximo mês de outubro. “São pequenos ensaios, textos curtos, oriundos da minha página no Facebook e que tem caráter reflexivo e filosófico, tratando de diversos temas, como existenciais, a morte e a literatura”, resumiu ele.

Milton Marques Júnior está cuidando do projeto do seu novo livro, que é sobre o poeta paraibano do Eu, intitulado *Um Léxico Crítico para Augusto dos Anjos*, ainda sem previsão de lançamento. “É como um dicionário, contendo vocábulos em ordem alfabética, mas com comentários, o que pode variar de tamanho. É um trabalho que exige pesquisa e ir atrás de fontes. Há dois meses, encomendei o livro *O Microzima*, de autoria do químico francês Antoine Béchamp, que ainda não recebi e é sobre uma substância vital para o equilíbrio, a harmonia do organismo, que Augusto dos Anjos chegou a ler”, afirmou ele.

Por fim, depois de celebrar seus 80 anos, no final do ano passado, Maria Valéria Rezende está focada em acabar os livros que estão pela metade. “Eu não quero deixar obra póstuma. Tenho cinco romances começados e não acabados. E o pior é que todo dia eu tenho uma ideia nova”, contou a escritora, que tem cinco Prêmios Jabuti, incluindo o de Melhor Livro do Ano, o Prêmio São Paulo, o Prêmio Oceanos e o Casa das Américas.



Comenda Afonso Pereira será entregue para Hildeberto Barbosa Filho (E), Milton Marques Júnior (C) e Maria Valéria Rezende (D)

nas diversas áreas da cultura. O próprio Luiz Augusto Paiva foi quem criou as duas comendas, em 2019, no intuito de homenagear Afonso Pereira (1917-2008) e Joacil de Brito Pereira (1923-2012). E, com a posse dos dois novos membros, a UBE-PB, fundada em 30 de abril de 1964, passará a ter 40 associados.

Neste mês, o suplemento literário passou um novo projeto gráfico, tendo como capa da “nova roupagem” os 90 anos de idade do jornalista e cronista Gonzaga Rodrigues.

Reconhecimento

Um dos nomes selecionados, o escritor e crítico literário Hildeberto Barbosa

Filho confessou seu contentamento pelo tributo. “Para um escritor, essa homenagem é muito gratificante e recompensadora, na medida em que é um gesto de reconhecimento no contexto cultural da terra. E, vindo da UBE-PB, que é uma instituição tradicional, composta por um quadro de escritores qualificados, ainda é mais importante e motivo de júbilo. O meu sentimento é de profunda gratidão e satisfação, principalmente pela simbologia de receber uma comenda que leva o nome de Afonso Pereira, que integrou a Academia Paraibana de Letras (APL), foi um grande professor de Direito, com atuação na cultura, história e,

principalmente, na educação, pois, como militante da pedagogia, fundou dezenas de escolas de níveis fundamental, médio e superior, facilitando a educação para todos, como um agricultor da pedagogia, tendo deixado um legado de serviços prestados e uma homenagem que faz jus a Afonso Pereira”, disse ele.

Já a premiada escritora Maria Valéria Rezende ressaltou a importância da homenagem. “Fico muito agradecida. Tudo que me faz mais paraibana me alegra. Sou reconhecida como paraibana e isso, para mim, é muito importante. Isso me distingue e, mais do que a comenda em si, é a delicadeza dos escritores que me

incluíram como paraibana”, disse ela, que é natural da cidade de Santos (SP), mas está radicada na Paraíba desde 1976. Ela destacou o papel que vem sendo desempenhado pela UBE-PB. “É muito importante. Todas as formas de organização são fundamentais, num esforço cujo resultado não aparece de imediato. Estou cada vez mais convencida de que a colaboração e a cooperação são mais férteis do que a competição”, afirmou a autora.

Já o professor Milton Marques Júnior se disse surpreso com a escolha do seu nome para a homenagem pela UBE-PB. “Fico gratificado com esse reconhecimento, que não espe-



Através do QR Code acima, acesse o perfil oficial da UBE-PB no Instagram

ALPB, CÂMARA E SENADO

Eleições devem mexer com bancadas

Em 2024, parlamentares colocarão seus nomes à disposição para as disputas em várias prefeituras da Paraíba

Pettronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

As futuras eleições de 2024 deverão mexer com a cara das principais Casas Legislativas da Paraíba, leia-se Assembleia Legislativa, Câmara Municipal de João Pessoa e de Campina Grande, além da bancada do nosso Estado em Brasília, no caso Câmara dos Deputados e Senado Federal. É que parlamentares colocarão seus nomes à disposição para as disputas em várias prefeituras espalhadas pelos 223 municípios paraibanos. A reportagem de **A União** traz um prognóstico, um raio-x de cenários possíveis e que pode mudar o tabuleiro político nestas casas.

As maiores mudanças podem ocorrer na Assembleia Legislativa da Paraíba. Muitos dois parlamentares eleitos em outubro do ano passado devem disputar algumas prefeituras. Um dos exemplo é o deputado estadual George

Morais (União Brasil), que já fala abertamente em disputar a Prefeitura Municipal de Cabedelo. Ele que é citado pelo atual prefeito da cidade Vitor Hugo (União Brasil), como um dos prováveis sucessores na terra portuária paraibana.

“Vitor comanda o processo sucessório. Estou colaborando na Assembleia Legislativa com a bem-sucedida administração dele em Cabedelo e, se o grupo concluir que meu nome é o melhor para continuar o vitorioso modelo de gestão, estou à disposição, ao lado de outros aliados como Mersinho Lucena e André Coutinho”, disse o deputado George Moraes.

O próprio prefeito de Cabedelo se reuniu com Cícero Lucena (PP) e o deputado federal, Mersinho Lucena (PP), para discutir as eleições no município. Vitor já revelou que Mersinho é o candidato de sua preferência, junto com André Coutinho, presidente



Deputado George Moraes pode disputar a prefeitura de Cabedelo

“
Se o grupo
concluir
que meu
nome é o
melhor,
estou à
disposição

George Moraes

da Câmara de Cabedelo, mas o União Brasil trabalha para George ser o candidato com a esposa de Mersinho na vice. Ainda dentro do âmbito da Casa Eptácio Pessoa, a deputada Camila Toscano (PSDB) é citada como o principal nome a suceder o atual prefeito Mar-

cus Diego (PSDB), que está em seu segundo mandato.

A deputada estadual, Camila Toscano (PSDB), defendeu que haja pesquisa na escolha do nome a disputar a Prefeitura de Guarabira nas eleições municipais de 2024, mas, não descartou a possibilidade de concorrer ao pleito.

A parlamentar declarou que no momento oportuno ocorreria uma discussão sobre o tema. Mas que esse tempo seja apenas no próximo ano, e assim escolher um nome bem visto ao grupo político na qual ela faz parte. “Eu tenho um pensamento que quando chegar o momento certo que pra mim é em 2024, a gente faz pesquisa, a gente vê os nomes que estão lá no nosso grupo bem condicionados, para que a gente possa de fato escolher um nome de quem será candidato. Se por um acaso meu nome estiver lá bem colocado e o grupo entender isso”, esclareceu Camila Toscano.

Petistas da Assembleia querem a Prefeitura de João Pessoa

Já os parlamentares do PT, que também detém mandatos na Assembleia, querem disputar a Prefeitura Municipal de João Pessoa. Cida Ramos e Luciano Cartaxo buscam conquistar o coração dos pessoenses no ano que vem. Mas, primeiro, ambos terão que passar pelo crivo das executivas estadual e municipal, que não querem lançar candidatura própria na capital paraibana.

Recentemente, a deputada voltou a afirmar que João Pessoa terá candidato do PT para a disputa eleitoral em 2024.

Há pouco mais de um ano das eleições, a parlamentar disse que irá colocar todas as forças e mobilização dentro do nome que irá representar a legenda. Cida já se colocou como pré-candidata à Prefeitura de João Pessoa desde fevereiro deste ano.

“A militância hoje está toda unida em torno da candidatura própria e a instância municipal é unânime em candidatura própria. Temos um presidente da República e grandes nomes. Prova disso que é disputado por tanta

gente”, destacou a deputada estadual.

Cida Ramos foi secretária de Estado do Desenvolvimento Humano durante o governo de Ricardo Coutinho. Em 2014, Cida Ramos filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro e em 2016 disputou a prefeitura municipal de João Pessoa, apoiada pelo então governador Ricardo Coutinho. Obteve 125.148 votos.

Em 2018, com o apoio dos movimentos sociais, sindicatos, professores, alunos, beneficiários dos programas so-

ciais, disputou as eleições para a Assembleia Legislativa da Paraíba, sendo eleita a deputada estadual mais votada na história da política do estado, com 56.048 votos.

Já Luciano Cartaxo é outro que quer voltar a comandar a Prefeitura da capital. O deputado defende que o partido lance um nome à Prefeitura de João Pessoa no pleito do próximo ano e afirmou que a maioria dos filiados defende essa posição.

“Hoje, das forças políticas que compõem o Partido dos

Trabalhadores, 95% hoje defendem candidatura própria à Prefeitura de João Pessoa. Não tem o menor cabimento o PT abrir mão de disputar uma eleição na capital, por João Pessoa, onde a gente já teve oportunidade de governar, onde a gente tem nomes, tem quadros importantes, tem pré-candidatos importantes para representar o partido”, disse Cartaxo.

PL

A situação de outros dois postulantes aos cargos executivos nas eleições do próximo

ano não é nada boa. O deputado federal Cabo Gilberto e o deputado estadual Wallber Virgolino, ambos do PL, estão sendo preteridos pelo partido, legenda em que ambos estão filiados.

Em João Pessoa, o PL optou pelo ex-ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, deixando Gilberto à deriva. Já em Cabedelo, cidade onde Virgolino sonhava em disputar a Prefeitura, o Partido Liberal fechou questão com Vitor Hugo, dificultando as pretensões do deputado estadual.



Senadora Daniella Ribeiro tem o nome lembrado em Campina

Romero e Daniella podem disputar em CG

A senadora Daniella Ribeiro (PSD) driblou o debate sobre a possibilidade de ingressar na disputa pela Prefeitura de Campina Grande nas eleições de 2024. Ela disse que ainda não pensa na eleição do próximo ano.

“A lembrança do nosso nome é sempre boa, a gente sabe que as pessoas quando falam de você veem seu nome potencial para estar gerindo uma cidade, mas isso (disputar a PMCG) não está no meu radar, tenho gratidão a essa lembrança, mas não estou com foco algum para campanha ou eleição em Campina Grande ano que vem”, avisou.

Já em relação a sua reeleição em 2026 para o Senado, ou até mesmo disputar o

Governo da Paraíba, Daniella desconvorsou e deixou claro que seu foco agora é trabalhar para que essa dedicação corresponda à confiança do paraibano em seu mandato.

“Como eu disse, meu radar e meu foco são esses próximos quatro anos, trabalhando, acredito que o que vem é o que Deus tem preparado para mim, para os paraibanos, e se for o desejo Dele, acontecerá, mas isso tudo é consequência do trabalho que fazemos pensando no que for melhor para o paraibano. Hoje trabalho para corresponder àquilo que me foi dado que foi a oportunidade de trabalhar pela Paraíba no Senado Federal, então é isso que eu tenho que cumprir e honrar com a confiança

de todos que votaram”, completou a senadora.

Outro que pode concorrer à vaga de Bruno Cunha Lima é o deputado federal Romero Rodrigues (Podemos). Mesmo não admitindo disputar a Prefeitura de Campina Grande, nas eleições de 2024, o eleitor campinense nutre um carinho enorme por ele e é disputado por legendas para que ele dispute a prefeitura da Rainha da Borborema. “Eu não sou candidato a nada a não ser a fazer um bom mandato, essa é minha candidatura, é trabalhar pela Paraíba como deputado federal e se alguém, naturalmente falou, pode até mesmo ter sido mal interpretado, eu já tive a chance de ser prefeito de Campina, graças a Deus

uma cidade que eu quero bem muito grande, tenho uma verdadeira paixão pela cidade, sobretudo por tudo que ela me proporcionou, e faço o mesmo para retribuir a confiança dessa cidade, mas candidatura em 2024 não está na minha programação, no meu radar, embora queira muito bem a cidade. Mas posso ajudar como federal, portanto, a minha candidatura é trabalhar e fazer o bem por CG e pelos municípios que me ajudaram a ser deputado federal”, disse.

As especulações sobre Romero voltar a disputar a PMCG surgiram por conta das ausências do parlamentar nos festejos juninos na cidade, e também em solenidades administrativas da atual gestão.

Vereadora Jô Oliveira é cortejada por vários partidos

A vereadora campinense Jô Oliveira (PC do B) é uma das parlamentares que pode desfalar o Legislativo municipal no próximo ano. Pretendida por vários partidos políticos, entre eles o PSB do governador João Azevêdo, ela deve dispu-

tar a principal cadeira do Palácio do Bispo.

A atual líder da bancada de oposição na Câmara de Campina Grande, vereadora Jô Oliveira (PC do B), acredita que o bloco oposicionista deve aumentar durante este ano e ficar

maior em 2014. Ao ser questionada se ela poderia disputar a Prefeitura em 2024, Jô falou que seu nome está à disposição do partido e do grupo de oposição ao atual prefeito da cidade de Campina Grande, Bruno Cunha Lima.

“Nós colocamos nosso nome à disposição do partido e das relações políticas que nós estabelecemos, sabendo o que significa esse processo de articulação. Tem muitas questões envolvidas, mas estamos à disposição para a luta”, declarou.

Josilene Oliveira, conhecida como Jô Oliveira, nasceu em Campina Grande. Foi eleita vereadora da “Rainha da Borborema” pelo PC do B em 2020. Foi a primeira da família a ter um diploma universitário, assim como um mestrado,

ambos em serviço social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Em 2020, alcançou a vitória com 3.050 votos, entrando para a história como a primeira mulher negra a ser eleita vereadora de Campina Grande.

Memórias

A União

Sérgio de Castro Pinto

“A cultura sempre paga o pato quando querem fazer economia”

Ex-editor do Caderno 2 de A União e do Correio das Artes conta como um prêmio nacional e uma despretenhiosa intervenção do colunista Clodovil salvaram o principal suplemento cultural do estado de fechar as portas

Luiz Carlos Sousa
lulzjcp@gmail.com

O jornalista, advogado, poeta e escritor Sérgio de Castro Pinto tem uma longa e marcante história com **A União**. A sua contribuição à frente da editoria do Caderno 2 (o caderno de Cultura) e do Correio das Artes não apenas valorizou a arte da Paraíba, como proporcionou prêmios e reconhecimentos internacionais para o periódico. Em entrevista ao programa Memórias, Sérgio contou, entre uma das mais inusitadas histórias, como o colunista social e ex-deputado Clodovil salvou o Correio das Artes de ser cancelado na década de 1980. Confira a entrevista completa abaixo.

Entrevista

■ *Como começou a sua história com A União?*

Começou com o meu pai. Ele era memorialista e escrevia, sob a ótica de uma criança, a respeito daquela pugna entre liberais e perrepiristas. Então você imagina, eu devia ter meus 11 anos quando comecei a escrever memórias. Mas uma criança não tem tempo pretérito para escrever memórias. Eu diria que escrevi sobre a vida inteira que poderia ter sido e que não foi.

■ *O seu pai era tão técnico quanto você?*

Não, o meu pai era instintivo. Ele escrevia sob a égide da inspiração. Ele colocava a esferográfica no papel e ia direto, não suspendia nenhuma vez. Ele escrevia para três jornais simultaneamente. Salvo engano, todo dia. **A União**, O Norte e o Correio da Paraíba. Embora eu tenha sofrido essa influência dele, ele sempre se mostrou um escritor mais profissional. Hoje, eu acredito na inspiração, embora procure não dar trela para ela. É como dizia o Paul Valéry: “Os deuses dão os primeiros versos, mas o poeta deve retornar e refazer os primeiros versos”.

■ *Como foi a sua experiência inicial em A União?*

Eu comecei editando o Caderno 2 na época de José Moraes de Souto. Salvo engano, foi Agnaldo Almeida, depois Petrônio Souto, e eu comecei no caderno dando ênfase à Literatura, que sempre foi minha praia. De uma certa feita, eu escrevi, influenciado pelo excelente Ferreira Gullar, a respeito de Augusto dos Anjos. Ferreira Gullar estabelece um roteiro entre Augusto dos Anjos e João Cabral de Melo Neto, mostrando que há uma certa influência. Eu fiz um trabalho mostrando que Augusto dos Anjos atuava em várias frentes, porque, anteriormente, eu tinha feito uma entrevista com João Cabral de Melo Neto. Fui eu, Luiz Augusto Crispim, João Massouto, da Geração 59. Mas João Cabral se repetia muito nas entrevistas dele, quase sempre as mesmas coisas, aqui e acolá ele adicionava alguma coisa nova. Então ele falou que uma das grandes frustrações dele com relação a “Morte e Vida Seve-

naquela época, na TV Globo, chamado TV Mulher, que tinha um colunista social que depois se tornou deputado, Clodovil, e eu me encontrei com ele no teatro municipal, em São Paulo. Levei vários exemplares do Correio das Artes e comecei a distribuir para muita gente. Tinha Fernanda Montenegro, o marido dela, muitas pessoas importantes lá. Então, quando eu cheguei aqui, descobri que o que repercutiu não foi o prêmio e sim Clodovil no programa TV Mulher reverenciando o Correio das Artes e dizendo que São Paulo deveria seguir o exemplo da Paraíba e editar um suplemento tão bem cuidado graficamente, com colaborações de primeira. Ou seja, Clodovil foi o grande responsável pela permanência do Correio das Artes.

■ *Sérgio, sobre a época de quando você assumiu o Correio das Artes: todo editor dá um toque pessoal à obra, qual foi o seu toque?*

Quando eu fui convidado para o Correio das Artes, não aceitei no primeiro momento porque o editor antes era Jurandí, mas eu acho que ele cansou e estava levando sem muita vontade. Salvo engano, quem me convidou foi Antônio Barreto Neto, ou foi Gonzaga Rodrigues. Um dos dois ou os dois. Então eu disse: “Rapaz, eu não vou aceitar. Jurandí é meu amigo. Por mais que ele diga que releva isso, eu não sei, pode ser que fique alguma mágoa”. Mas depois de algum tempo, eu aceitei. Inclusive, o nome era União Letras nas Artes. Fez uma espécie de porta-voz da Geração 59, um movimento poético que, de uma certa forma, revitalizou o soneto aqui na Paraíba. Foi uma das expressões principais da Geração



O poeta e escritor Sérgio de Castro Pinto também foi professor universitário e aproximou o Correio das Artes do mundo acadêmico

45, por isso que há quem diga que há essa relação entre a Geração 59 e a Geração 45. Teria sido um eco retardatário. Mas o que eu fiz em relação ao Correio das Artes foi abri-lo para a colaboração da Universidade, pelo fato de eu ser professor naquela época. Eu entrei na Universidade em 1980 e comecei a editar o Correio das Artes em 1981. Entrei em contato com o pessoal do Departamento de Letras, não só da Universidade daqui, mas de universidades brasileiras de modo geral. Então, o que eu acho que fiz como uma das principais colaborações minhas foi aproximar o Correio das Artes do mundo acadêmico. Por exemplo, o jornalista Jorge de Aquino Filho, um cara que escrevia na Manchete, fez uma série de reportagens sobre poesia brasileira. “Rumos da Poesia Brasileira” era o título. Ele entrevistou João Cabral de Melo Neto entrevistando Paulo Mendes Campos, Pedro Nava. E isso não custava nada para o **Correio das Artes**, ele fazia com todo prazer.

■ *Interessante você estabelecer essa ponte entre o Correio das Artes e a universidade, dando abertura para o suplemento nacionalmente. Quem quisesse colaborar, você sempre garantia um espaço?*

Houve uma polêmica no sentido de que eu estava privilegiando mais o autor de fora do que o autor da Paraíba. Infantilmente eu me dei ao trabalho de contar quantos autores paraibanos eram publicados e quantos de fora. E não tinha nem termo de comparação, era muito mais autor paraibano do que autor de fora. A gente tinha que fazer esse equilíbrio, provocar esse intercâmbio, esse diálogo entre os quadrantes de todo o país. Isso é importante porque o pessoal daqui também ficava conhecido

lá fora. E esse prêmio foi muito importante para o Correio das Artes. Depois, ele foi incluído no Moderna Linguagem Association Norte América [sic], um periódico americano que somente registrava os principais suplementos culturais e outras publicações do gênero dedicadas à cultura de um modo geral. Isso tudo não foi só por minha causa, eu gosto sempre de frisar isso. Foi por conta do Conselho Consultivo, por conta do apoio que eu recebi. Porque **A União** se encarregava de fazer com que todo o Brasil recebesse o suplemento. Se não circulasse, ninguém ia conhecer.

■ *Sérgio, sobre a sua ênfase à Literatura, você, como um poeta, como era a relação com outras manifestações artísticas?*

Eu procurei também no Correio das Artes dar uma ênfase especial a toda manifestação artística. Porque, de fato, anteriormente privilegiavam muito mais a Literatura em detrimento de outras artes. Eu fiz entrevista com Fernando Teixeira, entrevista com Pedro Osmar. Procuramos fazer com que o Correio das Artes fosse de fato o Correio das Artes: um órgão de divulgação de todas as artes sem privilegiar uma em detrimento da outra.

■ *Sempre se relaciona a universidade a uma ilha de excelência, por conta do cientificismo que o exercício da academia exige, da sua preocupação com a metodologia, com o sistema, com a maneira de se abordar tecnicamente algum problema e, no entanto, você editava um caderno que tinha que transformar isso em algo acessível ao leitor, em algo que fosse uma via pavimentada para facilitar o acesso ao conhecimento. Como era isso?*

Uma coisa que eu evitava justamente pegar era a divulgação

dos estruturalismos. A crítica estruturalista é muito complicada, é muito densa e o leitor do suplemento certamente não iria entender aqueles termos complicados. Mas outro episódio que eu tive n’**A União** muito interessante foi quando eu era bem jovem e fui um dos premiados no concurso do Paraná. Um concurso da época muito conceituado. Foi o concurso, inclusive, que revelou Dalton Trevisan, mas eu não gánhei o profissional, foi o estreante. Foi um acidente de percurso. Eu me aventurei em fazer um conto, mandei e, para a minha surpresa, quando vi, fui um dos premiados. Eu costumei dizer até que não consegui, nessa noite, conciliar o sono, fui insônia feliz, como diria Mário de Andrade. Eu era jovem, devia nem ter concluído o curso direito. Quando eu voltei, me achando por conta do prêmio, o meu amigo Frutuoso Chaves, em plena ditadura militar, me perguntou o que eu achava do ministro Alfredo Buzaid ter proibido a divulgação da obra erótica de Picasso em território brasileiro. Eu disse: eu tenho impressão que o ministro confundiu a obra de arte do mestre Picasso com a p* de aço do mestre de obra. Rapaz, depois eu soube que Ernani Satyro, que era um homem de confiança do governo militar, quis colocar Barretinho para fora, Frutuoso, todo mundo, por conta disso. Eu era um rapazinho de 22 anos, por aí.

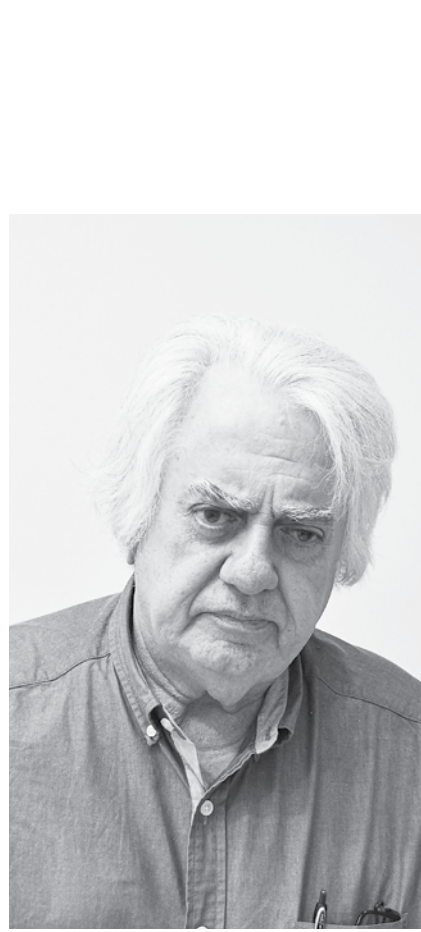
■ *Você falou que sua formação acadêmica é em direito, e como é que você conseguiu conciliar a preocupação com o respeito à lei, com a doutrina jurídica, com a jurisprudência dos tribunais, e a sensibilidade de quem encontra nas palavras uma forma de dizer aquilo que sente e que é comum a todos, mas que poucos sabem expressar, que é o caso da poesia?*

Eu costumei dizer que fiz Direito, mas não fiz direito, não. Eu fui péssimo, eu fui, inclusive, reprovado. De uma certa forma, foi benéfico para mim, porque eu fiquei com duas turmas: a turma que eu entrei e a turma que eu saí. Hoje, eu tenho amizade na turma que eu entrei, que é a turma de 1971, e na turma que eu saí, que foi em 1972. Isso porque eu não levava nem livro de Direito para a Universidade, eu levava de Literatura. Mas foi melhor não fazer Letras, porque a coisa chata é você ler uma coisa e dar satisfação aos professores. É bom você ler muito mais explorando o aspecto lúdico da leitura do que fazer trabalho. Eu tinha dificuldade muito grande para decorar.

Eu até gostava de uma frase que dizia que a memória é a inteligência dos medíocres.

■ *O Direito a exigir uma abordagem, digamos, técnica científica; a poesia a exigir a inspiração divina para os primeiros versos e a transpiração para o poema. Mas você conseguiu dar à poesia tecnicismo necessário para escolher a melhor palavra para descrever a cena ou a frase que você queria. Você não levou isso para o Direito?*

Não, o Direito foi pouco exercido por mim. E na poesia minha geração teve influência muito grande de João Cabral. Foi um poeta que exerceu uma grande influência não só entre os poetas brasileiros, como também entre os poetas portugueses. É uma poesia essencialmente cerebral, tanto que, naquela época, por exemplo, eu não gostava de Augusto Smith, que era um poeta discursivo, não gostava do próprio Pablo Neruda, que também é um poeta discursivo. Na verdade, eu nunca levei jeito nenhum para o Direito.



Na internet, “o poeta consegue ver a reação do público”, avalia o escritor, que publica trabalhos em redes sociais

■ *E como é que o editor de um suplemento literário premiado nacionalmente conseguia conciliar as preferências pessoais do poeta com as necessidades técnicas, digamos assim, do editor em abrange o maior número possível de ideias e colocá-las à disposição de um público para se discutir?*

Eu consegui fazer isso com a ajuda do Conselho Consultivo. Porque, às vezes, eu não gostava de um poema justamente porque não batia com aquilo que eu percebia como poesia, mas a gente se reunia - o Conselho Consultivo era Anco Márcio, Carlos Aranha Wilson Melo, que foi professor da universidade. A gente procurava diversificar ao máximo o Correio das Artes, porque, do contrário, se a gente fosse privilegiar só uma linha, o Correio das Artes terminaria fazendo o papel de porta-voz de algum movimento. Há quem diga, por exemplo, que o suplemento, quando foi dirigido por Vanildo Brito, de uma certa maneira era porta-voz da Geração 59, porque ele enfatizava só um tipo de poesia, só um tipo de crítica literária. A gente procurou não fazer isso. Não sei se teve efeito, mas a gente tentou.

■ *A gente também, no exercício da editoria, dá um murro na mesa de vez em quando. A gente se decepciona. Algum episódio desse é digno de lembrança?*

Não. Mas não gostaria de esquecer da participação ativa, efetiva e até afetiva dos artistas plásticos da época. Era Tônio e Domingos Sávio. Os dois colaboraram, e ambos foram também elogiados pela Associação Paulista de Artes.

■ *E a prosa, você também experimentou?*

Eu experimentei com esse curso que eu gánhei, mas é um conto, um clima poético, eu diria que é quase um poema em prosa. Mas foi mais um acidente de percurso. Foi bom porque eu conheci Affonso Romano de Sant’Anna, conheci Gilberto Mendonça. Foi bom até para o Correio das Artes. Eu fiz amizade com esse pessoal e depois entrei em contato com eles para que colaborassem no Correio das Artes. Agora foi um acidente de percurso. Eu acho que perdi tempo, porque abandonei, vamos dizer assim, a poesia durante algum tempo para investir no conto e não consegui fazer muitos. Só fiz uns dois ou três e pronto. Vou lançar agora o livro “Brando fogo das palavras”. E também vou lançar um livro de textos que eu publiquei aqui n’**A União**. Deixei de colaborar por conta do falecimento da minha mulher, mas fiz uma reunião desses textos e vou lançar agora, e o livro de poesia eu lanço no próximo ano.

■ *Sérgio, você é um poeta de uma geração que teve o privilégio de conviver com Cabral, com Bandeira, com*

Quintana, e você está chegando aí aos 75 anos de idade. Chegou aqui e está anunciando o lançamento de dois livros, e nós estamos convivendo com uma revolução nas comunicações que é o advento da Internet, das redes sociais. Como é que o poeta de uma geração que investia na palavra escrita e no livro publicado está convivendo com essa novidade em que tudo é muito rápido, muito perecível, né? E, ao mesmo tempo, de uma abrangência universal?

Eu convivo assim: vez por outra publico poemas meus [na internet]. É bom porque o poeta consegue ver a reação do público, o pessoal que fala sobre poema. Eu acho muito bom isso, uma forma a mais de o poeta, o escritor, divulgar a sua obra. Eu pertencia a um grupo de poetas chamado Sanhauá. Virgínio chamava de “Marcária”, para dizer que era uma porcaria. Tinha muitos “Marcos” mesmo. Era Marco dos Anjos Marcos Vinícius e Marcos Tavares, Anco Márcio. E eu, que sou o Sérgio Martinho, né? Eu divulgo poemas de política na internet, procuro fazer um poema político sem ser ostensivamente político, eu não gosto da poesia panfletária. Aquele negócio de “faz escuro, mas eu canto porque amanhã vai chegar”. Pode ser bonito, mas são metáforas gastas. Esse, por exemplo, que eu fiz são personagens que existiram, como era o Preto Cosme, pintor de paredes. Mas claro que eu procuro falar sobre ele transfigurando a linguagem. Eu digo assim: “O Preto Cosme pintor de paredes/ o preto cosme caíava como quem dispara tiros a esmo/ ou como um bêbado que erra o prumo e salpica sindical/ estrela sindical em luara sindical/caiando-se a si mesmo/ Qual fosse um muro branco de susto emparedando o preto”. São personagens municipais que de fato existiram e eu transfigurei através da linguagem.

■ *Como é o seu processo de criação?*

Eu digo que os meus poemas mesmo são aqueles que, eu acho assim, vieram do nada. Tem um poema meu que é bem curtinho: “A zebra é a adição extra de um cavalo que virou notícia”. Eu fico pensando: “Meu Deus do céu, será que surgiu assim, de repente, foi um achado, uma epifania?”. Mas eu acho que não. Porque nesse tempo estava trabalhando num livro chamado “Zoe Imaginário”. Foi um livro que me deu muitas alegrias. Porque ele ganhou o prêmio Guilherme de Almeida da União Brasileira de Escritores. Ele foi adotado no estado de São Paulo pela Secretaria da Educação. Ele entrou no programa da Biblioteca Nacional. Tiraram 25 mil exemplares. É um livro em que eu só falo sobre animais. Então, esse poema da zebra não veio do nada. Eu estava pensando só em animais. Estava elaboran-

do por dentro de mim. A minha poesia tem muito olho também. João Batista de Brito escreveu a primeira tese de doutorado - eu fico muito feliz com isso - sobre minha poesia: ‘Siga-me a imagem Castro Pinto’. Aí ele se dá conta de determinadas nuances, determinadas filigranas, das quais eu não me dava conta. Porque o autor nem sempre tem autoridade sobre o poema depois que o poema passa a pertencer a todos. E a leitura de João é muito interessante. Ele viu o quanto existem olhos na minha poesia. Tem um poema meu, Camões Lampião, [no qual] eu procuro estabelecer um cortejo entre Camões e Lampião, tomando como pretexto o olho cego de ambos. Mas, no caso aí existe outro cegueta, que sou eu. Eu não enxergo pelo meu olho esquerdo, entendeu? Então tem Lampião que é cego, tem Camões que é cego e tem eu. Eu digo até brincando que o meu olho direito olha para fora, é o olho épico, e o olho lírico é o olho cego, porque eu olho para dentro, entendeu? Eu nunca vi um cara tão perspicaz. Outra coisa: o texto flui mesmo. O cara que é iniciado e o que não é muito iniciado na antiguidade compreendem tudo que ele escreve.

■ *Gênios como Beethoven levavam anos para compor. Uma obra dele levou 10 anos. Se você pegar uma partitura original de Beethoven, está cheia de correção. Isso parece comum para você?*

Eu trabalhava no Patrimônio da União, Ministério da Fazenda. Eu era advogado lá. Ficava na Praça Rio Branco e tinha uma livraria do meu grande amigo Bartolomeu de Oliveira, mas eu vivia muito mais tempo na livraria do Bartolomeu do que na repartição, né? Graças a Deus. E quando eu saía de tardezinha, umas cinco horas, ia na livraria de Bartolomeu para dar boa noite e tinha as cigarras. “Se, se, se”. Aí eu disse: “Meu Deus do céu, essa cigarras estão recitando o Rudyard Kipling”. Foi aí quando surgiu: “as cigarras/ são guitarras trágicas/ plugam-se/se/se/se/ nas árvores/ em dós sustenidos/ Kipling recitam a plenos pulmões/ gargarejam/ vidros/ moidos o cristal dos verões”. Esse poema levou mais de 30 anos para ficar pronto. Ele faz parte do meu livro o “Zoo Imaginário”. É um livro de 2005. Eu trabalhei em 1980 no Patrimônio da União. A gente vai trabalhando sem se dar conta. Tem um almoxarifado lá dentro da gente, a gente fica trabalhando lá as coisas dentro da gente.

■ *E A União nessa história toda seria também tema de um poema?*

Eu tenho poemas sobre jornal e certamente **A União** está lá, porque **A União** fez parte de minha vida.





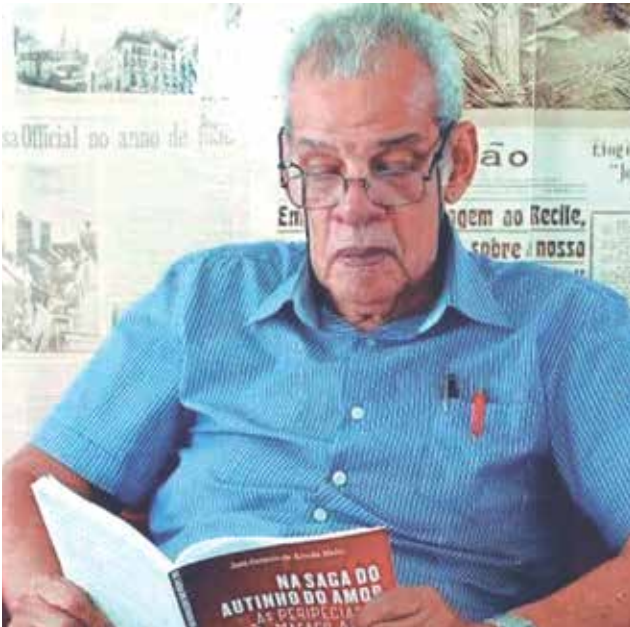
Sheilla Martins, Denise Wolff, Carmem Eleonora Amorim, Gilvandro Rodrigues, Renate Vidal de Negreiros, Cida Lima, Astier Basílio, Salomão Medeiros e Mariazinha Carvalho são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS. EXPERIMENTE.



Na próxima edição do Pôr do Sol Literário, evento cultural que vai acontecer no dia 27 de julho, o escritor e professor aposentado da UFPB, José Octávio de Arruda Melo (foto), vai fazer o lançamento da 14ª edição do seu livro “A História da Paraíba, Lutas e Resistência”. Claro que será um momento imperdível.



A presidente da Empresa Paraibana de Comunicação, jornalista Naná Garcez, teve participação especial no “Encontro Mulheres pela Democracia na Paraíba”, evento que aconteceu na sala de sessões do Tribunal Regional Eleitoral (TRE/PB), em João Pessoa. A programação, idealizada e liderada pela presidente do TRE/PB, desembargadora Fátima Bezerra Maranhão, teve palestra da professora e diretora-geral do Senado Federal, Ilana Trombka.



Teresinha Loureiro, viúva do saudoso médico radiologista Lautônio Loureiro, enriquece a coluna deste domingo, na foto ao lado da querida prima, a escritora Irene Dias.

A Gracejos Recepções, casa de eventos localizada em João Pessoa, no dia 11 deste mês será palco da festa promovida pela executiva Morjana Gonçalves (foto). No evento, promovido com muito carinho pela anfitriã, vão se apresentar o médico Ariosto Afonso (fã incondicional do saudoso cantor Nelson Gonçalves) e o “cover” de Reginaldo Rossi.



Na noite da terça-feira (27), participei de gravação de programa junino, realizado por O Norte Sistema de Comunicação, empresa que é liderada pelo empresário Diego Amaranto. Grandes nomes da comunicação de nosso Estado, a exemplo de Aldo Schueler e Kubitschek Pinheiro, estão entre os jornalistas que irão fazer parte do staf do Sistema O Norte. Na ocasião, registrei o diretor-presidente da Fundação Napoleão Laureano, Marcelo Pinheiro de Lucena Filho, e o do casal Ronaldo Cardoso e Maria Madalena, empresários do grupo de supermercados BeMais.



A PBTur, empresa presidida pelo executivo Ferdinando Lucena (foto), estará levando um grupo de jornalistas e influenciadores para a solenidade de abertura da nova edição da Rota Cultural Caminhos do Frio 2023, em Areia, na noite dessa segunda-feira (3). Claro que marcaremos presença.



Encerraram-se nessa última sexta-feira, dia 30, as inscrições para os que desejam ocupar uma das quatro vagas na Academia Cajazeirense de Artes e Letras / Acal, cuja logística do pleito ser definida em reunião da comissão encarregada de direcioná-lo.

Neide Medeiros, minha professora na cadeira de Literatura Infantojuvenil, na UFPB, é candidata a uma vaga na Academia Paraibana de Letras. Ela, que postula a cadeira de número 21, que foi anteriormente ocupada pelo saudoso patoense Flávio Sátiro Fernandes, tem significativa história nos meios acadêmicos e intelectuais de nosso Estado.

A Multifeira Brasil Mostra Brasil, evento promovido pelo empresário Wilson Martinez, há mais de 25 anos, e que vai acontecer no Centro de Convenções de João Pessoa, de 7 a 16 deste mês, já está com as obras de infraestrutura quase todas concluídas. A Brasil Mostra Brasil conta com o apoio do Governo do Estado, Prefeitura de João Pessoa, Sebrae-PB, CDL-JP. A expectativa, segundo a assessoria de imprensa, é atrair mais de 100 mil visitantes durante os 10 dias de realização.

A convite da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), por meio do seu superintendente, Paulo Barreto, jornalistas da FEBTUR paraibana participaram do Forroviário, passeio junino que percorreu os municípios de João Pessoa e Santa Rita.

Rogério Fialho, desembargador e membro efetivo do TRE-PE, vai tomar posse na Academia Paraibana de Letras Jurídicas, no próximo dia 17 de julho. Ele, um escritor de valor, vai ocupar a cadeira de número 44.

Durante o evento Google for Brasil, O Boticário e o Google anunciaram uma parceria inédita para ajudar as pessoas a encontrarem informações atualizadas sobre pontos de coleta de materiais recicláveis que estejam disponíveis nas proximidades, por meio do Google Maps. Além da localização dos pontos de coleta, também serão informados os tipos de materiais que podem ser entregues em cada um deles, horário de funcionamento e outras informações para facilitar a dinâmica da coleta. Aos domingos com Messina Palmeira .

Selic Fixado em 21 de junho de 2023 13,75%	Sálário mínimo R\$ 1.320	Dólar \$ Comercial -1,19% R\$ 4,790	Euro € Comercial -0,80% R\$ 5,226	Libra £ Esterlina -0,56% R\$ 6,082	Inflação IPCA do IBGE (em %) Maio/2023 +0,23 Abril/2023 +0,61 Março/2023 +0,71 Fevereiro/2023 +0,84 Janeiro/2023 +0,53	Ibovespa 118.087 pts -0,25%
--	---	--	--	---	---	--

CONTAS MAIORES

Férias elevam gastos das famílias no mês de julho

Despesas com passeios e alimentação podem comprometer o orçamento

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Com a chegada das férias escolares, os pais têm a missão de entreter os filhos durante o mês de julho. Mas a mudança de rotina aumenta os gastos e pode comprometer o orçamento. Algumas famílias viajam e, mesmo as que não se deslocam para outras cidades, levam os filhos a passeios em *shoppings*, parques e cinemas, que registram aumento considerável do fluxo de pessoas. Mas para não haver o descontrole das contas familiares, a indicação é o planejamento prévio das atividades, o que pode reduzir os gastos com a utilização dos serviços.

O economista e conselheiro do Conselho Regional de Economia da Paraíba (Corecon-PB), Acilino Madeira, orienta quem vai viajar que antecipe a organização da excursão para gastar menos, considerando que o mês de julho é de alta estação e os custos dos serviços de transporte aéreo e terrestre e os de hospedagem ficam mais caros. Para quem viaje a exterior, ele recomenda a verificação do câmbio. O dólar segue em tendência de queda, mas ainda custa caro, sobretudo para uma viagem familiar com vários membros.

Já para quem fará passeios com os filhos na própria cidade ou nos arredores, Acilino Madeira aconselha procurar opções gratuitas. “O pai ou a mãe podem verificar junto à associação ou sindicato de classe profissional se há opções gratuitas ou com desconto para os filhos. Além disso, as escolas também organizam viagens e passeios nesses períodos, o que pode ser uma opção viável”.

Ele destaca que o uso da primeira parcela do 13º salá-



Família de Natália (fotos acima) curte as férias unida, assim como a família de Pedro e Fernando

rio pode ser uma opção para reforçar o orçamento com o aumento de gastos sazonal. “O ideal seria que as pessoas economizassem mês a mês para este momento, colocando esses gastos na planilha regular”, indica. O economista pontua que o valor do 13º salário nunca deve ser considerado para o pagamento de contas fixas, mas usado para as despesas extraordinárias, como as atividades de lazer.

Distração para crianças

As férias de julho dos irmãos Pedro (nove anos) e Ana (quatro anos) não coincidem com o período de descanso dos pais Karla de Fátima e Fernando Vieira. Por conta disso, eles precisam usar a criati-

vidade para garantir o lazer e o descanso dos pequenos fora do ambiente escolar. Por falta de agenda, a família não vai viajar.

Karla de Fátima conta que vai levá-los a passeios na praia, no cinema e nos *shoppings*. Mas no dia a dia, o jeito é apelar para as áreas recreativas do prédio onde moram. “Aqui tem piscina e parquinho. Então, como há muitas crianças na faixa etária de Pedro, é tranquilo. Eles fazem muitas brincadeiras e jogam futebol”.

Para agradar Ana, Karla combina atividades com outras mães que têm filhos na mesma idade. “Fazemos visitas entre os coleguinhas”, comenta. Ela tem dois dias na semana em casa para apro-

veitar com os filhos. A ideia da família é não gastar muito além do orçamento médio mensal, em torno de 20% a 30% a mais. “Nos passeios, sempre há os gastos com os lanches. Mas além disso, com as férias, eles querem os almoços e jantares em casa mais recheados e caprichados”.

Conforme o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a inflação dos lanches é de 11,87%, nos últimos 12 meses encerrados em maio. Já sobre os chocolates e sorvetes, alimentos bastante consumidos por crianças e adolescentes, os índices são de 11,04% e de 16,05%, respectivamente.

Custos sobem entre 30% e 40% no período

Ocasal Natália Braga e Rafael Paulino já se programou para gastar, no mínimo, de 30% a 40% a mais com a filha Rafinha, de três anos e oito meses, durante suas férias escolares. A mãe da menina conta que é preciso encontrar atividades para fazer com a filha, no período, para mantê-la estimulada, sobretudo, no quesito criatividade. “A escola recomendou que façamos brincadeiras”.

A família, que reside em João Pessoa, esteve recentemente de férias em Campina Grande para aproveitar os festejos juninos. “Alugamos um apartamento por 15 dias, mas nesse meio tempo, Rafinha sempre cobra um passeio, seja ir ao *shopping* ou uma visita a

um parquinho. Ela gosta muito de brinquedos e de balanço”.

Segundo Natália Braga, os gastos aumentam durante as férias porque a demanda por entretenimento é maior. “O que antes fazíamos apenas aos finais de semana, torna-se mais frequente, porque é feito nos dias de semana também. É ida ao *shopping*, praia e cinema. Ela adora assistir filmes”, comenta.

A família ainda planeja fazer uma viagem, ao final de julho. “Mesmo numa viagem simples, a gente tem gastos, acaba comprando uma ou outra peça de roupa, como uma bota que ela usou recentemente ou um casquinho, já que Campina é mais fria do que João Pessoa”.

Consumo maior

A diretora de Marketing dos *shoppings* Manaira e Mangabeira, em João Pessoa, Roberta Barros, afirma que o fluxo de visitantes nos estabelecimentos cresce bastante, em julho, com a demanda da população que está de férias, bem como dos turistas que chegam à cidade. Por conta do aumento do número de consumidores em potencial, as empresas prepararam ações de entretenimento direcionadas especificamente para o público infantil.

“Além do habitual passeio para compras nas lojas, as pessoas costumam levar crianças e adolescentes da família para se divertirem nos *shoppings*”, comenta Roberta Barros. Ela

relata que, no Manaira Shopping, haverá um parque de diversão temático.

Já no Mangabeira, acontecerá o tradicional “Show de Férias”, que são apresentações gratuitas, para o público infantil, todas as sextas de julho, às 19h, no Palco de Eventos, na Praça de Alimentação. “Os pais e as crianças adoram”, frisa ela.

Roberta Barros ainda destaca os lançamentos dos cinemas, que exibem filmes para o público infantil, além dos parques infantis dos *shoppings* e os boliches. As praças de alimentação também são pontos bastante visitados pelo público. “Os locais também registram aumento no fluxo de clientes”, pontua.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Caged: João Pessoa alcança recorde de empregos formais

A cidade de João Pessoa, a 20ª maior do Brasil, está celebrando um marco em seu mercado de trabalho. De acordo com os dados mais recentes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), maio de 2023 registrou um recorde: a criação de 1.398 novas vagas de emprego com carteira assinada. Esse número não apenas representa o maior saldo de empregos formais já registrado para o mês de maio desde o início da série histórica do Novo Caged em janeiro de 2020, mas também destaca um ritmo de crescimento significativo no emprego formal.

Durante o mês de maio, foram realizadas 7.399 admissões e 6.001 desligamentos, indicando uma tendência de aumento nas contratações. Todos os setores econômicos da cidade apresentaram saldo positivo, com destaque para serviços (+641), construção (+545), comércio (+118), indústria (+76) e agropecuária (+18).

No acumulado do ano, de janeiro a maio de 2023, João Pessoa acumula um saldo positivo de 2.639 novas vagas com carteira assinada. Os meses de fevereiro (+620), março (+1.069), abril (+279) e maio (+1.378) foram especialmente favoráveis, impulsionando o crescimento do emprego na cidade.

O setor de serviços (+2.082) e a construção civil (+889) merecem destaque pelo seu desempenho positivo na criação de empregos em João Pessoa. A construção registrou um crescimento expressivo de 3,71%, refletindo a demanda por obras e projetos na cidade, sendo o melhor resultado na geração de empregos desde outubro de 2021. Os serviços também apresentaram um bom desempenho, com um aumento de 2,20% no emprego. No entanto, é importante mencionar que o setor do comércio ainda enfrenta desafios, com uma redução de 0,37% no emprego. A indústria também está enfrentando dificuldades, com uma queda de 1,15% no emprego.

Ao comparar o desempenho de João Pessoa com outras regiões, observa-se um crescimento de 1,49% no emprego no acumulado do ano, enquanto o estado da Paraíba na totalidade registrou uma redução de 0,64%. No Nordeste, o crescimento foi de 0,93%. O crescimento econômico traz benefícios que vão além dos números, impactando positivamente a sociedade e melhorando a qualidade de vida das famílias de João Pessoa. Com mais pessoas empregadas, observa-se um aumento no poder de compra, a redução da desigualdade e o fortalecimento da economia local, proporcionando estabilidade econômica para a cidade.

Diante desse cenário, os números do Caged desempenham um papel fundamental para embasar políticas públicas e estratégias de incentivo ao crescimento econômico, visando a geração de empregos e o desenvolvimento contínuo de João Pessoa. As expectativas para os números do mês de junho são ainda maiores, principalmente devido aos investimentos realizados pela prefeitura e aos negócios durante o período junino, que certamente tiveram impacto no desempenho desse mês. Vamos aguardar, talvez um novo recorde venha a ser estabelecido, consolidando ainda mais o crescimento do mercado de trabalho em João Pessoa.

MERCADO DE TRABALHO

Estudo revela hábito de funcionários

Pesquisa apontou que 83% dos profissionais fingem ocupação a fim de parecerem mais produtivos e evitarem demissões

Jayanne Rodrigues
Agência Estado

Muitos funcionários fingem que estão trabalhando para parecerem mais úteis, evitarem demissão, conseguirem uma promoção ou escaparem de mais trabalho. A conclusão é de uma pesquisa realizada nos EUA pela empresa ame-

ricana Visier, especializada em soluções tecnológicas para recursos humanos. Segundo o levantamento, isso acontece num cenário de crescente pressão por mais produtividade, em que os trabalhadores sentem que não podem parecer que estão sem fazer nada. Mexer na tela do computador só para não entrar no modo descanso

e responder a *e-mails* que não exigem uma ação imediata são considerados comportamentos performáticos pela pesquisa. Entre os principais motivos para fingir que trabalham, 64% citam que é importante para o sucesso profissional e 41% afirmam que querem parecer mais valiosos para a empresa. Ao longo de uma semana mé-

dia de trabalho, 22% dos entrevistados disseram gastar quase metade do tempo de trabalho (20 horas) em funções que não contribuem de verdade para a empresa. **Tarefas pouco úteis** O levantamento consultou mil trabalhadores em tempo integral - presencial, híbrido e *home office* -

em fevereiro de 2023. Desses, 83% admitiram realizar tarefas pouco úteis, mas que dão impressão de serem importantes, em vez de se dedicar a outras com resultados significativos. Mas nem sempre o trabalho performático é ofensivo, vira um problema para a eficiência da empresa, quando passar a ser praticado com frequência.

Foto: Freepik



Profissionais também admitiram que simulam ocupação, apesar de concluírem as tarefas, com receio de receberem muito mais trabalho que os colegas

Pressão

Cenário exposto pela pesquisa ocorre em meio às cobranças por mais produtividade, em que os trabalhadores sentem que não podem parecer que estão sem fazer nada, levando a comportamentos performáticos

Dinamismo pode passar falsa impressão de produtividade

A pesquisa aponta que os funcionários que trabalham nos modelos presenciais e híbridos foram os que mais se sentiram vigiados por suas chefias, e isso os induz a se mostrarem mais ocupados. Os líderes têm o papel de delegar tarefas para as equipes, mas existem diferentes maneiras de acompanhar os colaboradores de modo saudável, diz Susan Vroman, docente de administração da Universidade Bentley, em Massachusetts (EUA).

A professora cita dois exemplos para líderes usarem na prática. Para colaboradores que gostam de trabalhar sozinhos, o ideal é que o chefe busque entender do que o funcionário precisa. É mais importante se preocupar com a entrega do que com o acompanhamento passo a passo. Para quem prefere ser acompanhado a docente recomenda: “Se alguém está dizendo ‘estou um pouco nervoso, sinto que meu chefe não sabe o que está aconte-

cendo’, o caminho é pensar em um ritmo específico, talvez um relatório de *status* da tarefa”. Susan também orienta a perguntar sobre o andamento da atividade duas vezes por semana. A professora afirma que líderes preparados não buscam microgerenciar equipes, isto é, criar uma lista gigantesca de tarefas para manter as pessoas ocupadas. “Acredito que [as chefias] estão tentando encontrar uma maneira pela qual todos sintam que es-

tejam recebendo crédito pelo trabalho que estão fazendo no tempo de que precisam.” O desafio, segundo Vroman, é o tempo que os líderes vão levar para aperfeiçoar esse monitoramento saudável. Até lá, de um lado, parte do quadro de trabalhadores vai considerar a supervisão excessiva, enquanto outros vão estar satisfeitos pelo acompanhamento. Para alguns chefes, um trabalhador que seja mais quieto pode

parecer que não faz muita coisa ou tem pouco trabalho. Isso é um equívoco, afirma Maíra Blasi, especialista em futuro do trabalho e fundadora da Subversiva, consultoria especializada em transformação organizacional. “Valorizamos muito mais pessoas agitadas e que estão se comunicando, parecendo que estão trabalhando, em vez de olhar para as entregas em si. Parece que estar se movimentando se torna mais importante do que fazer as entregas.”

Concluir tarefas antes resulta em “punição” com sobrecarga

Segundo Blasi, essa ilusão corporativa leva funcionários a simularem que estão ocupados é o receio de receber muito mais trabalho que os colegas. Quem é rápido e termina suas tarefas antes acaba sendo “punido” por essa eficiência, diz a especialista. A pesquisa da Visier mostra que 8% dos funcionários se encaixaram

nessa situação. Como mecanismo de defesa, o funcionário omite já ter finalizado uma tarefa por medo de ser atolado por outras. E aí, o trabalho performático vira uma bola de neve. “As pessoas fingem que trabalham para não ter mais estresse, porque já cumpriram a meta, já chegaram a um limite intelectual e de

cansaço”, diz a especialista. A competitividade nociva é outro fator que estimula tarefas sem resultados. O trabalhador fica com medo de não ser reconhecido e perder o lugar, diz Jenifer Zveiter, head na Condurú Consultoria, empresa que presta serviços de diversidade e inclusão. Segundo Zveiter, o co-

laborador assume o risco de fazer o que for necessário para conquistar a chefia, e silenciosamente, alimentar um lugar de competição na equipe, o que torna o trabalho mais individual. Apesar disso, é possível construir algo positivo desde que haja colaboração. “Isso gera uma motivação,

uma perspectiva de crescimento e muitas vezes incentiva a criatividade e a inovação no ambiente de trabalho”, analisa Isabela Corrêa, CEO da B.NOUS, uma *edtech* (combinação dos termos *education* e *technology* - educação e tecnologia, em português) focada em *soft skills* (habilidades comportamentais) e inovação.

Situação adoece trabalhadores e causa prejuízo às empresas

Uma forma de combater a atividade performática é evitar relacionar número de horas de trabalho à produtividade

Os principais motivadores para as pessoas fingirem estarem ocupadas estão diretamente ligados ao funcionamento global do processo de trabalho e às formas de gerir recursos humanos, afirma Camila Corrêa, doutora e especialista em promoção da saúde mental. Companhias com excesso de tarefas sem propósito podem se deparar com redução da motivação, aumento de faltas e licenças, além

de custos com substituições/treinamentos de novos funcionários. “Uma vez que a produtividade artificial é resultado de sobrecarga, más condições de trabalho, incentivo à competitividade e expectativas irreais, há perda e adoecimento de profissionais qualificados e prejuízos substanciais para a empresa”, diz. A cultura corporativa de alcançar o sucesso profissional a

qualquer custo está mudando aos poucos, avalia Isabela Corrêa. “O mundo do trabalho vem se modificando muito em relação até mesmo à quantidade de horas trabalhadas, com modelos de trabalho flexíveis.” Isso pode mudar a ideia de que é preciso ser visto para ser importante ao negócio. Uma das alternativas para romper com o ciclo do trabalho performático é evitar relacionar número

de horas de trabalho à produtividade. Incentivar a transparência e ter uma boa definição de metas e objetivos também pode oferecer autonomia às equipes. “Temos que sair dessa lógica de gerenciar pessoas para gerenciar processos e fluxo organizacional. Se você mede pessoas por horas, você não está preocupado com o resultado da organização”, alerta Maíra Blasi, da Subversiva.

PRESERVAÇÃO DE BIOMAS

Desertificação é problema; energias renováveis, um potencial

Seminário nacional em Campina Grande debateu o desenvolvimento sustentável da Caatinga

Renato Félix
Assessoria Seties

A consciência da necessidade de preservação dos biomas brasileiros começou pela Amazônia, depois incluiu a Mata Atlântica e finalmente chegou à Caatinga. A preocupação com a região abrange diversos temas que foram assunto dos debates no I Seminário Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Caatinga (Seminac), realizado de quarta, 28 de junho, a sexta, 30, na sede do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), em Campina Grande. Pesquisadores e representantes dos governos Federal e Estadual e de diversas entidades estiveram presentes para falar de desenvolvimento social, mudanças climáticas, desertificação e energias renováveis entre outros tópicos.

O secretário executivo de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Rubens Freire, o presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB), Rangel Junior, a secretária de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade, Rafaela Camaraense, estiveram presentes ao evento. Adriana Alves, secretária nacional de Políticas de Desenvolvimento Regional e Territorial do Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, representou o Governo Federal. A diretora do Insa, Mônica Tejo, falou à plateia na abertura oficial, assim como representantes de entidades como o Banco do Nordeste, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA).

“O evento agrega pesquisadores, público, pessoas curiosas, promovida pela comunidade acadêmico-científica para discutir um assunto extremamente importante que é o destino do bioma Caatinga”, comentou o secretário executivo Rubens Freire. “É um momento importante de paradigma no financiamento da política nacional de ciência e tecnologia. E aí retomamos temas que estavam adormecidos”.

“Existe uma preocupação muito grande agora. O Ministério do Meio Ambiente vem retomando com muita força a questão da preservação dos biomas. E a gente tem também uma necessidade de investimento”, afirmou Adriana Alves, secretária nacional de Políticas de Desenvolvimento Regional e Territorial do Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional.

Além dos debates oficiais, conversas paralelas entre os participantes podem gerar também projetos futuros. “Estive conversando com colegas, notadamente a comunidade de dirigentes das políticas públicas de ciência e tecnologia da região, e há uma intenção de reproduzir uma experiência bem-sucedida que é o programa Amazônia + 10”, conta Freire. “É um assunto que está sempre sendo pautado e vai ser retomado com mais intensidade a partir de várias conversas que estamos tendo aqui. Não no escopo do evento, mas conversas, digamos assim, paralelas, com pessoas que estão aqui. É uma ideia que atraiu bastante a comunidade de dirigentes de políticas públicas de ciência, tecnologia e inovação no ambiente Nordeste para reproduzir aqui. Esse assunto está pautado na câmara temática do Consórcio Nordeste”.



Foto: Mateus de Medeiros

Pesquisadores dos governos federal e estadual estiveram presentes discutindo o assunto

Imagem de “pobreza” da região sempre foi estereotipada

O professor e economista Jonas Duarte, do Departamento de História da UFPB, representou a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), defende que a ideia estereotipada sobre a caatinga e o Semiárido foi construída, “O Nordeste, na divisão nacional do trabalho, terminou sendo a região empobrecida, pela lógica do capital”, contou. “Agora a gente precisa criar aqui uma educação de colonial, contrária a essa visão de inferiorização do Nordeste. E precisa desenvolver na área da economia, na área da política, um desenvolvimento econômico, social, e um empoderamento político das camadas populares”.

Para ele, há duas visões sobre o Nordeste, que são um pouco estereotipadas e também um pouco verdade. “Uma é que no Nordeste há muita pobreza. Há realmente, isso é fato. E outra é que o Nordeste é dominado por oligarquias familiares, isso também é verdade”, disse. “Agora, também é verdade que há muita riqueza no Nordeste. Também é verdade que a região deu uma lição política ao país e tem muita organização civil. Tem um pulsar da vida no Nordeste muito interessante”.

Desertificação

Ficou também evidente o dilema envolvendo a política de energias renováveis: os pesquisadores defendem que os grandes parques de energia solar e eólica trazem, como efeitos colaterais, problemas ambientais e até de saúde da população próxima. “Existe esse dilema entre como essa riqueza das zonas áridas do Semiárido brasileiro pode ser utilizada com justiça social, que efetivamente beneficie os seus moradores”, disse o professor Aldrin Martín.

“Esses megaprojetos privados, em lugar de favorecer a luta contra as mudanças climáticas, eles incrementam essas mudanças climáticas porque cortam a vegetação onde os parques serão instalados. E isso prova que o carbono, tanto o que está nas plantas quanto o que está no solo, seja liberado”, continua. Para ele, isso também provoca efeitos no solo, que fica impermeável e a vegetação não se desenvolve e a água nas profundezas seja reduzida.

“As energias limpas e renováveis são uma prioridade com a transição energética”, afirma Adriana Alves. “O que a gente consegue é conciliar isso: garantir o processo de preservação, mesmo com a geração e o aproveitamento do potencial do Semiárido, que é a energia solar e a energia eólica”.

“Nossos projetos produtivos são pautados na sustentabilidade, na mi-

tigação de efeitos da desertificação e na redução da desertificação também”, continua ela. “A política de desertificação não está a cargo do Ministério da Integração, está a cargo do Meio Ambiente, mas nós trabalhamos, em todas as nossas iniciativas, processos sustentáveis”.

“Isso é uma discussão que tem sido levada no âmbito do Consórcio Nordeste. A energia renovável tem sido encarada pelos atores políticos atuais como uma grande oportunidade para o desenvolvimento econômico e social dos estados da região”, contou Fábio Guedes, presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (Fapeal) e que também está à frente da Câmara Temática de Ciência e Fomento ao Conhecimento do Consórcio Nordeste. “É importante que as universidades e os centros de pesquisa possam também avaliar qual o impacto disso na vida das pessoas, do ponto de vista social, e também os frutos da geração de riqueza com base no potencial da produção de energia limpa no Nordeste”.

“

Agora, também é verdade que há muita riqueza no Nordeste

Aldrin Martín

SUSTENTABILIDADE

Ações para reduzir lixo nos mares

UFPB, juntamente com outras instituições, está desenvolvendo projeto para encontrar alternativas para os resíduos

Alexsandra Tavares
lekajpb@hotmail.com

A grande produção e descarte incorreto de plástico no mundo traz sérios impactos ambientais e ao homem. O produto já está presente na água, solo e atmosfera. A presença do material nos oceanos é um capítulo à parte, pois os dados são alarmantes. A estimativa é de que o Brasil lance 3,44 milhões de toneladas desse lixo todo ano no mar. Os resíduos já se acumulam na superfície e até nos leitos mais profundos, atingindo o ecossistema marinho e o ser humano. Não é à toa que a comunidade acadêmica se debruce sobre o assunto, tentando avaliar e mitigar esses impactos. A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), juntamente com outras instituições, desenvolve o projeto “Sustentabilidade como Solução para o Lixo no Mar”.

O estudo busca não só avaliar os prejuízos do plástico descartado de forma errônea nas praias, mas propõe ideias de reciclagem e uso sustentável do material. Em parceria com outras instituições, o “Sustentabilidade como Solução para o Lixo no Mar” já agrega projetos como o do tijolo sustentável e o da madeira sintética, que podem conter frações de plástico na produção, dando uma reutilização ecologicamente correta ao resíduo plástico.

Dentre as instituições parceiras estão a Universidade Federal de Lavras (UFLA), a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o Senai/Cimatec, a Universidade Estadual Paulista (Unesp); em Sorocaba-SP), o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), e o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

A professora do Departamento de Engenharia de Materiais da UFPB, Amélia

Severino Ferreira e Santos, coordenadora do projeto, afirmou que o objetivo do estudo é mostrar que o fortalecimento da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) é um dos meios para os resíduos plásticos não chegarem ao mar, comprovando que esse resíduo jogado nos oceanos pode ser reaproveitado ou reciclado em produtos de valor agregado. Outra finalidade é gerar dados experimentais para estimar a taxa de geração de microplásticos nos oceanos.

“Ainda discute, criticamente, por Análise de Ciclo de Vida (ACV), quais os plásticos e suas alternativas reutilizáveis, biodegradáveis e não biodegradáveis, que têm menor impacto ambiental nos oceanos”, acrescentou a professora.

O grupo de pesquisadores é formado por professores e profissionais que trabalham ativamente na área de resíduos sólidos, microplásticos, plásticos biodegradáveis e reciclagem de plásticos, e conta ainda com alunos de graduação e pós-graduação. Segundo Amélia, por meio do compartilhamento de conhecimentos, é posto em prática um trabalho integrado para compor um plano de ação no combate à poluição plástica.

A professora declarou que existe uma “carência enorme” de dados experimentais que quantifiquem a diferença de propriedades entre os plásticos encontrados na praia e aqueles recolhidos na coleta seletiva, dados de quantificação e, principalmente, tipificação dos diferentes tipos de plásticos presentes nas praias - como o polietileno, polipropileno, PET e isopor. Também são poucas as experiências sobre a taxa de fragmentação dos plásticos nos oceanos e uma análise crítica sobre qual alternativa causa menos impacto no mar.



Foto: Pixeals/Jucien/Wanda

Estimativa é que, no Brasil, todo ano sejam lançados no mar mais de três milhões de toneladas de plásticos

Atividades de campo ocorrem em julho

A equipe do projeto “Sustentabilidade como Solução para o Lixo no Mar” irá iniciar as atividades de campo, no Litoral paraibano, a partir desse mês de julho. Entre as ações está programada a realização de uma campanha de educação ambiental na orla do município de Cabedelo, junto aos trabalhadores formais e informais do local.

Ainda está prevista a realização de minicurso sobre o combate à poluição plástica nos oceanos para o público interno de universidades e instituições de pesquisa, tornando-os multiplicadores de conhecimento. A programação conta ainda com oferta de oficinas em duas associações de catadores de materiais recicláveis. Nesse último caso, a finalidade é estimular atividades de empreendedorismo no segmento.

A professora Amélia Severino ainda enfocou que o calendário conta com a análise gravimétrica para quantificação e tipificação dos tipos de plásticos encontrados nas praias do Seixas e da Penha, bem como o ensino do jogo de xadrez produzido com resíduo de tampinhas plásticas para crianças do Ensino Fundamental I da Escola de Educação Básica (EEBAS) do Centro de Educação (CE) da UFPB.

Tijolo sustentável

O projeto “Sustentabilidade como Solução para o Lixo no Mar” conta com ideias sustentáveis para o uso do plástico. Uma delas é o tijolo ecológico. O pro-



Foto: Divulgação

Equipe do projeto realizado por várias instituições

fessor Ricardo Peixoto Suasuna Dutra, que atua junto com a professora Amélia Severino Ferreira e Santos, no Departamento de Engenharia de Materiais da UFPB, explicou que já há estudos que comprovam a viabilidade do uso de frações de plástico numa mistura que resulta em um tijolo sustentável.

Ciente disso, o Departamento de Engenharia de Materiais da UFPB está desenvolvendo seu próprio tijolo ecológico. Ele explicou que o tijolo tradicional, de cerâmica, é processado em altas temperaturas. “O tijolo ecológico é confeccionado por um material argiloso e cimento prensado e, a partir dessa mistura, são incorporados percentuais diferentes de resíduos plásticos. A expectativa é obter resultados semelhantes ao tijolo convencional”, explicou.

Os estudos para a fabricação desse produto na UFPB iniciaram esse ano, e estão na fase de análise de laboratório, ou seja, ainda não foi feito nenhum tijolo do tipo. Mas, ele adiantou que um dos materiais descartados no mar e que pode ser usado na produção desse item da construção civil é o plástico proveniente da gar-

rafa pet. “Acredito que até o final desse ano já tenhamos resultados sobre a produção do tijolo”.

Após a confecção do produto, há a intenção de buscar parcerias para que o tijolo ecológico seja fabricado em escala industrial e chegue a toda a população. Com isso, aumenta o interesse pelo lixo plástico pelas empresas, reduzindo a presença desse material poluente na natureza. “Além do tijolo ecológico, ainda há instituições que estudam a produção da madeira plástica”, acrescentou Ricardo.

Atuação costeira

A Universidade Federal de Lavras (UFLA), em Minas Gerais, é uma das parceiras do projeto “Sustentabilidade como Solução para o Lixo no Mar”. Segundo o professor Juliano Elvis Oliveira, da Escola de Engenharia da UFLA, a entidade mineira atua em diversas frentes na oferta de soluções frente à poluição plástica na região costeira e nos oceanos.

Juliano Elvis Oliveira alertou que o descarte incorreto dos materiais plásticos, tanto na região costeira quanto no interior do Brasil, irá trazer sérios prejuí-

zos aos oceanos, ao meio ambiente e ao ser humano.

“Esses resíduos podem causar diversos impactos como a poluição da água, danos à vida marinha, destruição de habitats marinhos e mesmo prejuízos econômicos ao prejudicar a pesca e o turismo. Esses resíduos podem ser facilmente transportados pelas correntes oceânicas e alcançar todo nosso planeta”, enfocou Juliano.

Segundo ele, os microplásticos podem causar contaminação da água potável, da atmosfera, do solo, dos peixes e de outros frutos do mar que compõem a dieta das famílias. A presença desse resíduo no organismo humano pode liberar diversas substâncias tóxicas ou reações alérgicas.

O professor afirmou que ainda é cedo para apontar qual a real dimensão de todos os impactos negativos dos resíduos sólidos nos oceanos. “No entanto, o apoio da sociedade em estudos científicos para entender e minimizar os danos causados por esses resíduos é fundamental”.

Juliano Oliveira ressaltou que para minimizar os impactos ambientais causados pelo plástico, é preciso que haja uma mobilização do setor público e do setor produtivo para fomentar ações alinhadas à Política Nacional de Resíduos Sólidos, no sentido de reduzir a geração, incentivar a reutilização, a reciclagem e o descarte correto dos resíduos plásticos. “Essas práticas são fundamentais para nos ajudar a manter um crescimento da nação, de forma justa e sustentável.”

Saiba Mais

■ Iniciativas que visam adotar e ampliar o uso sustentável do plástico é de grande relevância para o mundo, uma vez que práticas ecologicamente corretas ainda são pouco adotadas. A professora Amélia Severino Ferreira e Santos frisou que os índices de reciclagem global do plástico são menos que 10%. “Por outro lado, há uma enorme quantidade de plástico produzido desde o início da fabricação do material, em 1950. Por outro lado, a fabricação e consumo têm aumentado exponencialmente. Já está constatada a presença de microplástico no solo, água e atmosfera, e seus efeitos na saúde dos seres vivos ainda não são totalmente compreendidos”, destacou a professora.



Foto: Arquivo pessoal



Discutimos quais os plásticos e suas alternativas reutilizáveis e não biodegradáveis

Amélia Severino



Foto: Divulgação



O apoio da sociedade em estudos científicos para entender e mitigar os danos ao meio ambiente é fundamental

Juliano Elvis Oliveira



Foto: Arquivo pessoal



Além do tijolo ecológico, ainda há instituições que estudam a produção da madeira plástica

Ricardo Peixoto

Foto: Cristiano Santos/Botafogo



Gandulas

Equipe de gandulas
que trabalhou no
jogo Botafogo 1 x 1
Náutico pelo
Campeonato
Brasileiro
da Série C

Reposição de bolas é com eles

Erick Alves, ex-jogador, é um personagem importante nos jogos do Botafogo pela superação

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Figura importante fora das quatro linhas, porém, pouco notado no universo do futebol, eles são profissionais fundamentais que ficam à beira do gramado nos dias de jogos auxiliando a entrega e a devolução de bolas, os famosos gandulas. Afinal, de onde surgiu o termo “gandula”.

De acordo com o historiador Walmer Peres Santana, o termo “gandula” surgiu em 1939. Naquela época, o Vasco da Gama contratou um atacante argentino chamado Bernardo Gandula, porém esse jogador não se adaptou ao time e ficava apenas no banco de reservas. Para tentar mostrar utilidade ao seu clube, ele sempre corria e pegava as bolas que saíam do campo, até mesmo as do adversário, assim, esse jogador tornou-se simpático perante a torcida e, quando ele foi embora, o termo “gandula” continuou a ser usado para designar os repositores de bolas.

O **Jornal A União** mergulhou na rotina desses profissionais que atuam no futebol paraibano e acompanhou uma partida do Botafogo pelo Campeonato Brasileiro da Série C 2023, para abordar a experiência e a história de um personagem que encontrou na profissão o refúgio para a superação da vida.

Segundo as regras dos gandulas Padrão Fifa: Em uma partida de futebol são quatorze gandulas, situados nas laterais do campo e atrás de cada gol. É nesse cenário que Erick Aires, 36 anos, atua como gandula no Estádio Almeidão, em João Pessoa, desde 2020. Via de regra, o gandula é o cara ruim de bola, que tentou, tentou, mas não conseguiu ser jogador de futebol. Contrariando a lógica, onde jovens atletas iniciam o sonho fora das quatro linhas na função de gandula, onde tem a oportunidade de vivenciar o cenário e ver de perto ídolos e futuros com-

panheiros de profissão, Erick foi antes jogador profissional para, agora, se aventurar na vida de gandula.

“Estou aqui desde 2020, mas antes, tive a oportunidade de atuar no futebol profissional pelo próprio Botafogo e em outros clubes do Brasil como Democrata-MG, Matsubara-PR e Juazeirense-BA. Antes de tudo é importante ressaltar que somos orientados pelo Botafogo e pela comissão de arbitragem das partidas, para atuar sempre usando a imparcialidade e profissionalismo”, pontuou.

Apesar de ter tido a oportu-

nidade de buscar o sucesso no mundo do futebol, Erick foi vencido pelo vício. O próprio gandula admite que não soube aproveitar as oportunidades que o futebol lhe ofereceu, mas soube agarrar a segunda chance para dar a volta por cima no futebol, desta vez, à beira do campo e com a bola nas mãos. Trocou as drogas pelo futebol, para fazer o gol mais importante de sua vida.

“Guardo saudades dos bons tempos, tive várias oportunidades no universo do futebol que acabei desperdiçando. Me faltou maturidade para contornar situações de vulnerabilidade, fui levado pela fragilidade e acabei me entregando a bebida. Mas o próprio futebol me deu uma segunda chance e fui capaz de me superar. Venci esse vício há oito anos para voltar a atuar num ambiente que me faz bem como cidadão e como profissional”, revelou.

Na vida de gandula sempre há curiosidade. Se a bola não for colocada de forma rápida dentro de campo, a pressão pega por parte da torcida e dos clubes. E tudo que o gandula não quer é mudar a história do jogo. Quer dizer: Nem todos. Em 2014, o gandula Raimundo Rodrigues foi o protagonista do jogo entre Taboão da Serra e Desportivo Brasil, pelo Campeonato Paulista Sub-17, sendo expulso após invadir o campo de jogo e evitar o que seria um gol da equipe do Desportivo Bra-

sil, chutando a bola que estava próximo a linha de meta. Sobre não ter vivido uma situação similar, Erick é sincero e brinca.

“Sempre há momentos que a gente usa da malandragem, não sei se nessas situações eu faria a mesma coisa, até porque nunca fui um bom goleiro (risos). Temos que seguir sempre as orientações, para não correr o risco de acabar se prejudicando e também o clube”, disse o gandula.

Sem deixar mais brechas para o passado sombrio, Erick agora vive um presente vitorioso. Ele foi capaz de encontrar na profissão a oportunidade de “renascer” e passa sua experiência na vida e no esporte para influenciar jovens que buscam a ascensão no cenário do futebol.

“Os desvios que a gente segue enquanto profissional são capazes de nos levar ao fundo do poço ou até mesmo a um caminho sem volta. Sou prova viva que o esporte é capaz de proporcionar, antes de tudo, a inclusão social e a capacidade de dar a volta por cima, seja numa situação esportiva ou de relação social. Procuro sempre contribuir na orientação aos jovens atletas do clube e até aos jogadores do elenco profissional para que eles sigam no caminho certo e no sentido manter os objetivos, sejam quais forem as dificuldades que tenham de enfrentar”, concluiu.

“

Estou aqui desde 2020, mas, antes, tive a oportunidade de atuar no futebol profissional pelo próprio Botafogo e em outros clubes do Brasil

Erick Aires

Foto: Cristiano Santos/Botafogo



Erick diz que venceu o vício e hoje trabalha muito feliz como gandula

SELEÇÃO FEMININA

Equipe joga contra o Chile, em Brasília

Técnica Pia Sundhage aproveita o amistoso na manhã deste domingo para que as jogadoras se despeçam do público

Agência Estado

A seleção feminina se prepara para a busca da primeira estrela na Copa do Mundo Feminina Fifa 2023. Para chegar na melhor performance no Mundial, toda a preparação foi rigorosamente pensada projetando a saúde física das atletas até a estreia no dia 24 de julho contra o Panamá, em Adelaide (AUS).

A programação da Seleção Brasileira foi pensada e programada pela comissão técnica com o objetivo de minimizar o impacto das 24 horas de viagem e o efeito do fuso horário, que são de 13 horas em relação ao Brasil. A supervisora geral de seleções femininas, Ana Lorena Marche, explica que muitas das escolhas da viagem foram baseadas na parte médica, uma delas é o horário do início da viagem.

“Hoje nós teremos um jogo de despedida e esse jogo é fundamental para que a gente possa se despedir dos nossos torcedores. Amanhã, às 5 horas da manhã, nós vamos iniciar a viagem. A escolha do horário foi feita em função de toda a parte médica, com fundamento científico. Como eu disse, essa é uma convocação histórica, e essa seleção é a primeira que vai para uma Copa do Mundo num voo fretado.”

O Brasil fará uma despedida do público brasileiro antes da viagem para a Austrália. Hoje, a Canarinho enfrenta o Chile, às 10h30, na Arena BRB Mané Garrincha, em Brasília (DF). O duelo terá transmissão ao vivo da TV Globo e do Sportv. A delegação se apresentou na capital nacional, ontem, quando realizou um único treino, às 16 horas, no local do jogo.



Foto: Thaís Magalhães/CBF

Na semana passada, as jogadoras da Seleção Brasileira treinaram na Granja Comary e agora partem para a Austrália para a disputa do Mundial

■ **Jogo contra o Chile terá transmissão ao vivo pela TV Globo e SporTV. O embarque para a Austrália acontece amanhã**

A comissão técnica e as 26 convocadas (incluindo as três suplentes) partirão em voo fretado para a Austrália do Aeroporto Internacional de Brasília – Presidente Juscelino Kubitschek – rumo a Brisbane, na Austrália. No trajeto, o avião fará uma pausa para abastecimento em Pappete, na Polinésia Francesa.

A chegada em Brisbane está prevista para as 18h35 (horário local) do dia 4 de julho. Em seguida, a delegação viajará de ônibus para Gold

Coast, local onde a equipe fará a preparação para o Mundial. O trajeto deve durar em torno de duas horas.

Preparação na Austrália

Para iniciar a adaptação ao fuso horário, a comissão técnica da seleção feminina optou por fazer a preparação para a Copa do Mundo já na Austrália. Do dia 4 a 18 de julho, a Canarinho ficará concentrada no Hotel Resort Royal Pines, em Gold Coast (AUS). O local também receberá os treinamentos da

equipe comandada pela técnica Pia Sundhage.

Pela primeira vez em Copas do Mundo Feminina, as seleções participantes contarão com uma sede fixa na primeira fase da competição. A delegação brasileira ficará concentrada em Brisbane, onde terá um hotel e centro de treinamento exclusivos.

O Brasil ficará hospedado no Best Western North Lakes Hotel e fará os treinamentos no Moreton Bay Central Sports Complex. A delegação deixará o local um

dia antes dos jogos da primeira fase e voltará no dia seguinte às partidas. A exceção será o duelo contra a França, quando a Canarinho não precisará viajar já que será disputado no Estádio de Brisbane.

Em caso de classificação para as oitavas de final, a Canarinho não contará com sede fixa, logo, fará os deslocamentos para as cidades-sedes dos jogos eliminatórios. Neste caso, dependerá do chaveamento das próximas rodadas.

Marta sonha com o título e quer ampliar o número de gols

Marcos Antomil
Agência Estado

Marta foi convocada pela técnica sueca Pia Sundhage para disputar sua sexta Copa do Mundo. Desde o Mundial de 2003, a atacante defende as cores da Seleção Brasileira. Eleita melhor jogadora pela Fifa em seis ocasiões, a alagoana de 37 anos quer o título que ainda não tem em sua coleção, mas pode ir além e ampliar seu recorde histórico de artilharia em Copas.

Com 17 gols em 20 jogos de Mundiais, Marta está à frente de jogadoras históricas do futebol feminino e superou em 2019 a marca, inclusive, do masculino, cujo detentor é o alemão Miroslav Klose com 16 tentos. Das atletas ainda em atividade, quem consta na lista de "concorrentes" de Marta é a experiente canadense Christine Sinclair, de 40 anos, que marcou 10 gols em 25 partidas.

No primeiro Mundial em que esteve em campo, em 2003, nos Estados Unidos, Marta anotou três gols. Suas maiores vítimas em Copas são os Estados

Unidos (quatro gols) e a Noruega (três). Coreia do Sul, Austrália, Nova Zelândia e China assistiram à craque balançar as redes duas vezes. Contra Suécia e Itália, a artilheira marcou um gol.

Na Copa de 2023, ainda não há previsão de encarar alguma de suas vítimas. Na primeira fase, o Brasil mede forças com o Panamá (24 de julho, às 8h), França (29 de julho, às 7h) e Jamaica (2 de agosto, às 7h). Nas oitavas, a Coreia do Sul pode aparecer no caminho da seleção.

A jogadora foi a última a ter o nome anunciado pela técnica Pia Sundhage, que enalteceu todas as qualidades da jogadora, mas não a garantiu como titular.

Marta vem sofrendo com sucessivas lesões, mas nos últimos dias garantiu nas redes sociais que estará em plenas condições para o Mundial. Pia Sundhage conta muito com a jogadora, mas logo após anunciá-la como uma das 23 convocadas para a Copa do Mundo da Austrália e da Nova Zelândia, reiterou que a atleta não é mais a mesma de outras épocas.



Foto: Reprodução/Instagram

Marta já marcou 17 gols em Copas do Mundo nos 20 jogos disputados, superando o recordista masculino, Miroslav Klose

DÉFICIT DOS CLUBES

Galo levaria 20 anos para pagar dívidas

Atlético Mineiro é quem mais deve no futebol brasileiro, seguido de Cruzeiro, Botafogo, Vasco e Red Bull Bragantino

Agência Estado

Cada vez mais presente no dia a dia dos clubes, as finanças são fator crucial no desenvolvimento do futebol brasileiro. Em meio a propostas de investimentos do capital externo pelos direitos comerciais do Campeonato Brasileiro, clubes como Corinthians, Atlético-MG e Cruzeiro continuam como um dos mais endividados do país. Além disso, R\$ 6,9 bilhões foram arrecadados só na edição de 2022 da competição nacional. Palmeiras, Corinthians e São Paulo foram responsáveis por 49% da arrecadação do futebol no ano passado. Mas, pela primeira vez, as dívidas dos clubes bateram na casa dos R\$ 10 bilhões. Corinthians e Atlético-MG lideram esse ranking negativo. É o que indica o “Relatório Convocados 2023: Finanças, História e Mercado do Futebol Brasileiro”, desenvolvido pelo economista Cesar Grafietti, em parceria com a OutField e Galapagos Capital. O documento aborda aspectos financeiros e organizacionais dos clubes, sendo uma fonte de referência para avaliação do desempenho e sustentabilidade financeira do futebol brasileiro. Os números têm por base os balanços financeiros e folhas de pagamento dos times, divulgados ao longo da última temporada. A edição contempla o último



Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

Atlético Mineiro e Corinthians estão entre os clubes mais endividados do futebol brasileiro, de acordo com relatório

ano do futebol, que foi o primeiro ao retorno da “normalidade” desde a pandemia. O ano de 2022 também observou o impacto das Sociedades Anônimas do Futebol (SAF) no país: Cruzeiro, Botafogo e Vasco foram algumas das equipes impactadas por esse novo modelo de futebol adotado ainda em 2021. “O Relatório Convocados é uma importante ferramenta anual para compreendermos a atual situação financeira do futebol no Brasil. Ele fornece dados que nos permitem avaliar o desempenho e a sustentabilidade dos clubes, auxiliando na tomada de decisões estratégicas, seja por parte dos próprios times, seja para auxiliar investidores a entender um mercado complexo e em desenvolvimento”, diz Cesar Grafietti. No último ano, os clubes da Série A gastaram cerca de R\$ 3,4 bilhões com salários e outros R\$ 1,4 bilhão com contratações. Em escala nacional, o ano observou um recorde no número de clubes profissionais no país. Contabilizando todas as Federações, 722 equipes disputam algum campeonato em nível profissional. “A lei da SAF possibilitou novos investimentos no futebol, de grupos focados no desenvolvimento da base e clubes de formação. As pessoas também enxergam o valor inteiro no negócio do futebol”, afirma Grafietti.

Arrecadação

Os 20 clubes da Série A acumularam R\$ 6,915 bilhões em 2022. O número é ligeiramente inferior aos R\$ 6,939 bilhões de 2021, primeiro ano com a volta do público aos estádios após a pandemia da Covid-19. Esses

valores contabilizam vendas de atletas. Sem elas, houve um aumento de R\$ 50 milhões de um ano para outro. Direitos de transmissão (40%) ainda representam a maior fatia desses ganhos. Dos 20 clubes da Série A deste ano, o Flamengo é o que acumulou a maior receita, com R\$ 1,17 bilhão na última temporada. Somado aos ganhos do Trio de Ferro - Palmeiras, Corinthians e São Paulo - em 2022, o valor corresponde a 49% dos R\$ 6,915 bilhões totais arrecadados. Na sequência, um grupo

de sete clubes representa 35% das cifras totais: Atlético-MG, Internacional, Red Bull Bragantino, Fluminense, Santos, Athletico-PR e Fortaleza. Flamengo e Corinthians lideram o ranking das receitas recorrentes - que não contabilizam vendas de atletas. Ambos os times aumentaram seus ganhos em mais de 20% ao se comparar com 2021, -23% e 26%, respectivamente. Os números das equipes são impulsionados pela bilheteria, programas de sócio-torcedor e, novamente, direitos de transmissão. Estes são, justamente, alguns dos argumentos para que as equipes, donas das maiores torcidas do país, recebam mais na composição da nova liga. Flamengo e Corinthians arrecadaram, respectivamente, R\$ 199 milhões e 129 milhões com os programas de sócios e bilheteria na última temporada. Além disso, lideraram a média de público na competição - 51 mil e 38 mil torcedores por partida. A gestora de investimentos americana Serengeti é responsável pela proposta de R\$ 4,85 bilhões à Liga Forte Futebol do Brasil (LFF) por 20% dos direitos comerciais de uma eventual liga unificada dos 40 clubes do futebol brasileiro. Esse valor equivale a 60% do arrecadado nas Séries A e B do Campeonato Brasileiro no último ano e indica um momento de virada para o futebol nacional.

Investimentos na temporada passada chegam a R\$ 1,3 bilhão

A última temporada mostrou uma forte tendência dos clubes em investirem em seus elencos profissionais. Em 2022, o valor ultrapassou a casa de R\$ 1,3 bilhão, o maior na história do futebol nacional: 46% superior à marca de 2021. Ela foi impulsionada pela SAF do Botafogo, que alavancou seus investimentos em 3880% nos últimos dois anos, e pelo Flamengo. Investimentos em categorias de base e infraestrutura dos clubes estagnaram no último ano. Ao todo, R\$ 455 milhões foram investidos nas áreas no ano fiscal - em 2021, os valores chegaram à casa dos R\$ 468 milhões. Considerando o intervalo dos últimos cinco anos, o Flamengo foi a entidade esportiva que mais investiu em sua base (R\$ 184 milhões). No mesmo intervalo, viveu seu período mais vitorioso: duas Libertadores, duas conquistas de Campeonato Brasileiro e uma Copa do Brasil, sustentado pelas receitas geradas a partir da venda de seus atletas - cerca de R\$ 560 milhões. “A gente enxerga um imediatismo desse cenário, em que os clubes têm que ganhar, tendo que contratar jogadores para resolver o problema agora. Muitos vendem o futuro para apagar o passado”, analisa Pedro Oliveira, cofundador da OutField.

Dívidas

De acordo com as projeções do Relatório a que o Estado tece acesso, a tendência é que a arrecadação da Série

A siga crescendo até 2024, um valor próximo dos R\$ 7,7 bilhões. Na mesma medida, a dívida dos clubes deve avançar em uma tendência de aumento, como observada desde o início da pandemia. Em 2022, os valores superaram a casa dos R\$ 10 bilhões pela primeira vez na história. Desde 2019, último ano antes da pandemia, houve um aumento de 31% no valor total da dívida dos clubes. Em 2022, foi observada uma tendência no aumento de despesas e custos dos clubes brasileiros ao longo da temporada: R\$ 5,053 bilhões, 9,4% superior em relação ao último anos (R\$ 4,6 bilhões). Flamengo, Corinthians e Botafogo são os times que operam suas contas mais acima de suas receitas. Atlético-MG aparece no ranking como o clube com a maior dívida líquida do futebol brasileiro - cerca de R\$ 1,5 bilhão - e é seguido por Corinthians (R\$ 1,02 bilhão), que seguem sem solução aparente, e Cruzeiro (R\$ 800 milhões). Dentre os clubes da Série A, apenas Flamengo, Coritiba e Cuiabá reduziram suas dívidas no último ano. No caso do time paranaense, isso se deve a um processo de recuperação judicial. “Não era esperado que tantos clubes tivessem aumentado suas dívidas em 2022, após dois anos impactados pela pandemia”, aponta Grafietti. “Ver o aumento das dívidas surpreende, visto que houve um aumento das receitas dos clubes. Atlético-MG e

Corinthians vivem situações delicadas, porque nascem da falta de dinheiro. É algo comum no futebol, que vive uma realidade à parte.” Como exercício, o Relatório mostra o tempo, levando a receita anual média nos últimos quatro anos, que os clubes da Série A levariam para liquidar suas dívidas. O exercício considera um cenário em 20% desta renda seja utilizada exclusivamente para sanar as dívidas. O Atlético-MG, com seus mecenatas - Rubens Menin, Rafael Menin, Ricardo Guimarães e Renato Salvador -, precisaria de 21 anos para se livrar de seu déficit bilionário. Além do clube mineiro, dono da maior dívida do país, Cruzeiro, Botafogo e Vasco, as SAFs, levariam entre 17 e 20 anos para liquidar suas contas. Isso se deve ao fato de, nestes casos, somarem-se as dívidas do fu-

tebol e das associações. Além disso, no caso do time de Minas Gerais, as receitas foram impactadas pela disputa da Série B, com repasses dos direitos de transmissão e patrocínios inferiores à elite do país. Todos estes clubes têm suas dívidas classificadas como “preocupantes”, de acordo com o Relatório. Na mesma linha, o Corinthians é o clube, dentre os quatro grandes do estado de São Paulo, que levaria mais tempo para sanar seu balanço: nove anos e cinco meses, para uma dívida líquida de R\$ 1,03 bilhão. A diretoria corintiana foi contatada para se posicionar sobre as finanças, mas não respondeu à reportagem antes de sua publicação. “Quando são necessários 20 anos para sanar as dívidas, é possível perceber a complexidade da situação”, detalha Grafietti.



Foto: Daniel Ramalho/Vasco

O Vasco da Gama, que virou Sociedade Anônima do Futebol, ainda deve muito e levaria 17,5 anos para pagar

Saiba Mais

Confira abaixo o tempo projetado para que os clubes da Série A sanem suas dívidas:

- Atlético-MG - 20,9 anos
- Cruzeiro - 20 anos
- Botafogo - 18,8 anos
- Vasco - 17,5 anos
- Red Bull Bragantino - 12 anos
- Fluminense - 10,3 anos
- Corinthians - 9,4 anos
- Athletico-PR - 8,8 anos
- Coritiba - 8,7 anos
- Bahia - 8,1 anos
- América-MG - 7,6 anos
- Internacional - 7,3 anos
- São Paulo - 6,9 anos
- Santos - 6,9 anos
- Grêmio - 3,7 anos
- Palmeiras - 3 anos
- Fortaleza - 1,8 anos
- Flamengo - 1,6 anos
- Goiás - 1,2 anos
- Cuiabá - dois meses

BRASILEIRÃO

Clássicos são os destaques da rodada

No Engenhão tem o confronto entre o líder Botafogo e o Vasco; já no Mineirão se enfrentam Atlético e América

Geraldo Varela
gvarellajp@gmail.com

Clássicos no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte agitam este domingo pelo Brasileirão na sequência da 13ª rodada e começa bem mais cedo, a partir das 11h, na Neo Química Arena com o jogo entre Corinthians e Bragantino, onde o alvinegro segue flertando a zona de rebaixamento, estando com 12 pontos, um a mais que o Goiás que abre o Z4, mas só joga amanhã, em casa, contra o Coritiba. O Corinthians, nos 12 jogos disputados, conquistou apenas três vitórias, três empates e seis derrotas, marcando 11 gols e sofrendo 16. Nos confrontos pelo Brasileirão foram 21 partidas com sete vitórias do Timão contra seis do Braga e mais oito empates. Ano passado, na Arena, o Corinthians ganhou de 1 a 0.

Mas, o jogo mais esperado de hoje está programado para o Estádio Engenhão, a partir das 16h, no clássico carioca envolvendo o líder Botafogo e o Vasco que tenta se livrar da zona de rebaixamento. Com 30 pontos em 12 jogos, o alvinegro da estrela solitária tem 10 vitórias e duas derrotas e vem de um triunfo dos mais importantes sobre o Palmeiras, no Allianz Parque por 1 a 0 e tem no seu artilheiro, o paraibano Tiquinho Soares, o grande destaque, bem di-

ferente do Vasco que voltou a vencer depois de 11 rodadas. Apesar da excelente campanha do Botafogo, o retrospecto não é dos melhores quando enfrenta o adversário. Levando em conta dados do site ogol.com.br, a vantagem do cruzmaltino é ampla. No Brasileirão foram 49 jogos com 21 vitórias do Vasco contra apenas 11 do Fogão e 17 empates. Considerando outras competições a desvantagem do Botafogo é mais absurda com 133 vitórias vascaínas contra 87 e mais 95 empates. No último jogo pelo Carioca, vitória do Cruzmaltino por 2 a 0.

Tem clássico mineiro também em Belo Horizonte. Por lá se enfrentam Atlético e América, no Mineirão, também às 16h. O Galo está no meio da tabela de classificação, enquanto o alviverde está na zona de rebaixamento. A rodada ainda tem outro jogo que promete muitas emoções na Arena da Baixada, às 16h, quando o Athletico-PR enfrenta o Palmeiras. As duas equipes estão classificadas às oitavas de final da Copa do Brasil e da Copa Libertadores e seguem bem situadas no Brasileirão, apesar do Verdão vir de duas derrotas consecutivas para Bahia e Botafogo. O último jogo deste domingo será entre Cuiabá e Santos, na Arena Pantanal, a partir das 18h30.

Jogos de hoje

SÉRIE A

11h

Corinthians x Bragantino

16h

Botafogo x Vasco

Atlético-MG x América-MG

Athletico-PR x Palmeiras

18h30

Cuiabá x Santos

Amanhã

20h

Goiás x Coritiba

SÉRIE B

15h30

Juventude x Vitória

18h

Sport x Ceará

20h

Ponte Preta x Novorizontino

Amanhã

18h

Mirassol x Ituano

20h15

Botafogo-SP x Guarani

SÉRIE C

16h

Amazonas x Pouso Alegre

Figueirense x Operário-PR

19h

Volta Redonda x CSA

Floresta x Remo

Amanhã

20h

São José-RS x América-RN

Náutico x Altos

FUTEBOL FEMININO (HOJE)

10h30

Brasil x Chile





Correio das Artes

Concurso Literário: Minicontos

Um conto, seu ponto e várias reticências...

Fruto do diálogo entre A União e o circuito cultural e artístico paraibano, o suplemento Correio das Artes abre-se para receber as contribuições dos escritores paraibanos no Concurso Literário: Minicontos.

Mesmo na economia de palavras, a curtíssima narrativa do miniconto consegue sugerir personagens, cenários, contextos, sendo um ótimo formato para as experimentações na arte da escrita e, também, para descoberta e lapidação de muitos talentos.

Traduza a sua imaginação em palavras e inscreva até cinco minicontos. Seus textos poderão ser publicados em antologia a ser lançada pela Editora A União. Participe!



História, fé e bandeiras sociais

Prestes a completar 130 anos, a Diocese da Paraíba, hoje Arquidiocese, foi criada em 1892, mas instalada somente em 1894, com a chegada do primeiro bispo, Dom Adauto

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

A Diocese da Paraíba (hoje Arquidiocese) vai completar 130 anos de sua instalação no próximo ano. Ela foi conduzida por seus arcebispos, vivendo períodos e épocas com acontecimentos que marcaram sua história. Seja uma trajetória guiada pela palavra das escrituras sagradas como também ocasiões em que levantou a bandeira em favor das questões sociais.

A Diocese da Paraíba foi criada no dia 27 de abril de 1892, no entanto, somente foi instalada dois anos depois, com a chegada do primeiro bispo, Dom Adauto Aurélio de Miranda Henriques, abrangendo do Litoral ao Sertão. A criação da Diocese de Cajazeiras, no dia 6 de fevereiro de 1914, possibilitou a elevação da Diocese à condição de Arquidiocese. Foram criadas também as Dioceses de Patos (1949), Campina Grande (1959) e Guarabira (1980), formando, assim, a Província Eclesiástica da Paraíba. No passado, a Paraíba era vinculada à Diocese de Olinda.

Segundo notícia do Jornal Imparcial, do dia 15 de abril de 1861, a Província da Paraíba contava com o número de 32 paróquias, além das do Rio Grande do Norte. Durante os séculos 17 a 19, diversas paróquias foram criadas com a ocupação do território paraibano, através das doações das sesmarias.

O professor e mestre diácono Cristiano Amarante da Silva revela que Dom Adauto teve que superar diversas dificuldades ao assumir a Diocese da Paraíba. Ele precisou organizar e estabilizar as ações diocesanas no âmbito administrativo e pastoral. “Sua primeira providência foi buscar um espaço onde deveria funcionar a administração da nova Diocese, transformando o antigo Convento Carmelita no Palácio Episcopal, em 1894. Ele transferiu o seminário diocesano para o espaço do Convento e Igreja de Santo Antônio. Nesse mesmo período, por iniciativa de Dom Adauto, foram fundados o Colégio Diocesano e o Colégio de Nossa Senhora das Neves”, revela.

“
Sua primeira providência foi buscar um espaço onde deveria funcionar a nova diocese, no Convento Carmelita

Cristiano Amarante da Silva



Ilustração: Tônio

Arquidiocese passa por transformações

É no período de Dom José Maria Pires que a Igreja Católica e, consequentemente, a Arquidiocese da Paraíba passam por grandes transformações. O diácono Cristiano Amarante relembra que Dom José Maria Pires chegou à Paraíba em 30 de março de 1966, no período da ditadura militar.

“Quando ele assumiu a Arquidiocese encontrou um verdadeiro ‘barril de pólvora’. Existia a necessidade de se posicionar perante a situação vivida no Brasil. O país estava mergulhado em um período de perseguição aos opositores do regime militar. A Igreja na Paraíba, através do seu arcebispo, se posicionou, ficando ao lado dos pobres, se envolvendo na luta por terra, apoiando as ligas camponesas. A Igreja lutou contra o regime militar dan-

do apoio jurídico e estrutural às pessoas perseguidas”, informa.

Foi no período de Dom José Maria Pires, e depois com Dom Marcelo Pinto Carvalho, que a Arquidiocese da Paraíba tomou novos rumos na sua evangelização, sobretudo com relação às questões sociais, na luta pelas conquistas de políticas públicas em favor da vida. Na percepção de José Nunes, esses dois arcebispos, notadamente, se sobressaíram pelos posicionamentos em favor dos excluídos.

“Eles se comprometeram em seguir votos de pobreza e de lutar pelas causas sociais dos excluídos. Dom Marcelo Carvalho, por exemplo, além de seguir a linha social emanada dos Evangelhos desde o Pacto das Catacumbas, tinha um olhar para

Luta social

Dom José Maria Pires chegou à Paraíba no período da ditadura militar e encontrou um “barril de pólvora” devido à situação vivida pelo Brasil

a vivência das práticas místicas, sobretudo baseadas nos ensinamentos de São Bento, tanto é que, quando concluiu seu trabalho à frente da Arquidiocese, retornou para

o Mosteiro Beneditino, em Olinda, como oblato”, destaca Nunes.

No Cristianismo, um oblato é uma pessoa que se dedica especificamente a Deus ou ao serviço de Deus. Oblatos são indivíduos, leigos ou clérigos, normalmente vivendo em sociedade em geral que, embora não sejam monges ou monjas professos, se afiliaram individualmente a uma comunidade monástica de sua escolha.

O diácono José Nunes, que também é escritor e colunista do Jornal A União, cita alguns acontecimentos marcantes ao longo desses anos, como a ocupação das Fazendas Alagamar e Maria Melo, em Salgado de São Félix, onde houve muita tensão entre posseiros e a polícia, cabendo à Igreja a intermediação dos conflitos.

Dom Adauto esteve ligado ao tradicional da igreja

De acordo com José Nunes, diácono, jornalista e integrante do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), Dom Adauto e seus sucessores imediatos estavam bastante ligados ao tradicional da Igreja, seguindo normas e preceitos herdados do tempo em que a Igreja Católica estava alinhada ao poder temporal. “Na Monarquia e depois nos governos que se sucederam na República, a Igreja estava em estado, mas isso, de certa forma, foi quebrado quando acon-

teceu o Concílio Vaticano II (1962-1965), que definiu novas maneiras para a Igreja cumprir sua missão evangelizadora”, explica.

Nas gestões de Dom Moyses Coelho e de Dom Mário não aconteceram grandes feitos, apenas práticas voltadas à caminhada pastoral cotidiana, perante o crescimento demográfico da população paraibana nesse período, localizada em sua maioria na zona rural, segundo informações da Arquidiocese.

Outro momento tenso foi nos anos de 1970, quando a Igreja denunciou o Esquadrão da Morte, denominado de Mão Branca, que praticava assassinatos na região de Guarabira. Outra ação que a Igreja atuou efetivamente foi a retirada do Lixão do Roger, em João Pessoa, onde viviam centenas de famílias, com a promessa de que ali fosse criado um parque, o que, quase três décadas depois, ainda não foi implantado.

Com o arcebispo Dom Aldo di Cillo Pagotto, o diácono José Nunes lembra que esse olhar para os excluídos teve uma mudança de ru-

mos. Sua atuação era voltada mais para o sagrado e a aproximação ao poder temporal. “O final de seu mandato, de certa forma, foi conturbado, com afastamento de padres de suas atividades sacerdotais, culminando com sua renúncia”, ressalta. Já a chegada de Dom Manoel Delson à Arquidiocese da Paraíba entra em um novo período na condução de suas ações evangelizadoras, mesclando a mística, questões sociais e a ação evangelizadora.

Por fim, o diácono Cristhiano enfatiza que a Arquidiocese da Paraíba vem mantendo suas tradições, mas

■
Igreja na Paraíba denunciou o Esquadrão da Morte, denominado de Mão Branca, que praticava assassinatos na região de Guarabira

também atualizando as práticas do Evangelho, sempre em comunhão com o Papa Francisco. “Inovamos através da evangelização por meio de mídias sociais.

Em relação aos temas atuais, priorizamos tudo que vem a colaborar com a vida e sua preservação, desde a concepção. Com a realização do Sínodo 2023, partimos para a prática da escuta de quem, muitas vezes, é silenciado até na Igreja, a exemplo da comunidade LGBTQIAP+, idosos, jovens, mulheres, pessoas pretas, desempregados e pessoas em situação de rua”, frisa.

Evaldo Cruz

Um político que transitou pela imprensa e na cultura de Campina Grande



Ilustração: Tônio

Evaldo Cruz, que escrevia no jornal Diário da Borborema, reativou a publicação do Anuário de Campina Grande e editou a revista Cultura

Da Redação

Professor universitário e bacharel em Direito, Evaldo Cruz entrou para a história da Paraíba no campo da política, mas era desenhista de quadrinhos e atuou na imprensa estadual, mais especificamente em terras campinenses. Crítico de cinema e sob o pseudônimo de Zema, ele escrevia sobre o tema no jornal Diário da Borborema, além de textos acerca do desenvolvimento urbano e, claro, da seara política.

Evaldo Cruz escreveu também algumas peças para o teatro. “Inclusive, temos no Instituto Histórico de Campina Grande uma de suas peças inéditas”, revela o historiador, arqueólogo e pesquisador Vanderley de Brito, presidente do IHCG, lembrando que Evaldo foi vereador e depois prefeito de Campina Grande nos anos de 1970.

Após deixar a prefeitura, Evaldo Cruz reativou a publicação do Anuário de Campina Grande, cuja primeira e única edição anterior era de 1925. Ele editou os anuários de 1980, 1981 e 1982. “Em 1983, mesmo já tendo selecionado o material para uma nova publicação, deixou de fazê-la por dificuldade na obtenção de patrocínio”, destaca Vanderley de Brito. Ainda em Campina Grande, Evaldo editou a revista Cultura.

Evaldo Cavalcanti da Cruz nasceu em Campina Grande, no dia 21 de agosto de 1931, e morreu aos 53 anos, em 28 de junho de 1985. Ele era filho do médico Severino Cruz e de Stelita Cavalcanti Cruz; e neto do carnavalesco Neco Belo. Foi casado com a pernambucana Lúcia Piquet da

Cruz, com quem teve cinco filhos: Luciano Piquet da Cruz, Fábio Piquet da Cruz, Saulo Piquet da Cruz, Andrea Cavalcanti da Cruz e Márcio Piquet da Cruz.

Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 1955. Foi vereador de Campina Grande pela União Democrática Nacional (UDN), de 1955 a 1959. Depois, ocupou o cargo de prefeito no período de 31 de janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1977. Evaldo foi o primeiro prefeito da cidade eleito por voto direto após o golpe militar de 1964.

O campinense também exerceu as atividades de promotor público (1961); foi chefe do Departamento Econômico da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, de 1962 a 1967; chefe do Departamento de Finanças e Contabilidade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), de 1965 a 1967; presidente da Companhia de Industrialização do Estado da Paraíba, de 1967 a 1969; professor titular da disciplina Finanças Públicas do Centro de Ciências e Tecnologia da UFPB, desde 1962; e diretor administrativo da Campina Grande Industrialização S/A (Cande), de 1969 a 1972.

Em 1977, Evaldo Cruz concluiu o Curso Superior de Guerra da Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro. Sua última atividade profissional foi como conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba (TCE-PB), de 1979 até a data da sua morte, em 1985. Também era imortal da Academia Campinense de Letras (ACL), ocupando a Cadeira 28.



Foto: Reprodução

Capas das edições do Anuário de Campina Grande de 1925, 1980, 1981 e 1982

“Prefeito da Cultura” e críticas às políticas do governo ditatorial

Quando assumiu a administração da Prefeitura de Campina Grande (PMCG), em pleno regime militar, Evaldo Cruz se deparou com grande dificuldades financeiras, acarretadas pela nova política federal de distribuição de receitas aos municípios, que privilegiava as capitais dos estados, independentemente das necessidades maiores de alguns municípios, como era o caso de Campina Grande.

Fazendo frente ao governo ditatorial, Evaldo Cruz assim reclamou à comitiva do vice-presidente da República, almirante Augusto Hamann Rademaker Grünewald, em 31 de agosto de 1973: “Há um aspecto interessante que talvez diferencie Campina Grande da grande maioria dos municípios brasileiros: é que ela está exatamente encravada entre as três principais regiões do estado (...) Este Compartmento da Borborema abrange cinquenta e cinco municípios que, em sua grande maioria, vivem em função de Campina Grande. Daí principalmen-

te a importância de nosso município na economia paraibana”.

E ele continuou: “Um município como o de Campina Grande, polarizador de inúmeros outros municípios, para investir tem que realizar empréstimos, porque, na reforma do sistema tributário brasileiro, de 1965, muitas rendas dos municípios foram retiradas. O município ficou com uma parcela dessa renda apenas, mas os encargos permaneceram”.

Mesmo diante dessa dificuldade financeira, Evaldo Cruz norteou sua administração no desenvolvimento e revitalização urbana da cidade de Campina Grande, executando 85% do Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI), elaborado em 1971 pela Companhia de Desenvolvimento de Campina Grande (Comdeca).

Em sua gestão à frente do município, podem ser destacadas as seguintes obras, totalmente concluídas: Parque Açude Novo (hoje Parque

Evaldo Cruz), constituído de Museu de Artes Plásticas, Monumento aos Índios Ariús, fonte luminosa e sonora, anfiteatro ao ar livre e recreação infantil; pátio da Estação Velha, contendo o Museu do Algodão, recreação infantil, restaurantes, boates e dependências para exposições e artesanatos; e a urbanização da Avenida Canal, com construção de calçadas, ajardinamento, iluminação e dois giradores para maior facilidade de tráfego.

Um marco da sua administração foi a restauração do Teatro Municipal Severino Cabral, com construção de camarins, instalação de sistema sonoro de alta potência, novo palco, bar e outros melhoramentos. Foi responsável pela realização de diversos festivais de teatro, incluindo o I Festival Nacional de Teatro Amador (I Fenat) e I Festival de Inverno de Campina Grande, reconhecido nacionalmente. Evaldo Cruz passou a ser chamado de o “Prefeito da Cultura”.

Também realizou a recuperação do Açude Velho, com desassoreamento do leito da bacia (60 mil metros cúbicos), reconstrução dos muros de arrimo e calçadas, nova iluminação e construção de ancoradouro com lanchonete e parque; e a construção do Calçadão da Cardoso Vieira, posteriormente denominado Jimmy de Oliveira.

Evaldo Cruz também deu prioridade à expansão do sistema de esgoto sanitário, com construção de aproximadamente 60 quilômetros de meio-fio e linhas d’água, beneficiando a maior parte dos bairros da cidade. Em sua administração, ele levou para Campina Grande o Estádio Amigão, “empreendimento que fez justiça à qualidade do futebol apresentado pela cidade”. Também instituiu os símbolos heráldicos de Campina Grande, como o Hino do Município (Lei 84, de 5 de outubro de 1973) e a nova bandeira, juntamente com o brasão e o estandarte (Lei 54, de 26 de agosto de 1974).

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O sentimento telúrico na música – ‘Meu Cachoeiro’

Quando, em 1962, Raul Sampaio (Cachoeiro do Itapemirim-ES, 1928-2022) compôs ‘Meu Cachoeiro’, é muito provável que tenha sofrido influências da criação de Ataulfo Alves (Mirai-MG, 1909-Rio,1969) ‘Meus Tempos de Criança’, de 1956. Então, qualquer semelhança que envolva a louvação telúrica de ambos “não terá sido mera coincidência”. Apesar de a criação haver sido gravada, anteriormente, tanto por Luiz Gonzaga (instrumental) como pelo próprio Raul, é a versão do conterrâneo dele, Roberto Carlos, de 1970, que nós retivemos no nosso imaginário auditivo: “Eu passo a vida recordando/ de tudo quanto aí deixei/ Cachoeiro, Cachoeiro/ vim pro Rio de Janeiro/ Pra voltar e não voltei! (...) Meu pequeno Cachoeiro/ vivo só pensando em ti/ Ai que saudades dessas terras/ doce terra onde nasci!”.

Cachoeiro do Itapemirim, embora seja hoje a quinta cidade mais populosa do estado do Espírito Santo – berço de personagens representativos do nosso meio artístico/cultural, como o cronista Rubem Braga, o multimídia da Jovem Guarda Carlos Imperial e a dançarina Luz del Fuego (Dora Vivacqua) – pode-se dizer que se tornou nacionalmente mais conhecida como a terra de Roberto Carlos... Tanto é que, apesar das gravações anteriores, foi a de 1970, já com o novo nome de ‘Meu Pequeno Cachoeiro’, que ficou impregnada em nosso consciente afetivo musical, já com o acréscimo do “pequeno”, no título. Não sem favoritismo é que se tornou o hino oficial da cidade, desde o ano de 1966. (A título de curiosidade, Roberto e Erasmo, com o conhecimento e a aquiescência do autor, depois de “marchas e contramarchas” e acordos entre



Foto: Reprodução

Raul Sampaio e Roberto Carlos nasceram na mesma cidade, Cachoeiro do Itapemirim

compositor e intérprete fizeram pequena alteração na letra original: onde se cantava “O meu bom jenipapeiro/ bem no centro do terreiro” foi substituído por ‘Meu flamboyant na primavera/ que bonito que ele era...’ – um pouco mais romântico, então).

Raul Sampaio, que havia deixado o seu torrão natal, em busca do Rio de Janeiro, em 1949, juntando-se, em 1952, a convite de Herivelto Martins, ao famoso Trio de Ouro, participou da primeira e antológica gravação do clássico ‘Ave Maria no Morro’ (do próprio Herivelto). Aliás, Raul ainda nos brindaria com clássicos de nossa MPB, como, por exemplo,

‘Estou pensando em ti’ e ‘Lembranças’ (ambas, com Benil Santos), ‘Quem eu quero não me quer’ (com Ivo Santos), ‘A Carta’ e ‘O Bihetinho’ (ambas com Benil Santos e gravadas por Erasmo Carlos, nos tempos da Jovem Guarda). Essas e outras grandes criações dele foram gravadas por Vicente Celestino, Orlando Silva, Carlos Galhardo, Silvio Caldas, Maysa, Agostinho dos Santos, Cauby Peixoto, Nelson Gonçalves, Martinho da Vila, Paulinho da Viola, Altamar Dutra, Maria Bethânia, Fafá de Belém, além dos internacionais Agustín Lara, Trio Los Panchos, Gregorio Barrios, Bienvenido Granda, La Sonora Santanera.

Óbvio que o fato de Roberto Carlos haver passado a sua infância em Cachoeiro do Itapemirim o levou a imprimir um caráter bem pessoal à sua interpretação, levando, inclusive, alguns “apressados” a julgarem ser dele a própria criação da música.

Foi o próprio Raul Sampaio, que havia dado à sua criação original – ‘Meu Cachoeiro’ – um cunho mais caipira, uma toada no caso, quem insistiu para que Roberto Carlos, já consagrado no movimento emergente da Jovem Guarda, desse à sua criação uma interpretação mais condizente com o gosto musical da época. Evidentemente, não faltaram as insistências de amigos, como Emília Borba, e da própria mãe Dona Laura, para que ele fizesse o registro musical, homenageando a sua terra. Somente em 1967, quando o já rei da juventude visitava Cachoeiro, no dia da cidade, a fim de receber o título de “Cachoeirense Ausente” que lhe fora outorgado pela Câmara de Vereadores, que ele se decidiu por fazer o registro fonográfico que, aliás, ele chegou a gravar por, pelo menos, três vezes, em registros diferentes: com orquestra, no álbum RC – de 1970; apenas com voz e violão, em 1971; e com arranjo meio caipira, mais próximo da criação original, em 2005.

O fato é que a primeira versão foi a que se consagrou como oficial. Foi na visita ao seu torrão natal, lembrando, in loco, ambientes e personagens, que ele buscou inspiração para as futuras e evocativas canções que o fizeram retornar ao ambiente telúrico da infância, apresentando-nos com os introspectivos ‘Traumas’ e ‘O Divã’. Mas, aí, já será uma nova estória...

Jorge Rezende

De Oduvaldo Batista a Agnaldo Almeida: gratidão, gratidão e gratidão

Em meio às comemorações e homenagens ao seu nonagésimo aniversário, o eterno mestre da crônica da imprensa regional, Gonzaga Rodrigues, concedeu várias entrevistas e foi citado em inúmeras colunas e artigos. São frases e ensinamentos do mestre das letras que agora marcam – e marcarão – ainda mais a história do mundo da comunicação paraibana.

Todavia, uma dessas frases me chamou mais a atenção. Gonzaga externou: “O que pesa é a solidão dos 90 anos. Eu começo a me despedir dos meus amigos”. Uma frase simples, mas repleta de significados e que nos instiga a filosofar, a pensar na finitude, a olhar para o horizonte da vida, mas sem antes dar aquela olhadela para o nosso passado, para o que já caminhamos, para o que já deixamos ou para o que ainda carregamos.

Com o desabafo poético e realista de Gonzaga Rodrigues, um dos sentimentos que despertaram em mim foi a sensação de gratidão... Melhor dizendo: foi a necessidade de expressar, nos meus 56 anos, a gratidão a quem fez parte da minha caminhada profissional, a quem compartilhou a labuta do dia a dia, a quem me deu a mão ou a primeira chance, a quem confiou no meu potencial ou na possibilidade de eu ter potencial para alguma tarefa... Enfim, gratidão a quem, simplesmente, dividiu comigo a vida, dentro e fora das redações.

Vou tentar aqui externar as minhas gratidões, correndo o risco certo de deixar muita gente “de fora” – quando falo muita, são centenas. Mas tentarei, por meio dos nomes que aqui citarei, “homenagear” todos aqueles e aquelas com quem pude conviver e trabalhar – repórteres, fotógrafos, diagramadores, editores, motoristas, chefes, chargistas, gráficos e todas aquelas pessoas que fazem e gravitam o mundo da comunicação, em especial o impresso.

O primeiro ato de gratidão vai para o saudoso Oduvaldo Batista, meu primeiro editor e quem me deu a primeira oportunidade de escrever em um jornal paraibano: O Combate. Comecei “metido à besta”, como aprendiz de articulista, achando que sabia demais e mal sabia que ainda rastejava para aprender no mundo da imprensa. O primeiro artigo foi no dia 8 de agosto de 1989. Aprendi muito com Oduvaldo.

Minha primeira carteira de trabalho assinada como jornalista – na verdade como revisor – foi no Correio da Paraíba. E isso aconteceu pelas mãos de Fernando Moura. Mesmo sem me conhecer me deu a primeira chance. Depois disso foram vários outros reencontros e ele sempre me ensinando, ajudando e me proporcionando oportunidades no mundo da comunicação. Gratidão eterna.

A lista de externar gratidão é extensa: Socorro Costa, me ensinou o mundo da revisão

jornalística; José Carlos dos Anjos, um mestre da chefia de reportagem que me orientou e me corrigiu no cumprimento das pautas – foi um professor, além de dividirmos uma vida fora das redações (naquela época as amizades eram uma extensão das redações); Silvana Sorrentino, com quem dei os primeiros passos numa assessoria institucional; e Augusto Magalhães, que, além de colega de turma na universidade, me estimulou a ter alegria e prazer no fazer jornalístico.

E continua a lista: Marcus Antonius, amigo de verdade e que enriqueceu meus textos com o seu talento fotográfico; Neno Rabello, um chefe amigo – apesar de discutirmos muito – que me deu toda a confiança e liberdade à frente da revista A Semana, que durou 17 anos; Jonas Batista, que me apontou todos os passos – e macetes – na cobertura da política paraibana; Nonato Bandeira, sempre demonstrando confiança no meu trabalho; e Gilson Souto Maior, que me proporcionou uma bagagem enorme de aprendizado e ensinamentos, além de “me proteger” e me fazer sentir que éramos amigos de verdade.

A lista de nomes é enorme. Cito ainda (e eles sabem o porquê): Róbson Nóbrega, Adriana Galvão, Fred Oliveira, Andréa Viagas, Maria Helena Rangel, Walquíria Maria, Agê Santana (meu “cumpade”), Valério Ayres, Klécio Bezerra (meu parceiro de verdade, que me ajudou demais); Nara Valuska

(colega eterna), Alexandre Nunes (faz muita falta na minha vida), Hilton Gouveia (parceiro de primeira), Cristina Dias, Cristina Fernandes, Alex Carvalho, Emanuel Noronha (amigo), Paulo Sérgio (meu cúmplice, no trabalho e nas pidades), Antônio Hilberto (saudades eternas), Cristovam Tadeu, José Inácio (Zezinho), Eduardo Santos (parceiro e amigo de verdade), Ricardo Anísio, Carlos Aranha, Albiege Fernandes, Sandra Vieira, Célia Leal, Gláudenice Nunes, Célia Chaves...

E, vou ser obrigado a parar com a lista. É muita gente. E todos os outros que não foram citados que se sintam lembrados... Abraços e abraçadas. Mas um nome é especial: Agnaldo Almeida. Todas as oportunidades possíveis à profissão de um jornalista na Paraíba foram dispensadas e confiadas a mim por Agnaldo Almeida. Sempre foi o “meu parquinho”, confiando e acreditando no meu trabalho. Obrigado, Agnaldo. Minha infinita gratidão a você.

(...)

Mais uma vez, excepcionalmente, não teremos hoje a coluna da jornalista Angélica Lúcio. Em férias, ela retomou seu espaço no próximo domingo (9). E novamente agradecemos à compreensão dos assinantes e demais leitores.

ROTA PERIGOSA

Governo mantinha depósitos para náufragos sobreviverem

Muitas tripulações se perdiam durante viagens para a Nova Zelândia

Da Redação

Com uma rota perigosa, muitas tripulações se perdiam durante viagens para a Nova Zelândia, o que incentivou a construção dos depósitos e inserção de animais para consumo. As pequenas construções eram abastecidas pelo governo a cada seis meses, que aproveitava para buscar por sobreviventes.

A Nova Zelândia é um país localizado no sudoeste do Oceano Pacífico, por conta disso, possui uma rota marítima até a Europa extremamente complicada. O caminho se tornou um problema para os marinheiros responsáveis pela comercialização entre continentes durante os anos a partir de 1860.

Segundo o portal IFL Science, e reproduzido pela Revista Casa e Jardim, um dos incidentes mais memoráveis aconteceu em janeiro de 1864, quando a escuna Grafton encalhou em uma das ilhas subantárticas neozelandesas durante uma tempestade.

Os cinco tripulantes sobreviveram e desembarcaram em uma canoa com o máximo de comida, café e fumo que puderam carregar. Os 19 meses seguintes foram de muita aflição, vivendo em barracos e comendo filhotes de leões-marinhos até que três deles tiveram a oportunidade de navegar para a Ilha Stewart e enviar resgate para os dois restantes.

Infelizmente, esse não foi o único caso envolvendo acidentes em mares do sul, fazendo com que o go-



Construções variavam de depósitos de alimentos a cabanas, que eram destinadas aos náufragos

verno neozelandês decidiu equipar as ilhas com pequenas casas cheias de mantimentos em situações de naufrágios.

As construções variavam de depósitos de alimentos a cabanas, onde os náufragos poderiam viver enquanto aguardavam o resgate. Já nas ilhas que permitiam, o governo inseriu ovelhas, cabras, vacas e coelhos, para fornecer carne e leite aos assistidos.

Esta medida, entretanto, foi pensada para auxiliar em momentos desesperadores, mas não garantia que os navegantes fossem encontrados. Por conta disso, a Nova Zelândia também criou um plano de resgate: seriam frequentemente enviados navios para manter os estoques e verificar as ilhas em busca de sobreviventes perdidos – esta viagem acontecia a cada seis meses.

As pequenas instalações foram muito bem usadas: em 1907, a tripulação do Dundonald encalhou na Ilha da Decepção. Os 15 sobreviventes conseguiram viver de peixes, pássaros e um repolho nativo da ilha. Sete meses depois, a tripulação conseguiu montar um barco que os permitiu navegar até o depósito na Ilha de Auckland. Assim,

foi possível sobreviver com os suprimentos que encontraram pelas próximas seis semanas, antes que o resgate chegasse.

Após os anos de 1900, o governo parou de manter os depósitos devido ao desenvolvimento do rádio e de outras tecnologias, mas as estruturas dos depósitos são mantidas para a memória e o turismo.

Imagem: Pixabay

?

Charada

Francelino Soares:

francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Caminha (2) = passa + nota musical (1) = dó – Solução: percorrido (3) = passado. **Charada de hoje:** Este período (2) da vida me conduz pelo caminho (2) da pista das bicicletas (4).

Tiras

O Conde



Zé Meiota



28

A UNIÃO

João Pessoa, Paraíba

DOMINGO, 2 de julho de 2023

Foto: Wikipédia

Eita!!!

Mais de 10 milhões de discos

A paraibana Elba Ramalho é considerada uma das maiores vozes da música popular brasileira. Cantora, compositora, atriz e multi-instrumentista vendeu mais de 10 milhões de discos ao longo dos seus quase 45 anos de carreira fonográfica. Nascida em Conceição, em 1951, mudou-se para Campina Grande aos 11 anos. Com 14 anos, participou do Coral Falado Manuel Bandeira, que fazia encenações híbridas da poética nacional e internacional, misturando música, dança e teatro.

Banda de rock só de garotas

Ainda na escola, entrou para uma banda de rock de garotas, formada com influências da Jovem Guarda, chamada As Brásas, em que tocava primeiro guitarra e depois bateria. Seu pai não queria que ela trabalhasse com arte e, para afastá-la da música e do teatro, mandou-a junto com uma de suas irmãs para morar em um pensionato e fazer os últimos anos de colégio em João Pessoa, onde forma um novo conjunto de meninas, as Golden Girls.

Atuação em ‘Morte e Vida Severina’

Em 1968, Elba atuou em uma montagem da peça ‘Morte e Vida Severina’, de João Cabral de Melo Neto, se apresentando em Campina Grande, João Pessoa, Recife e Rio de Janeiro. Neste mesmo ano, participou ativamente de apresentações dos Corais Falados Manuel Bandeira e Cecília Meireles.

Diretora de departamento

Em 1969, voltou para Campina Grande para terminar o último ano da escola e atuou no show musical ‘Corais: Poesia e Tempo’, uma retrospectiva dos quatro anos de apresentações do grupo de Coral Falado. O grupo cresceu, saiu do ambiente escolar e se transformou na Fundação Artístico-Cultural Manuel Bandeira, a Facma. A instituição foi subdividida em departamentos e Elba tornou-se a diretora do Departamento Cênico-Musical.

Direção musical de peça teatral

Pela Facma, Elba atuou na peça ‘Diálogo das Carmelitas’, de Georges Bernanos, se apresentando por diversos estados. Em 1971, atuou e fez a direção musical da peça ‘De Como Casar Com Uma Herdeira Rica ou Como Se Fazer Um Bom Enterro’, de Vital Santos.

Direito, Economia e Sociologia

Por pressão da família, ela iniciou a Faculdade de Direito, mas logo desistiu. Depois, iniciou também nos cursos de Economia e de Sociologia, mas não concluiu nenhum deles. Em 1972, protagonizou a peça ‘O Ministro do Supremo’, de Armando Gonzaga, e participou da organização do Festival Campinense de Música Popular Brasileira.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – cabelo do gênio; 2 – boca; 3 – adaga; 4 – tábua; 5 – funça do gênio; 6 – tapete; 7 – bico da lâmpada; 8 – brinco do menino; 9 – biquinho; 10 – nariz do gênio; 11 – nariz do menino; 12 – nariz do menino; 13 – nariz do menino; 14 – nariz do menino; 15 – nariz do menino; 16 – nariz do menino; 17 – nariz do menino; 18 – nariz do menino; 19 – nariz do menino; 20 – nariz do menino; 21 – nariz do menino; 22 – nariz do menino; 23 – nariz do menino; 24 – nariz do menino; 25 – nariz do menino; 26 – nariz do menino; 27 – nariz do menino; 28 – nariz do menino; 29 – nariz do menino; 30 – nariz do menino; 31 – nariz do menino; 32 – nariz do menino; 33 – nariz do menino; 34 – nariz do menino; 35 – nariz do menino; 36 – nariz do menino; 37 – nariz do menino; 38 – nariz do menino; 39 – nariz do menino; 40 – nariz do menino; 41 – nariz do menino; 42 – nariz do menino; 43 – nariz do menino; 44 – nariz do menino; 45 – nariz do menino; 46 – nariz do menino; 47 – nariz do menino; 48 – nariz do menino; 49 – nariz do menino; 50 – nariz do menino; 51 – nariz do menino; 52 – nariz do menino; 53 – nariz do menino; 54 – nariz do menino; 55 – nariz do menino; 56 – nariz do menino; 57 – nariz do menino; 58 – nariz do menino; 59 – nariz do menino; 60 – nariz do menino; 61 – nariz do menino; 62 – nariz do menino; 63 – nariz do menino; 64 – nariz do menino; 65 – nariz do menino; 66 – nariz do menino; 67 – nariz do menino; 68 – nariz do menino; 69 – nariz do menino; 70 – nariz do menino; 71 – nariz do menino; 72 – nariz do menino; 73 – nariz do menino; 74 – nariz do menino; 75 – nariz do menino; 76 – nariz do menino; 77 – nariz do menino; 78 – nariz do menino; 79 – nariz do menino; 80 – nariz do menino; 81 – nariz do menino; 82 – nariz do menino; 83 – nariz do menino; 84 – nariz do menino; 85 – nariz do menino; 86 – nariz do menino; 87 – nariz do menino; 88 – nariz do menino; 89 – nariz do menino; 90 – nariz do menino; 91 – nariz do menino; 92 – nariz do menino; 93 – nariz do menino; 94 – nariz do menino; 95 – nariz do menino; 96 – nariz do menino; 97 – nariz do menino; 98 – nariz do menino; 99 – nariz do menino; 100 – nariz do menino; 101 – nariz do menino; 102 – nariz do menino; 103 – nariz do menino; 104 – nariz do menino; 105 – nariz do menino; 106 – nariz do menino; 107 – nariz do menino; 108 – nariz do menino; 109 – nariz do menino; 110 – nariz do menino; 111 – nariz do menino; 112 – nariz do menino; 113 – nariz do menino; 114 – nariz do menino; 115 – nariz do menino; 116 – nariz do menino; 117 – nariz do menino; 118 – nariz do menino; 119 – nariz do menino; 120 – nariz do menino; 121 – nariz do menino; 122 – nariz do menino; 123 – nariz do menino; 124 – nariz do menino; 125 – nariz do menino; 126 – nariz do menino; 127 – nariz do menino; 128 – nariz do menino; 129 – nariz do menino; 130 – nariz do menino; 131 – nariz do menino; 132 – nariz do menino; 133 – nariz do menino; 134 – nariz do menino; 135 – nariz do menino; 136 – nariz do menino; 137 – nariz do menino; 138 – nariz do menino; 139 – nariz do menino; 140 – nariz do menino; 141 – nariz do menino; 142 – nariz do menino; 143 – nariz do menino; 144 – nariz do menino; 145 – nariz do menino; 146 – nariz do menino; 147 – nariz do menino; 148 – nariz do menino; 149 – nariz do menino; 150 – nariz do menino; 151 – nariz do menino; 152 – nariz do menino; 153 – nariz do menino; 154 – nariz do menino; 155 – nariz do menino; 156 – nariz do menino; 157 – nariz do menino; 158 – nariz do menino; 159 – nariz do menino; 160 – nariz do menino; 161 – nariz do menino; 162 – nariz do menino; 163 – nariz do menino; 164 – nariz do menino; 165 – nariz do menino; 166 – nariz do menino; 167 – nariz do menino; 168 – nariz do menino; 169 – nariz do menino; 170 – nariz do menino; 171 – nariz do menino; 172 – nariz do menino; 173 – nariz do menino; 174 – nariz do menino; 175 – nariz do menino; 176 – nariz do menino; 177 – nariz do menino; 178 – nariz do menino; 179 – nariz do menino; 180 – nariz do menino; 181 – nariz do menino; 182 – nariz do menino; 183 – nariz do menino; 184 – nariz do menino; 185 – nariz do menino; 186 – nariz do menino; 187 – nariz do menino; 188 – nariz do menino; 189 – nariz do menino; 190 – nariz do menino; 191 – nariz do menino; 192 – nariz do menino; 193 – nariz do menino; 194 – nariz do menino; 195 – nariz do menino; 196 – nariz do menino; 197 – nariz do menino; 198 – nariz do menino; 199 – nariz do menino; 200 – nariz do menino; 201 – nariz do menino; 202 – nariz do menino; 203 – nariz do menino; 204 – nariz do menino; 205 – nariz do menino; 206 – nariz do menino; 207 – nariz do menino; 208 – nariz do menino; 209 – nariz do menino; 210 – nariz do menino; 211 – nariz do menino; 212 – nariz do menino; 213 – nariz do menino; 214 – nariz do menino; 215 – nariz do menino; 216 – nariz do menino; 217 – nariz do menino; 218 – nariz do menino; 219 – nariz do menino; 220 – nariz do menino; 221 – nariz do menino; 222 – nariz do menino; 223 – nariz do menino; 224 – nariz do menino; 225 – nariz do menino; 226 – nariz do menino; 227 – nariz do menino; 228 – nariz do menino; 229 – nariz do menino; 230 – nariz do menino; 231 – nariz do menino; 232 – nariz do menino; 233 – nariz do menino; 234 – nariz do menino; 235 – nariz do menino; 236 – nariz do menino; 237 – nariz do menino; 238 – nariz do menino; 239 – nariz do menino; 240 – nariz do menino; 241 – nariz do menino; 242 – nariz do menino; 243 – nariz do menino; 244 – nariz do menino; 245 – nariz do menino; 246 – nariz do menino; 247 – nariz do menino; 248 – nariz do menino; 249 – nariz do menino; 250 – nariz do menino; 251 – nariz do menino; 252 – nariz do menino; 253 – nariz do menino; 254 – nariz do menino; 255 – nariz do menino; 256 – nariz do menino; 257 – nariz do menino; 258 – nariz do menino; 259 – nariz do menino; 260 – nariz do menino; 261 – nariz do menino; 262 – nariz do menino; 263 – nariz do menino; 264 – nariz do menino; 265 – nariz do menino; 266 – nariz do menino; 267 – nariz do menino; 268 – nariz do menino; 269 – nariz do menino; 270 – nariz do menino; 271 – nariz do menino; 272 – nariz do menino; 273 – nariz do menino; 274 – nariz do menino; 275 – nariz do menino; 276 – nariz do menino; 277 – nariz do menino; 278 – nariz do menino; 279 – nariz do menino; 280 – nariz do menino; 281 – nariz do menino; 282 – nariz do menino; 283 – nariz do menino; 284 – nariz do menino; 285 – nariz do menino; 286 – nariz do menino; 287 – nariz do menino; 288 – nariz do menino; 289 – nariz do menino; 290 – nariz do menino; 291 – nariz do menino; 292 – nariz do menino; 293 – nariz do menino; 294 – nariz do menino; 295 – nariz do menino; 296 – nariz do menino; 297 – nariz do menino; 298 – nariz do menino; 299 – nariz do menino; 300 – nariz do menino; 301 – nariz do menino; 302 – nariz do menino; 303 – nariz do menino; 304 – nariz do menino; 305 – nariz do menino; 306 – nariz do menino; 307 – nariz do menino; 308 – nariz do menino; 309 – nariz do menino; 310 – nariz do menino; 311 – nariz do menino; 312 – nariz do menino; 313 – nariz do menino; 314 – nariz do menino; 315 – nariz do menino; 316 – nariz do menino; 317 – nariz do menino; 318 – nariz do menino; 319 – nariz do menino; 320 – nariz do menino; 321 – nariz do menino; 322 – nariz do menino; 323 – nariz do menino; 324 – nariz do menino; 325 – nariz do menino; 326 – nariz do menino; 327 – nariz do menino; 328 – nariz do menino; 329 – nariz do menino; 330 – nariz do menino; 331 – nariz do menino; 332 – nariz do menino; 333 – nariz do menino; 334 – nariz do menino; 335 – nariz do menino; 336 – nariz do menino; 337 – nariz do menino; 338 – nariz do menino; 339 – nariz do menino; 340 – nariz do menino; 341 – nariz do menino; 342 – nariz do menino; 343 – nariz do menino; 344 – nariz do menino; 345 – nariz do menino; 346 – nariz do menino; 347 – nariz do menino; 348 – nariz do menino; 349 – nariz do menino; 350 – nariz do menino; 351 – nariz do menino; 352 – nariz do menino; 353 – nariz do menino; 354 – nariz do menino; 355 – nariz do menino; 356 – nariz do menino; 357 – nariz do menino; 358 – nariz do menino; 359 – nariz do menino; 360 – nariz do menino; 361 – nariz do menino; 362 – nariz do menino; 363 – nariz do menino; 364 – nariz do menino; 365 – nariz do menino; 366 – nariz do menino; 367 – nariz do menino; 368 – nariz do menino; 369 – nariz do menino; 370 – nariz do menino; 371 – nariz do menino; 372 – nariz do menino; 373 – nariz do menino; 374 – nariz do menino; 375 – nariz do menino; 376 – nariz do menino; 377 – nariz do menino; 378 – nariz do menino; 379 – nariz do menino; 380 – nariz do menino; 381 – nariz do menino; 382 – nariz do menino; 383 – nariz do menino; 384 – nariz do menino; 385 – nariz do menino; 386 – nariz do menino; 387 – nariz do menino; 388 – nariz do menino; 389 – nariz do menino; 390 – nariz do menino; 391 – nariz do menino; 392 – nariz do menino; 393 – nariz do menino; 394 – nariz do menino; 395 – nariz do menino; 396 – nariz do menino; 397 – nariz do menino; 398 – nariz do menino; 399 – nariz do menino; 400 – nariz do menino; 401 – nariz do menino; 402 – nariz do menino; 403 – nariz do menino; 404 – nariz do menino; 405 – nariz do menino; 406 – nariz do menino; 407 – nariz do menino; 408 – nariz do menino; 409 – nariz do menino; 410 – nariz do menino; 411 – nariz do menino; 412 – nariz do menino; 413 – nariz do menino; 414 – nariz do menino; 415 – nariz do menino; 416 – nariz do menino; 417 – nariz do menino; 418 – nariz do menino; 419 – nariz do menino; 420 – nariz do menino; 421 – nariz do menino; 422 – nariz do menino; 423 – nariz do menino; 424 – nariz do menino; 425 – nariz do menino; 426 – nariz do menino; 427 – nariz do menino; 428 – nariz do menino; 429 – nariz do menino; 430 – nariz do menino; 431 – nariz do menino; 432 – nariz do menino; 433 – nariz do menino; 434 – nariz do menino; 435 – nariz do menino; 436 – nariz do menino; 437 – nariz do menino; 438 – nariz do menino; 439 – nariz do menino; 440 – nariz do menino; 441 – nariz do menino; 442 – nariz do menino; 443 – nariz do menino; 444 – nariz do menino; 445 – nariz do menino; 446 – nariz do menino; 447 – nariz do menino; 448 – nariz do menino; 449 – nariz do menino; 450 – nariz do menino; 451 – nariz do menino; 452 – nariz do menino; 453 – nariz do menino; 454 – nariz do menino; 455 – nariz do menino; 456 – nariz do menino; 457 – nariz do menino; 458 – nariz do menino; 459 – nariz do menino; 460 – nariz do menino; 461 – nariz do menino; 462 – nariz do menino; 463 – nariz do menino; 464 – nariz do menino; 465 – nariz do menino; 466 – nariz do menino; 467 – nariz do menino; 468 – nariz do menino; 469 – nariz do menino; 470 – nariz do menino; 471 – nariz do menino; 472 – nariz do menino; 473 – nariz do menino; 474 – nariz do menino; 475 – nariz do menino; 476 – nariz do menino; 477 – nariz do menino; 478 – nariz do menino; 479 – nariz do menino; 480 – nariz do menino; 481 – nariz do menino; 482 – nariz do menino; 483 – nariz do menino; 484 – nariz do menino; 485 – nariz do menino; 486 – nariz do menino; 487 – nariz do menino; 488 – nariz do menino; 489 – nariz do menino; 490 – nariz do menino; 491 – nariz do menino; 492 – nariz do menino; 493 – nariz do menino; 494 – nariz do menino; 495 – nariz do menino; 496 – nariz do menino; 497 – nariz do menino; 498 – nariz do menino; 499 – nariz do menino; 500 – nariz do menino; 501 – nariz do menino; 502 – nariz do menino; 503 – nariz do menino; 504 – nariz do menino; 505 – nariz do menino; 506 – nariz do menino; 507 – nariz do menino; 508 – nariz do menino; 509 – nariz do menino; 510 – nariz do menino; 511 – nariz do menino; 512 – nariz do menino; 513 – nariz do menino; 514 – nariz do menino; 515 – nariz do menino; 516 – nariz do menino; 517 – nariz do menino; 518 – nariz do menino; 519 – nariz do menino; 520 – nariz do menino; 521 – nariz do menino; 522 – nariz do menino; 523 – nariz do menino; 524 – nariz do menino; 525 – nariz do menino; 526 – nariz do menino; 527 – nariz do menino; 528 – nariz do menino; 529 – nariz do menino; 530 – nariz do menino; 531 – nariz do menino; 532 – nariz do menino; 533 – nariz do menino; 534 – nariz do menino; 535 – nariz do menino; 536 – nariz do menino; 537 – nariz do menino; 538 – nariz do menino; 539 – nariz do menino; 540 – nariz do menino; 541 – nariz do menino; 542 – nariz do menino; 543 – nariz do menino; 544 – nariz do menino; 545 – nariz do menino; 546 – nariz do menino; 547 – nariz do menino; 548 – nariz do menino; 549 – nariz do menino; 550 – nariz do menino; 551 – nariz do menino; 552 – nariz do menino; 553 – nariz do menino; 554 – nariz do menino; 555 – nariz do menino; 556 – nariz do menino; 557 – nariz do menino; 558 – nariz do menino; 559 – nariz do menino; 560 – nariz do menino; 561 – nariz do menino; 562 – nariz do menino; 563 – nariz do menino; 564 – nariz do menino; 565 – nariz do menino; 566 – nariz do menino; 567 – nariz do menino; 568 – nariz do menino; 569 – nariz do menino; 570 – nariz do menino; 571 – nariz do menino; 572 – nariz do menino; 573 – nariz do menino; 574 – nariz do menino; 575 – nariz do menino; 576 – nariz do menino; 577 – nariz do menino; 578 – nariz do menino; 579 – nariz do menino; 580 – nariz do menino; 581 – nariz do menino; 582 – nariz do menino; 583 – nariz do menino; 584 – nariz do menino; 585 – nariz do menino; 586 – nariz do menino; 587 – nariz do menino; 588 – nariz do menino; 589 – nariz do menino; 590 – nariz do menino; 591 – nariz do menino; 592 – nariz do menino; 593 – nariz do menino; 594 – nariz do menino; 595 – nariz do menino; 596 – nariz do menino; 597 – nariz do menino; 598 – nariz do menino; 599 – nariz do menino; 600 – nariz do menino; 601 – nariz do menino; 602 – nariz do menino; 603 – nariz do menino; 604 – nariz do menino; 605 – nariz do menino; 606 – nariz do menino; 607 – nariz do menino; 608 – nariz do menino; 609 – nariz do menino; 610 – nariz do menino; 611 – nariz do menino; 612 – nariz do menino; 613 – nariz do menino; 614 – nariz do menino; 615 – nariz do menino; 616 – nariz do menino; 617 – nariz do menino; 618 – nariz do menino; 619 – nariz do menino; 620 – nariz do menino; 621 – nariz do menino; 622 – nariz do menino; 623 – nariz do menino; 624 – nariz do menino; 625 – nariz do menino; 626 – nariz do menino; 627 – nariz do menino; 628 – nariz do menino; 629 – nariz do menino; 630 – nariz do menino; 631 – nariz do menino; 632 – nariz do menino; 633 – nariz do menino; 634 – nariz do menino; 635 – nariz do menino; 636 – nariz do menino; 637 – nariz do menino; 638 – nariz do menino; 639 – nariz do menino; 640 – nariz do menino; 641 – nariz do menino; 642 – nariz do menino; 643 – nariz do menino; 644 – nariz do menino; 645 – nariz do menino; 646 – nariz do menino; 647 – nariz do menino; 648 – nariz do menino; 649 – nariz do menino; 650 – nariz do menino; 651 – nariz do menino; 652 – nariz do menino; 653 – nariz do menino; 654 – nariz do menino; 655 – nariz do menino; 656 – nariz do menino; 657 – nariz do menino; 658 – nariz do menino; 659 – nariz do menino; 660 – nariz do menino; 661 – nariz do menino; 662 – nariz do menino; 663 – nariz do menino; 664 – nariz do menino; 665 – nariz do menino; 666 – nariz do menino; 667 – nariz do menino; 668 – nariz do menino; 669 – nariz do menino; 670 – nariz do menino; 671 – nariz do menino; 672 – nariz do menino; 673 – nariz do menino; 674 – nariz do menino; 675 – nariz do menino; 676 – nariz do menino; 677 – nariz do menino; 678 – nariz do menino; 679 – nariz do menino; 680 – nariz do menino; 681 – nariz do menino; 682 – nariz do menino; 683 – nariz do menino; 684 – nariz do menino; 685 – nariz do menino; 686 – nariz do menino; 687 – nariz do menino; 688 – nariz do menino; 689 – nariz do menino; 690 – nariz do menino; 691 – nariz do menino; 692 – nariz do menino; 693 – nariz do menino; 694 – nariz do menino; 695 – nariz do menino; 696 – nariz do menino; 697 – nariz do menino; 698 – nariz do menino; 699 – nariz do menino; 700 – nariz do menino; 701 – nariz do menino; 702 – nariz do menino; 703 – nariz do menino; 704 – nariz do menino; 705 – nariz do menino; 706 – nariz do menino; 707 – nariz do menino; 708 – nariz do menino; 709 – nariz do menino; 710 – nariz do menino; 711 – nariz do menino; 712 – nariz do menino; 713 – nariz do menino; 714 – nariz do menino; 715 – nariz do menino; 716 – nariz do menino; 717 – nariz do menino; 718 – nariz do menino; 719 – nariz do menino; 720 – nariz do menino; 721 – nariz do menino; 722 – nariz do menino; 723 – nariz do menino; 724 – nariz do menino; 725 – nariz do menino; 726 – nariz do menino; 727 – nariz do menino; 728 – nariz do menino; 729 – nariz do menino; 730 – nariz do menino; 731 – nariz do menino; 732 – nariz do menino; 733 – nariz do menino; 734 – nariz do menino; 735 – nariz do menino; 736 – nariz do menino; 737 – nariz do menino; 738 – nariz do menino; 739 – nariz do menino; 740 – nariz do menino; 741 – nariz do menino; 742 – nariz do menino; 743 – nariz do menino; 744 – nariz do menino; 745 – nariz do menino; 746 – nariz do menino; 747 – nariz do menino; 748 – nariz do menino; 749 – nariz do menino; 750 – nariz do menino; 751 – nariz do menino; 752 – nariz do menino; 753 – nariz do menino; 754 – nariz do menino; 755 – nariz do menino; 756 – nariz do menino; 757 – nariz do menino; 758 – nariz do menino; 759 – nariz do menino; 760 – nariz do menino; 761 – nariz do menino; 762 – nariz do menino; 763 – nariz do menino; 764 – nariz do menino; 765 – nariz do menino; 766 – nariz do menino; 767 – nariz do menino; 768 – nariz do menino; 769 – nariz do menino; 770 – nariz do menino; 771 – nariz do menino; 772 – nariz do menino; 773 – nariz do menino; 774 – nariz do menino; 775 – nariz do menino; 776 – nariz do menino; 777 – nariz do menino; 778 – nariz do menino; 779 – nariz do menino; 780 – nariz do menino; 781 – nariz do menino; 782 – nariz do menino; 783 – nariz do menino; 784 – nariz do menino; 785 – nariz do menino; 786 – nariz do menino; 787 – nariz do menino; 788 – nariz do menino; 789 – nariz do menino; 790 – nariz do menino; 791 – nariz do menino; 792 – nariz do menino; 793 – nariz do menino; 794 – nariz do menino; 795 – nariz do menino; 796 – nariz do menino; 797 – nariz do menino; 798 – nariz do menino; 799 – nariz do menino; 800 – nariz do menino; 801 – nariz do menino; 802 – nariz do menino; 803 – nariz do menino; 804 – nariz do menino; 805 – nariz do menino; 806 – nariz do menino; 807 – nariz do menino; 808 – nariz do menino; 809 – nariz do menino; 810 – nariz do menino; 811 – nariz do menino; 812 – nariz do menino; 813 – nariz do menino; 814 – nariz do menino; 815 – nariz do menino; 816 – nariz do menino; 817 – nariz do menino; 818 – nariz do menino; 819 – nariz do menino; 820 – nariz do menino; 821 – nariz do menino; 822 – nariz do menino; 823 – nariz do menino; 824 – nariz do menino; 825 – nariz do menino; 826 – nariz do menino; 827 – nariz do menino; 828 – nariz do menino; 829 – nariz do menino; 830 – nariz do menino; 831 – nariz do menino; 832 – nariz do menino; 833 – nariz do menino; 834 – nariz do menino; 835 – nariz do menino; 836 – nariz do menino; 837 – nariz do menino; 838 – nariz do menino; 839 – nariz do menino; 840 – nariz do menino; 841 – nariz do menino; 842 – nariz do menino; 843 – nariz do menino; 844 – nariz do menino; 845 – nariz do menino; 846 – nariz do menino; 847 – nariz do menino; 848 – nariz do menino; 849 – nariz do menino; 850 – nariz do menino; 851 – nariz do menino; 852 – nariz do menino; 853 – nariz do menino; 854 – nariz do menino; 855 – nariz do menino; 856 – nariz do menino; 857 – nariz do menino; 858 – nariz do menino; 859 – nariz do menino; 860 – nariz do menino; 861 – nariz do menino; 862 – nariz do menino; 863 – nariz do menino; 864 – nariz do menino; 865 – nariz do menino; 866 – nariz do menino; 867 – nariz do menino; 868 – nariz do menino; 869 – nariz do menino; 870 – nariz do menino; 871 – nariz do menino; 872 – nariz do menino; 873 – nariz do menino; 874 – nariz do menino; 875 – nariz do menino; 876 – nariz do menino; 877 – nariz do menino; 878 – nariz do menino; 879 – nariz do menino; 880 – nariz do menino; 881 – nariz do menino; 882 – nariz do menino; 883 – nariz do menino; 884 – nariz do menino; 885 – nariz do menino; 886 – nariz do menino; 887 – nariz do menino; 888 – nariz do menino; 889 – nariz do menino; 890 – nariz do menino; 891 – nariz do menino; 892 – nariz do menino; 893 – nariz do menino; 894 – nariz do menino; 895 – nariz do menino; 896 – nariz do menino; 897 – nariz do menino; 898 – nariz do menino; 899 – nariz do menino; 900 – nariz do menino; 901 – nariz do menino; 902 – nariz do menino; 903 – nariz do menino; 904 – nariz do menino; 905 – nariz do menino; 906 – nariz do menino; 907 – nariz do menino; 908 – nariz do menino; 909 – nariz do menino; 910 – nariz do menino; 911 – nariz do menino; 912 – nariz do menino; 913 – nariz do menino; 914 – nariz do menino; 915 – nariz do menino; 916 – nariz do menino; 917 – nariz do menino; 918 – nariz do menino; 919 – nariz do menino; 920 – nariz do menino; 921 – nariz do menino; 922 – nariz do menino; 923 – nariz do menino; 924 – nariz do menino; 925 – nariz do menino; 926 – nariz do menino; 927 – nariz do menino; 928 – nariz do menino; 929 – nariz do menino; 930 – nariz do menino; 931 – nariz do menino; 932 – nariz do menino; 933 – nariz do menino; 934 – nariz do menino; 935 – nariz do menino; 936 – nariz do menino; 937 – nariz do menino; 938 – nariz do menino; 939 – nariz do menino; 940 – nariz do menino; 941 – nariz do menino; 942 – nariz do menino; 943 – nariz do menino; 944 – nariz do menino; 945 – nariz do menino; 946 – nariz do menino; 947 – nariz do menino; 948 – nariz do menino; 949 – nariz do menino; 950 – nariz do menino; 951 – nariz do menino; 952 – nariz do menino; 953 – nariz do menino; 954 – nariz do menino; 955 – nariz do menino; 956 – nariz do menino; 957 – nariz do menino; 958 – nariz do menino; 959 – nariz do menino; 960 – nariz do menino; 961 – nariz do menino; 962 – nariz do menino; 963 – nariz do menino; 964 – nariz do menino; 965 – nariz do menino; 966 – nariz do menino; 967 – nariz do menino; 968 – nariz do menino; 969 – nariz do menino; 970 – nariz do menino; 971 – nariz do menino; 972 – nariz do menino; 973 – nariz do menino; 974 – nariz do menino; 975 – nariz do menino; 976 – nariz do menino; 977 – nariz do menino; 978 – nariz do menino; 979 – nariz do menino; 980 – nariz do menino; 981 – nariz do menino; 982 – nariz do menino; 983 – nariz do menino; 984 – nariz do menino; 985 – nariz do menino; 986 – nariz do menino; 987 – nariz do menino; 988 – nariz do menino; 989 – nariz do menino; 990 – nariz do menino; 991 – nariz do menino; 992 – nariz do menino; 993 – nariz do menino; 994 – nariz do menino; 995 – nariz do menino; 996 – nariz do menino; 997 – nariz do menino; 998 – nariz do menino; 999 – nariz do menino; 1000 – nariz do menino; 1001 – nariz do menino; 1002 – nariz do menino; 1003 – nariz do menino; 1004 – nariz do menino; 1005 – nariz do menino; 1006 – nariz do menino; 1007 – nariz do menino; 1008 – nariz do menino; 1009 – nariz do menino; 1010 – nariz do menino; 1011 – nariz do menino; 1012 – nariz do menino; 1013 – nariz do menino; 1014 – nariz do menino; 1015 – nariz do menino; 1016 – nariz do menino; 1017 – nariz do menino; 1018 – nariz do menino; 1019 – nariz do menino; 1020 – nariz do menino; 1021 – nariz do menino; 1022 – nariz do menino; 1023 – nariz do menino; 1024 – nariz do menino; 1025 – nariz do menino; 1026 – nariz do menino;